

Pe. LOURENÇO SALES
Missionário da Consolata

O Coração de Jesus ***ao Mundo***

Dos escritos de Sórora M. Consolata Betrone
Religiosa Capuchinha

TRADUÇÃO DA 4ª EDIÇÃO ITALIAN

Por A. P.

2ª. Edição Portuguesa

† Livros Católicos para Download



— EDIÇÕES PAULINAS —
FORTALEZA — 1952 — CEARÁ

VISTO: Imprima-se e propague-se.

Fortaleza, 22 de Maio de 1952.

Sac. Alberione

Sup. Geral da Pia Soc. de S. Paulo

N I H I L O B S T A T

Fortaleza, 20 de maio de 1952

Pe. Paulino V., S. J.

Censor Arquidiocesano.

I M P R I M A T U R

Fortaleza, 20 de maio de 1952

+ Antônio,

Arcebispo de Fortaleza.

D E C L A R A Ç Ã O

O Autor declara que as apreciações e as coisas contidas nestas páginas são fundadas em convicções puramente humanas, e que com as expressões: «lições divinas», «ensinamentos divinos», «ditos de Jesus e de Maria», «revelações», «visões», etc. . não tem intenção de prevenir de modo algum o juízo da Santa Madre Igreja, da qual se professa filho amantíssimo e obediente.

— Acabou-se de imprimir a 24 de Maio de 1952 —

FESTA DA RAINHA DOS APÓSTOLOS

Apresentação

Este opúsculo contém a parte central e — diremos — substancial do volume da vida e escritos de Sórora M. Consolata, religiosa capuchinha (1).

Sórora M. Consolata, no século Pierina Betrone, nasceu, a 6 de Abril de 1903, em Saluzzo. No ano seguinte a família foi fixar-se em Turim. Aos 13 anos, e precisamente na festa da Imaculada Conceição de 1916, Pierina, enquanto dava graças depois da sagrada Comunhão, ouviu pela primeira vez a voz interior que lhe perguntava: QUERES SER TODA MINHA? Sem compreender por inteiro a extensão da pergunta, a criança respondeu: “QUERO SIM, JESUS!”

Ser toda de Jesus era para ela fazer-se freira. Teve muito que lutar pela vocação. Viveu mesmo durante algum tempo sob dolorosa prova de espírito. Mas finalmente, a 17 de Abril de 1929, festa do Patrocínio de S. José, viu realizada a sua ardente aspiração: nesse dia entrava pelos umbrais do Mosteiro das Capuchinhas de Turim (Borgo Pó).

A 22 de Julho de 1939, havendo necessidade de desdobrar aquela Comunidade que se tinha tornado excessivamente numerosa, Sórora Consolata passou para o novo Mosteiro de Moriondo (Testona), onde a 18 de Julho de 1946, na idade de 43 anos, coroou, com santa morte, uma vida breve mas sobremodo intensa.

Os despojos mortais repousam no cemitério de Moncalieri.

Favorecida por Deus com grande dons, Sórora Consolata passou contudo despercebidamente em meio da pequena Comunidade. E não só isso, mas nem mesmo os dons divinos lhe fizeram nunca diminuir em nada o esforço que tem de fazer toda a criatura que aspira às culminâncias da Santidade. Cada passo dado no caminho da perfeição custou violência à sua natureza. E isto sempre, até ao extremo da vida, em luta cerrada contra os defeitos que lhe não falta-

(1) P. Lorenzo Sales — SUOR CONSOLATA BETRONE e IL DIVINO MESSAGGIO AL MONDO.

(Edizioni Paoline — ALBA).

ram, como não faltaram tentações, por vezes violentíssimas, contra quase todas as virtudes. A característica desta simples religiosa foi a tenacidade, a generosidade e o ardor combativo. Na doação de si mesma a Deus e ao próximo não soube o que fosse medida ou reserva.

Como outrora Santa Teresa do Menino Jesus, da qual é conquista gloriosa, Sórora Consolata recebeu de Deus missão e vocação particulares.

A MISSÃO, — para cumprimento da qual se ofereceu como vítima, prévia especial solicitação divina —, é em favor daqueles e daquelas que ela gostava de chamar SEUS IRMAOS e SUAS IRMÁS: — as almas sacerdotais e religiosas que prevaricaram. Sobremaneira consoladoras são as promessas de Jesus a este propósito como se pode ver no acima aludido volume da Vida.

A VOCAÇÃO particular dela foi a do amor: integrar, por assim dizer, a doutrina de S. Teresa do Menino Jesus acerca do caminho da infância espiritual, dando-lhe forma concreta, prática, acessível a todas as almas que a ele se sentem chamadas. Essa doutrina ou caminho de amor pode resumir-se nos seguintes três pontos, — substância dos ensinamentos de Jesus a Sórora Consolata:

- 1 — ACTO INCESSANTE DE AMOR (COM O CORAÇÃO).
- 2 — “SIM” A TODOS, COM UM SORRISO, VENDO E TRATANDO A JESUS EM TODOS.
- 3 — “SIM” A TUDO (a todas as solicitações e pedidos divinos) COM UM “OBRIGADO”.

Estes três pontos encontramos-os repetidas vezes compendiados nesta outra fórmula:

NÃO PERDER ACTO DE AMOR, NEM ACTO DE CARIDADE NEM ACTO DE SACRIFICIO, DE UMA COMUNHÃO A OUTRA.

Trata-se, portanto, de verdadeiro programa de vida espiritual, em que se compendiam os deveres da alma para com Deus, para com o próximo e para consigo mesma. Há que observar, porém, sempre segundo os ensinamentos divinos —, que a fidelidade ao “SIM” a todos e ao “SIM” a tudo é facilitada pela fidelidade ao ACTO INCESSANTE DE AMOR, o qual constitui, por isso, razão de ser da nova manifestação misericordiosa do Coração de Jesus.

Neste opúsculo trataremos exclusivamente do ACTO INCESSANTE DE AMOR.

Qual a nossa parte neste trabalho? — A de simples compilador. Coordenar a matéria de acordo com o nexo ló-

gico correspondente à finalidade previamente estabelecida. Da nossa lavra ajuntámos pouquíssimo: apenas o estritamente necessário para ligar entre si as diversas partes, com alguma que outra breve reflexão ou elucidação onde nós pareceu necessário ou de utilidade para o leitor.

O estilo é tal qual é: chão e popular. Não seríamos capazes de melhor, e, nem que fôssemos, o teríamos feito, para não transtornar nem tolher os desígnios de Deus na divulgação desta doutrina. Estamos em dizer que Jesus escolheu para o caso o instrumento menos apto, de modo que apareça bem claro que quem fez e faz tudo é Ele; e para que a doutrina do homem, abstrusa o mais das vezes, não fosse sobrepôr-se à Sua, sempre tão simples e clara, e na qual toda palavra é luz, verdade e vida.

O opúsculo, ou melhor, a doutrina nele contida, será para todas as almas? — Em nosso parecer, há que distinguir entre o que é vida de amor em geral e o que é prática da vida de amor conforme determinado método. No primeiro caso, estas páginas são indubitavelmente para todos, uma vez que é para todos o grande mandamento do amor de Deus. As lições divinas, nele contidas, mais não são, em substância, do que apelo insistente à observância desse mandamento: do qual faz parte não só o amor, mas também a perfeição do amor.

Agora, pelo que diz respeito à prática da vida de amor segundo o método ensinado por Jesus a Sórora Consolata, a coisa muda de feição. Neste caso, as lições divinas, — embora, sob certos aspectos, utilísimas para todos —, dirigem-se evidentemente a número mais restrito de almas: — às que, Religiosas ou não, favorecidas por especial vocação de amor e, por conseguinte, com atractivo para a vida de amor, desejam vivê-la em toda a sua perfeição.

Em qualquer caso, uma coisa nos parece certa: nada nela se contém que possa dalgum modo interferir no espírito próprio de cada Congregação Religiosa, tanto das de vida contemplativa como das de vida ativa. Ao contrário, só poderá ajudar, e muito, a mantê-lo em vigor ou a fazê-lo reflorescer, levando as almas ao perfeito exercício do amor de Deus, ao perfeito exercício da caridade mútua e da mortificação cristã; que estes são os três requisitos essenciais da vida e da perfeição religiosa. E tudo isto mesmo abstraído das promessas divinas que encontraremos.

Jesus quer a renovação espiritual do mundo, mas que-re-a através de um ressurgir mais vigoroso da vida sobrenatural nas almas e, em primeiro lugar, nas almas a Ele

consagradas. O fermento divino é que há de levedar a massa.

Ao Coração SSmo. de Jesus, por meio do Coração Imaculado de Maria, confiamos este humilde trabalho, pedindo o queira abençoar para que o seu reino de amor venha depressa ao mundo.

P. Lourenço Sales M.C.

† Livros Católicos para Download



Na Esteira de Santa Teresa do Menino Jesus

SÓROR CONSOLATA E A «HISTÓRIA DUMA ALMA»

A vida de infância espiritual não é novidade quanto à doutrina, e não vem dos homens. É do Evangelho (1).

Santa Teresa do Menino Jesus teve o mérito de haver compreendido, com certa genialidade maior de intuição, este ponto especial dos ensinamentos do Divino Mestre, e de o ter aplicado ao conjunto da vida

(1) Na verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus (*Mat. XVIII, 3*). Deixai vir a mim as criancinhas e não as estorveis porque destas tais é o reino de Deus (*Marc. X, 14*). Em verdade vos digo: Todo o que não receber o reino de Deus como um menino não entrará nele (*Marc. X, 15*). Todo aquele, pois, que se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos céus (*Mat. XVIII, 4*). Graças te dou, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelaste aos pequeninos. Assim é, ó Pai, porque assim foi do teu agrado (*Mat. XI, 25-26*).

Todo o canto do *Magnificat* não é outra coisa senão a exaltação da infância espiritual feita por Aquela em cujos lábios põe a Igreja estas palavras: "Congratulai-vos comigo, vós todos os que amais ao Senhor, porque por ser pequenina é que eu agradei ao Altíssimo" (*Da Liturgia*).

E ainda, quando S. Paulo escreve: "As coisas loucas segundo o mundo escolheu-as Deus para confundir os sá-

espiritual, apontando ao mundo a sua prática com o próprio exemplo.

Desta vida espiritual, do seu valor para o fim da santificação das almas e para o apostolado, da sua íntima conexão com as necessidades espirituais dos nossos tempos, já se disse e escreveu com cópia de doutrina e autoridade (2). Qualquer digressão, agora, da nossa parte, sobre o assunto, seria, além de supérflua, temerária. Mas, bem mais que as palavras, vallem os factos, para preconizar esse caminho de vida espiritual. Quem poderá dizer o número de almas ganhas para Deus pela Santa Carmelita? Quem poderá contar as que se santificaram seguindo-lhe as pisadas nesse **pequenino caminho de amor?**

Sóror Consolata é uma destas.

Foi a leitura da «História duma Alma» que fez nascer uma santa inquietação no espírito de Pierina, quando ela, quase criança ainda, ardia já em ânsias de se dar a Deus, mas não via claro o caminho que havia de seguir.

Eis o que ela escreve nas suas notas autobiográficas (3):

«Uma segunda-feira, no verão de 1924, certa companheira, Gina Richetto, pediu-me para lhe guardar um livro. Tornaria depois para o levar. Abro-o... é a «HISTÓRIA DUMA ALMA». Depois de ceia, subo para uma espécie de balcão ou terraço com ameias

bios; e as coisas fracas segundo o mundo escolheu-as Deus para confundir os fortes; e Deus escolheu as coisas vis e desprezíveis segundo o mundo e aquelas que não são, para destruir as que são" (*I Cor.* I, 27-28), acaso não faz ele o elogio da infância espiritual? — E assim S. Pedro também ao exortar os cristãos: "Como meninos recém-nascidos, desejai ardentemente o puro leite espiritual, para, por meio dele, crescerdes para a salvação" (*I Petr.* II, 2).

(2) Aludimos sobretudo à augusta palavra dos Sumos Pontífices Bento XV e Pio XI.

(3) No volume da Vida dedicamos um capítulo aos escritos de Sór Consolata.

que davam para o estabelecimento (4), e ali, à luz do lampião da rua, começo e continuo a ler a vida de Santa Teresinha. Comoção nova me invade ao percorrer aquelas páginas. Compreendo ser eu precisamente aquela alma débil que o Senhor encontrou: «Se, por impossível, o Senhor encontrasse uma alma mais débil que a minha...». Mas isto, que irresistivelmente me atrai, é convite às almas pequeninas, é viver de amor, é a palavra «Jesus. quereria amá-Lo tanto, ama-Lo como ninguém O amou nunca». E então, na minha alma, dá-se qualquer coisa de suavemente forte. Com a cara entre as mãos, escuto o chamamento divino que no coração se me faz ouvir premente, urgente. ».

Érn a voz da graça que, ao incitar **Pierina** a cortar com firmeza toda hesitação ou dilação no que dizia respeito à vocação religiosa, lhe apontava à alma o caminho que esta devia percorrer: o pequenino caminho do amor.

Confirmação explícita de que se tratava, não de simples e passageira impressão, mas de profunda acção de graça, tê-la-á ela mais tarde do próprio Jesus que lhe dirá em 27 de novembro de 1935:

Santa Teresinha escreveu: «Porque não me é dado, ó Jesus, contar a todas as almas pequeninas a tua condescendência inefável? Sinto que, se por impossível, Tu encontrasses entre elas uma mais fraca do que a minha, te comprazerias em cumulá-la de favores ainda maiores, contanto que ela se abandonasse com plena confiança à tua misericórdia infinita».

Pois bem, Eu encontrei esta debilíssima alma, que se abandonou com plena confiança à minha misericórdia infinita: és tu, Consolata, e por teu meio hei

(4) Naquele tempo a família Betrone possuía um estabelecimento de massas alimentícias no “Corso Vittorio Emanuele”.

de operar maravilhas que ultrapassarão os teus grandíssimos desejos (5).

Sóror Cosolata é, por conseguinte, uma glória de Santa Teresinha. Por ela foi conquistada para o pequenino caminho do amor, e por Deus escolhida para confirmar a doutrina desse caminho e revesti-la de forma concreta.

O MESMO ESPÍRITO

Verdade é que Sóror Consolata teve dons extraordinários, como visões e colóquios divinos. Mas, à parte o facto de que também na vida de Santa Teresinha o extraordinário não falta, (6) não deixe de observar-se que se trata de dons gratuitos que a alma não pode recusar, como também não deve buscá-los. Basta não estar a eles apegada além do conveniente, e dar-lhes o justo valor em ordem à própria santificação. Assim fez Sór Consolata: enquanto foi com eles favorecida, sentiu-se deles profundamente indigna e humilhada; e quando se viu privada, não se alterou, e muito menos recuou um ápice na heróica fidelidade à graça.

Na sua vida encontramos todos os caracteres da infância espiritual, e o primeiro entre todos o que é mais da essência dela: a vida de amor. Citamos dos seus escritos:

«Esta manhã (2 de agosto de 1935) perguntei entre mim: Porque razão Tu, ó Jesus, te dás às almas pequeninas com tanta ternura, e as rodeias de todos os cuidados e provês a todas as particularidades ainda as mais mínimas. porquê? E, na minha alma,

(5). Desejos de amor, de santidade e de almas, como a seguir se verá.

(6) Recordamos a visão de N. Senhora, a visão profética acerca da doença do pai, a luz profética a respeito da sua futura missão e a misteriosa ferida de amor que sobreveio ao acto de oferecimento como vitimizinha.

fez se luz. No Sagrado Evangelho, após as divinas palavras: **Deixai que venham a Mim os pequeninos, e não lhes o estorveis, porque destes é o reino de Deus, há uma palavra que me revela o teu Coração maternal: **Ele abraçando-os e impondo-lhes as mãos, abençoou-os (7)**. Não só os abençoaste, mas deixando de abutir o teu Coração divino, abraçaste-os.**

Então, num quadro, vi a grande família humana, os filhos mais velhos que trabalham e ganham, e que, se activos, inteligentes e bons, são orgulho dos pais; e os mais pequenos, que não fazem nada, mesmo nada, mas assim e têm a parte mais considerável no coração maternal. Porque, dize-me, ó Jesus, quando é que mais goza uma mãe? Quando o filho a honra com o bom resultado nos estudos ou em qualquer outra coisa, ou quando pequenino - ele lhe pertence totalmente, e ela pode enfaixá-lo, desenfaixá-lo, apertá-lo no coração à sua vontade, prodigar-lhe todas as ternuras?.. Oh! a alegria que experimenta a mãe no pé do berço do seu menino estremeado, ninguém poderá nunca exprimi-la! Como aliás ninguém poderá dizer qual dos dois mais goza: — se a criancinha que recebe tantas carícias, ou a mãe que as prodiga.

Para o seu pequenino são os vestidinhos mais belos, as coisas mais delicadas, e, se por impossível, ele ficasse sempre pequenino, a mãe continuaria a prodigar-lhe cuidados e ternuras, sem jamais se cansar, por toda a vida.

Transplantando isto ao campo espiritual, parece-me perfeita imagem do que faz Jesus com as almas pequeninas. Estas são suas, exclusivamente suas. E Ele, com ternura de mãe, prepara para elas os hábitos mais belos de virtude. E, como as criancinhas são indiferentes, pode vesti-las com virtudes ou despojá-las a bel-prazer, pode apertá-las contra o Coração ou deixá-las a um canto: elas ficarão igualmente felizes,

(7) *Marc. X, 14 e 16.*

contanto que o possam amar, contanto que possam viver sob o seu sorriso divino, contanto que possam oferecer-lhe alguma coisa para o ajudar a salvar as almas. A alegria maior que na terra se pode gozar é possuir a Deus, mas a Deus só. Então é o Paraíso antecipado. E as almas pequeninas gozam-no. .».

Por «almas pequeninas» devcm entender-se não apenas as almas inocentes — qual foi a de S. Teresinha —, mas também as que, à força de amor, querem reparar e remir o tempo perdido. Sór Consolata não se esquece de no-lo fazer saber, incluindo-se a si mesma neste número.

«Quão bom é Jesus! E com que ternura maternal Ele toma em seus braços divinos àqueles que ansiam conservar-se pequeninos em sua presença! Como se debruça sobre eles para saciar-lhes todos os desejos, para fazer-lhes todas as vontades, mesmo quando estas almas, ricas só de desejos, tiveram a suma desventura de ofender ao Senhor, como Consolata!. Oh! Só Jesus sabe tudo esquecer, e compraz-se até em fazer superabundar a graça onde antes superabundou a culpa» (8).

Assim sucedeu com Sór Consolata, e assim sucederá com todas as almas, inocentes ou pecadoras, que quiserem segui-la no mesmo caminho do amor.

Citaremos ainda, em confirmação deste seu enlevo pela santidade da infância espiritual, algumas anedotas de vida íntima capuchinha, nas quais paira o espírito do Seráfico Patriarca e se sente como que a fragrância das célebres «**Florinhas de S. Francisco**».

«Um dia veio à minha cela uma das aspirantes do probandato, pedir-me sandálias (9). Observei-lhe

(8) Onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rom. V, 20).

(9) Entre muitos ofícios, Sór Consolata teve também o de encarregada da sapataria da Comunidade.

que, não estando habituada a usá-las, nos primeiros dias lhe fariam mal aos pés.

Não, Sór, nós em casa somos pobres, pobres operários, e andar sempre de «sibret» (chinelinhas) não podia ser, e então de inverno andava sempre de lunecos.

Mas disse-me estas palavras com tamanha expressão de convincente humildade, que me comoveu. Se eu fosse rica, ter-lhe-ia metido nos pés todos os «sibret» possíveis!... E quando mais tarde a vi, como se usa entre nós pela novena de S. Francisco, pedir à porta do coro a esmola de orações para alcançar a graça de tirar proveito dos santos exercícios, ante o seu tom humilde, suplicante e confiado, não pude conter-me que não me inclinasse para ela e lhe dissesse: Sim, pedirei ao Senhor que a faça uma grande santa!

«Naquele dia, compreendi por que é que o Coração de Jesus se debruça com tão misericordiosa condescendência sobre os pequeninos, sobre os humildes: é porque a nossa fragilidade abala-o profundamente e Ele não pode resistir à nossa tão grande miséria, e como é rico dá todos os «sibret» possíveis.

«Uma tarde parei um pouco ao pé da horta e sentei-me num banco. Os pintainhos, tomando-me pela sua boa dispenseira, rodearam-me logo, saltaram-me para o colo e depois puseram-se todos em fila pousados nas costas do banco. Fizeram-me lembrar do N. P. S. Francisco e deixei-os fazer quanto quizeram sem os espantar. Depois senti necessidade de lhes emprestar o meu coração, para que também eles pudessem amar, quanto o desejo eu... Tendo um deles ficado no meu colo, tentei acariciá-lo, mas ele teve medo e começou-lhe o coraçãozinho a bater forte, forte. Quis acalmá-lo, e para isso aconcheguei-o ao seio e apertei-o contra o meu coração, até ele ficar tranquilo. Vi que gostava e se deixava estar quietinho, mas eu deixei-o ir embora para o pé dos com-

panheiros, e voltei para o Coro a adorar a Jesus... Já não pensava neste fato insignificante, quando veio a graça ilustrar-me à cerca dele: se a Consolata tinha tido compaixão do pobre pintainho, só porque o vira cheio de medo, e tinha sentido necessidade de estreitá-lo ao coração para o tranquilizar, quanta mais compaixão pela minha pobre alma, e necessidade de me estreitar ao Seu Coração divino, não sentiria o Coração de Jesus, que é Coração humano! E como eu de manhã tinha cometido uma falta contra a caridade e por isso me considerava indigna, veio-me outro pensamento que me confortou o espírito: que mérito tinha aquele pintainho para eu chegar a estreitá-lo contra o coração, acariciá-lo? Nenhum; a compaixão, simplesmente, é que me tinha levado a aquilo. Pois bem, a mesma compaixão é que levava Jesus a vir para a minha pobre alma. — Jesus, eu sou o teu pintainho! — e pareceu-me natural subir até junto do seu Coração e continuar ali a amar».

«Aqui, nas Capuchinhas, Jesus está verdadeiramente à nossa disposição, e vive-se junto do seu Tabernáculo com uma familiaridade indescritível. Jesus deve gozar com isso, porque quando nas orações e devoções particulares, nos aproximamos d'Ele, Ele arrebatá-nos, faz-nos sentir a sua divina presença, por forma de todo em todo especial, íntima, afectuosa... Não sei, o aproximar-me do Tabernáculo para rezar, parecia-me coisa, no meu caso, um bocado farisáica para mim que antes deveria imitar o pobre publicano do Evangelho; mas uma suave imagem, onde se representava Jesus a acariciar as criancinhas, tirou-me todo o temor: compreendi que não é só a alma que tem necessidade de orar junto de Jesus vivo; é também Jesus, o Seu Coração divino, que goza com ter-nos ao pé de Si, sem tantas etiquetas, como as criancinhas da imagem, que andavam à compita a ver qual era capaz de se abraçar mais estreitamente com Ele».

PREFERÊNCIAS DIVINAS...

JESUS, pela sua parte, intervinha não raro para confirmá-la nestes sentimentos e propósitos de infância espiritual. Já nas visões intelectuais de que era favorecida, sempre que Jesus a estreitava ao divino Coração, via-se ela, ou melhor, via a sua alma em figura de criancinha de poucos anos. Vinham depois os divinos ensinamentos, àcerca dos quais cedemos-lhe a ela a palavra:

«Nos primeiros anos de Capuchinha, o amor a Jesus fazia-o eu consistir em trabalhar muito. Mas Jesus, logo ao começar os Santos Exercícios da primeira Profissão, tinha-me dito: Tu afanas-te em demasiadas coisas; só uma te é necessária: amar-Me! (10).

«No Pentecostes de 1931, no Coro durante a meditação, Jesus exigiu de mim um juramento. Coplo-o: Ó Jesus, juro-te e creio-o firmemente, que o caminho a seguir é para mim o caminho do amor. A ele completamente me abandono, nele confio, e, anulando todos os propósitos passados, de hoje até ao último suspiro, confiando em Ti, te prometo viver de amor, por meio de um incessante acto de amor, cumprindo tudo com amor, nada buscando senão amor!

(10) Marta, Marta, tu afadigas-te e andas inquieta com muitas coisas. Entretanto uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada (*Luc. X, 41-42*). A Sór Consolata especifica Jesus aqui em que consiste este *unum necessarium*: consiste no Amor. Este vale tanto para a vida *contemplativa* como para a *activa* e *mista* (à parte qualquer consideração àcerca da maior ou menor excelência intrínseca de uma sobre a outra). A determinação do Amor marca a adesão à fonte destas diversas vias, cuja harmonia é dada pelo mesmo Amor (*S. Tomás, II-II, 182, 3*). A respeito do caso prático ao qual Sór Consolata alude, não se trata de que o muito trabalho esteja de per si em oposição com a vida de Amor: quer-se dizer apenas que a actividade natural não deve ser tal que sufoque a vida interior.

«Estava marcado o meu caminho e achei-me em plena luz. Compreendi que Jesus, na minha alma, queria trabalhar Ele, e duma vez que me quiseram fazer adoptar um método durante os Santos Exercícios, e Consolata quis dar ouvidos à criatura, o Criador desfez tudo, imergindo-me em trabalhos urgentes, a ponto de a minha alma, pela leitura e reflexões, ter de escolher o tempo da noite, depois de Matinas. E o que daí fiquei entendendo foi: que tinha mais necessidade de amar que de pensar (11).

«E todas as vezes que quis ceder a convites de penitências extraordinárias **além da regra**, a luz eclipsava-se e eu encontrava-me em meio de trevas e angústias. Tive efectivamente, naqueles tempos, desejos ardentíssimos de penitência. Foi-me concedida liberdade absoluta (12) e aproveitei-a. Por fortuna, tinha em mim Jesus que sabia impor-se, aliás teria dado cabo da saúde. O que eu a tudo preferia era a disciplina de sangue, que tomava com cadeias de pontas, no sótão. Era a obediência e o desejo de lavar no próprio sangue as culpas passadas. Jesus quis satisfazer-me este desejo, e deixava-me fazer isto e ajudava-me para não vir a ser descoberta. Mas bem depressa Ele mesmo veio a dissuadir-me, com os factos primeiros e depois com a obediência, que não era esta a sua vontade e que as almas havia de salvá-las com uma vida mais simples, e que deste modo me faria santa.

«Havia uma alma que era preciso levar para Deus: uma alma que nos seus sessenta e mais anos de vida, não tinha nunca tido o conforto duma absolvição nem a alegria duma Comunhão. Roguei a Jesus

(11) Depois explicar-se-á isto melhor.

(12) Nos primeiros anos de convento, Sór Consolata não teve direcção espiritual particular. Mais tarde, durante cerca dum ano, teve uma direcção provisória mas não conveniente para o seu espírito. Finalmente em maio de 1934, Jesus assinalou-lhe Director Espiritual.

me dissesse tudo quanto queria de mim, contanto que me desse aquela alma. Respondeu-me: «Dormirás uma semana sobre as tábuas, tomarás a disciplina todos os dias, trarás toda a semana dois cilícios, e Eu te darei esta alma». A Madre concedeu: se Jesus convertesse aquela alma, a Consolata teria continuado na via das penitências extraordinárias, senão não. Na conversão daquela alma a Madre conheceria o querer divino a meu respeito. Chegou o dia estabelecido e esperado. Aquela alma declarou: «que não tinha medo do inferno», bem longe de converter-se! (13). Naquela manhã mesma entreguei à Madre todos os instrumentos de penitência que possuía, para não mais os retomar. Derramei algumas lágrimas, porque Jesus tinha-me... enganado. Jesus tinha, mas é, permitido aquela humilhação para estabelecer-me definitivamente no caminho do amor.

«Aproximando-se o santo Natal (1934), apode-rou-se de mim grande desejo de preparar-me com alguma penitência extraordinária, ao menos com o cilício. Jesus interveio: **O cilício para vir ao encontro de Mim seja não perder um acto de amor** (14).

«Outra vez quis impor-me uma novena de mortificações na comida, para obter graça e bênçãos nos Exercícios Espirituais dados por um piedoso Sacer-

(13) Tratava-se dum seu tio, Félix Viano, que se converteu mais tarde. Jesus declarou a Sór Consolata ter-lhe dado esta alma unicamente em prémio do seu incessante acto de Amor.

(14) Não são as obras em si mesmas que honram a Deus, mas o espírito que as informa. Daí que Jesus no Evangelho condene as obras de piedade e de penitência feitas por ostentação (*Mat. VI, 16-23*). E realmente, "qualquer outra iniquidade origina-se de praticar obras más; mas a soberba tece insídias às mesmas obras boas para as fazer perecer" (*S. Agostinho, Epist. 211, n. 6*). Ora a alma que vive de Amor, põe-se só por isso ao abrigo de tais insídias, eliminando todo o perigo de inquinamento do bem que pratica. Eis aí porque Deus tanto se compraz no espírito de infância espiritual.

dote. A consequência foi: vinte dias de proibição do jejum de regra! Tal me não teria acontecido, se Jesus, com isso, não tivesse querido fazer-me compreender que para a Consolata não queria nem cilícios, nem disciplinas, nem penitências mais que as da regra; nada disso, só o **dever**, a **Regra**, e o **amor**. Oh! sim, um incessante acto de amor! Só isto, nada mais que isto, porque o amor é tudo e, na prática deste amor, praticam-se todas as virtudes.

«Em maio de 1935, o novo confessor ordinário começou entre nós o seu santo ministério e, numa das primeiras confissões, disse-me: «Todas as semanas vencer um defeito (15); então as suas confissões serão boas e não terá perdido o seu tempo e terá alegrado o Coração de Jesus». Aceitei o conselho com alegria e envidei todos os esforços para vencer um defeito cada semana. Mas mais preocupada só com chegar à semana seguinte sem ter dito palavra inútil ou admitido pensamento inútil, um só que fosse, etc., já não pensava em amar (16) e a SS.^a Virgem um dia disse-me: **Perdes-te em tantas minúcias e não dás a Jesus aquilo que Ele unicamente te pede. No último entardecer da vida desejarás poder viver para poder fazer ainda um acto de amor, e será tarde demais. Compreendi e apliquei-me novamente a amar (17).**

«Uma noite, em meditação, senti-me invadir —

(15) Diz a *Imit. de Cristo* (l. I, c. 11, n. 5): “Se cada ano extirpássemos um vício, em breve seríamos perfeitos”. O conselho do “novo confessor” não só difere no tempo, mas também no espírito.

(16) Entenda-se: “já não pensava em amar com amor actual, isto é, com o acto incessante de Amor”. — A caridade habitual *actualizando-se* nas acções do dever quotidiano, edifica, isto é, *constrói* positivamente as energias, rectificando-as.

(17) “Se colocamos o aproveitamento espiritual da religião apenas nestas *observâncias exteriores*, bem depressa acabará a nossa devoção” (*Imit. de Cristo*, l. I, c. 11, n. 4). Só a Consolata vai lentamente descobrindo as linhas clás-

«darei — de violenta comoção, enquanto uma voz, que queria ser a divina, me profetizava dores, dores e mais dores: «Chegou a tua hora... que fizeste, até aqui, pelas almas? Nada...» Abandonei-me ao divino querer e reencontrei a paz. Repeli aquela voz, pensando no que Jesus me tinha dito, e não tardei em descobrir o engano do inimigo que intentava apartar-me do meu simples caminho do amor.

«Agora sou plenamente feliz, sinto-me no recto caminho, precisamente naquele que Jesus quer. Só me resta viver esta vida até morrer de amor!... Sim, ó Jesus, sei que o que de mim desejas com ânsia é o amor, nada mais que o amor. Seguir outro caminho é enganar-me a mim mesma, é perder tempo».

... E DIVINAS COMPLACÊNCIAS

O próprio Jesus se dignava, de tanto em tanto, manifestar-lhe o seu agrado por este esforço de manter-se em espírito e estado de infância espiritual. E' inegável que Sór Consolata teve de Deus grandes dons e graças extraordinárias. Porquê? Dava-lhe a resposta o mesmo Jesus. E essa resposta é de natureza capaz de dissipar as desconfianças que alguém pudesse conceber a respeito desta alma: como se, pelo facto de ela ter tido também os seus defeitos, não fosse já merecedora dos dons divinos. Isto procede de juízo errado que muitas vezes se faz destas graças *gratis datae*, ou carismas, como lhes chama S. Paulo. Ora, dizia-lhe Jesus, a 15 de dezembro de 1935:

Olha, Consolata, as criaturas costumam medir a virtude de uma alma pelas graças que Eu lhe concedo e enganam-se: porque Eu sou livre de agir como quiser.

sicas da vida espiritual, e as iluminações divinas guiam-na para esta libertação interior da complexidão instrumental da perfeição, para elevá-la ao que nela é essencial, isto é, à caridade (cfr.: S. Tomás, II-II, 184, 3).

Por exemplo: é a tua virtude que merece as graças grandes que te tenho concedido? — Pobre Consolata, tu não tens virtude, não tens méritos, não tens nada (18). Pecados, sim, terias, mas esses já não existem, porque Eu os esqueci para sempre.

Ora, mas então, porquê sobre ti, precisamente sobre ti, tantas e tantas graças? — Porque Eu sou livre de beneficiar a quem quiser. OS PEQUENINOS SÃO O MEU FRACO, eis tudo!... E ninguém pode tachar-me de injustiça, porque o Soberano é livre de beneficiar com largueza Real a quem quiser (19).

A 19 de março de 1935, Jesus fazia a Sór Consolata uma grande revelação sobre a santidade de S. José. Estupefacta e comovida, a humilde Irmã dirige-se-Lhe assim: «Porquê a mim, ó Jesus, me dizes estas coisas, a mim que nada posso fazer, e as escondes às grandes personagens que tanto fariam? Resposta de Jesus: Aos pequeninos digo tudo!

Comprazia-se também Jesus em predizer a Sór Consolata muitas coisas respeitantes ao seu futuro apostolado, depois da morte. Confundida por tão grande dignação divina, apresentou-lhe ela um dia respeitosa e mansa queixa, parecendo-lhe que Ele lhe dizia demais. Jesus respondeu (12 de dezembro de 1935):

Digo-te demais sobre o teu porvir?... Digo-te tudo?... Tens razão, mas que queres, quando o Coração transborda!... E depois, tu és tão pequenina, que te contentas com escrever (porque Eu quero que escrevas tudo) e por isso posso dizer-te tudo.

Nunca reparaste que a mãe, acariciando o seu

(18) Porque quem é que te distingue (dos outros, julgando-te superior a *eles*)? E que tens tu que não recebesse? E, se o recebeste, por quê te glorias, como se o não tiveras recebido? (*I Cor. IV, 7*).

(19) Todas estas coisas as opera um só e o mesmo Espírito, repartindo a cada um *como quer* (*I Cor. XII, 11*)..

menino de colo, por vezes amimando-o diz-lhe coisas que não diria a um filho mais crescido...? Que queres? O coração materno tem necessidade de expandir-se, de dizer àquele pequenino ser, que nada ainda compreende e apenas lhe sorri, todos os projectos que a seu respeito acaricia. Dir-lhe-á tudo, mesmo tudo, como Eu faço contigo.

Mas repara: quando a criancinha começar a falar e lhe perguntarem: «Quem te fez este vestidinho tão lindo»? , ela, toda contente, responderá: «Foi a mãezinha!», e sentir-se-á feliz com o vestidinho lindo e com ouvir que lho gabem.

Vês a diferença que há entre as almas grandes e as almas pequeninas? Estas gozam com as virtudes de que se sentem ornadas, «porque foi Deus quem lhes as deu»; as outras almas escondem-nas com medo que a soberba lhes as roube, porque tiveram trabalho para as conseguir (20).

Entendeste, Consolata?... Às almas pequeninas digo Eu tudo; elas não Me roubam nada, e, a Mim só, referem louvor, honra e glória!

Não era a primeira vez que Jesus usava a comparação da criancinha e do vestidinho para indicar que as almas pequeninas se abandonam confiadas à acção da graça, mesmo no que diz respeito à própria santificação, contentes apenas com secundá-la em tudo e por tudo com extrema docilidade. Com efeito, a 8 de outubro de 1935, dizia-lhe:

(20) Com isto põe-se em relevo a parte activa da alma no conseguimento da perfeição; só que as *almas pequeninas* apoiam-se mais sobre a graça e sobre os dons de Deus, enquanto que as almas grandes, apoiando-se embora sobre a graça, acentuam com certo relevo o papel da liberdade e do exercício das virtudes: as *almas pequeninas* gozam na caridade, as *grandes* estão àlerta na humildade. — A analogia do vestido recorda manifestamente o *hábito* das virtudes: infusas no baptismo, as virtudes cristãs *actualizam-se* nas virtudes adquiridas, que supõem o esforço livre do homem, *para viver em honestidade e em beleza.*

• **Consolata, comprazo-me em ti, porque posso fazer em ti tudo o que quero, e porque o faço Eu, tudo. Diz'-me: tu sabes com quanto cuidado e amor faz a mãe o vestidinho para o seu menino; põe mesmo nesse trabalho todo o coração. Ora se o seu filhinho não lho deixasse fazer, por querer fazer ele, por si mesmo,... o vestidinho, contristaria a mãe (21).**

As confissões semanais de Sór Consolata, depois de ter Padre Espiritual, eram brevíssimas: Jesus não permitia que ela se expandisse com o confessor acerca do que de extraordinário sucedia na sua alma. E dava-lhe depois a razão, a qual deveria ser bem considerada por aqueles que, por princípio, se opõem a toda a nova manifestação misericordiosa do Coração de Jesus. Dizia-lhe a 5 de dezembro de 1935:

Sabes porque não te deixo desabafar com o confessor ordinário? Olha: Eu deixo a todos livres, não forço a vontade, mas a desconfiança em Mim, fere-me.

Não. Eu não constranjo a crer nas minhas manifestações de misericórdia à força de milagres. Já na minha vida mortal — e le-lo no Santo Evangelho — a condição para obter as minhas graças era sempre esta: «Se podes crer, tudo é possível ao que crê!» (22).

Eis porque o que Eu digo às almas pequeninas, de fé simples e íntegra, não o revelo às almas grandes.

Não, não é culpa para elas, porque a vontade deixei-lhes a livre, mas privam-se de tantas luzes... entendes-Me?

Oh, sim, Sór Consolata entendia esta linguagem divina e entendê-la-ão também todas as almas de «fé simples e íntegra» (23). Será bom também ter

(21) Tudo isto se explicará melhor ao falarmos do amor de abandono. (22) Cfr.: *Marc.* IX, 22

(23) Já se entende que tal fé se apoia na autoridade da Igreja, à qual, unicamente, toca autenticar as várias manifestações divinas, de que se fala aqui.

presente, a propósito de colóquios divinos, as seguintes declarações de Jesus a Sór Consolata (9 de novembro de 1935): **Se te mando escrever é porque as minhas palavras farão muito fruto. As vezes parecem-te um pouco pueris os meus arrazoados, mas é porque tu és tão pequenina e Eu adapto a ti as minhas palavras; mas: lembra-te que qualquer palavra minha é espírito, é vida.**

Este modo de proceder de Jesus para com as almas pequeninas não deve maravilhar. «Deus — observa S. Francisco de Sales — é inocente com os inocentes, bom com os bons, cordial com os que são cordiais, terno com os que são ternos, e é, por vezes, levado pelo seu amor a usar, para com as almas que por amorosa pureza se fazem diante dEle criancinhas pequeninas, do doce trato de santas carícias».

Mas até mesmo quando Jesus adapta o seu falar à pequenez da criatura, as suas palavras são verdadeiramente e sempre «espírito e vida», pelos preciosos conceitos de vida espiritual que contêm. Após um dia de extenuante fadiga, Sór Consolata pedia perdão a Jesus por ter sido absorvida pelo trabalho e por isso impedida no exercício contínuo do amor. Jesus para confortá-la disse-lhe: **Olha: aquilo que para as almas grandes seria culpa, não o é para as almas pequeninas, e tu és tão pequenina! Eu contrabalanço isso; amei Eu por ti, e portanto o dia, todo, conto-to como um acto contínuo de amor.**

Doutra vez, em resposta às orações dela pelo P. Espiritual, ocupado então num curso de pregações, dizia-lhe (16 de outubro de 1935): **Sim, aquela pregação dará frutos abundantes de vida eterna. Que queres!? Aos pequeninos tudo concedo. Tu não Me negas nada a Mim e Eu não te nego nada a ti.**

E a propósito do estado de vítima, a que ella tinha sido chamada, assegurava-lhe (13 de novembro de 1935): **Lembra-te sempre que a minha fortaleza**

não te faltará nunca. Se te comunico as minhas virtudes, esta em modo particular, porque tu és a mesma fraqueza.

O que, portanto, atraía sobre Sór Consolata os olhares complacentes do Altíssimo e lhe merecia os favores divinos, era o espírito de infância espiritual; era o ela sentir-se e fazer-se não só pequena, mas pequeníssima, ante o conspecto de Deus; era este íntimo reconhecimento da própria fraqueza, que a levava a tudo esperar de Jesus que nela agia e lutava; era o possuir o espírito de infância espiritual e o viver nele plenamente.

Vida de amor e virtudes cristãs

CRER NO AMOR

O caminho da infância espiritual consiste essencialmente na vida de Amor, e o primeiro requisito, para praticar com convicção e fruto a vida de Amor, é crer no Amor.

Crer no Amor significa, em primeiro lugar, crer que Deus é Amor: **Deus charitas est (I Jo. IV, 16)**.

«Tu não podes viver sem amor, — dizia Nosso Senhor a S. Catarina de Génova — porque o Amor sou Eu, teu Deus». E S. Bernardo comentando os Cantares: «Este Esposo não é só amante, é o mesmo Amor» (1).

A fé nesta verdade fundamental é necessaria para que a alma possa descobrir no Amor a causa prima e eficiente de todas as obras de Deus. Foi a superabundância do Seu Amor que levou Deus a realizar a Criação; foi o Seu Amor que inspirou a Encarnação (2) e a Redenção (3); foi o Seu Amor

(1) «Adde quod iste Sponsus non modo amans, sed Amor est» (*In Cant.* 83, 4). E prossegue: «Grande coisa é o Amor, com a condição, porém, de que vá sempre dirigido ao Seu princípio, e volte à sua origem, e seja reconduzido a sua fonte, da qual possa haurir a qualidade de correr cada vez mais abundante». Para que esta condição possa verificar-se, vem Jesus Cristo como Redentor e Restaurador, e por tal facto, «nós conhecemos o amor que Deus tem para conosco e cremos» (I Jo. IV, 16) que Ele nos quer bem e que é Amor.

(2) A tal ponto amou Deus o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito (*Jo.* III, 16).

que nos deu a Eucaristia (4) e os Sacramentos; foi o Seu Amor que dispôs o Purgatório para as almas a quem as provas da vida não tivessem suficientemente purificado; foi o Seu Amor que preparou a mansão da paz para as almas de boa vontade; foi o Seu Amor ultrajado e não reconhecido pelos prevaricadores que criou o inferno (5). S. Francisco de Sales tinha razão ao escrever: «Na Igreja de Jesus Cristo tudo pertence ao Amor, tudo está fundado no Amor, tudo é Amor» (6).

Não basta: é mistér descer das grandes obras de Deus a cada um dos acontecimentos de que se entretece a vida do mundo e dos indivíduos, para discernir neles, juntamente com o toque sábio da mão de Deus, a marca do Seu Amor. Ele não pode fazer senão obras de Amor: pensamentos, actos, todas as divinas vontades são Amor, até mesmo quando castiga. Escreve Sór Consolata:

«... Ao entardecer de 24 de agosto de 1934, encontrava-me na cela, perto da janela. Tinham-me dado um livro para ler e folheei-o e li os castigos com que o Senhor ameaçava. Tive então uma saída repentina... das da Consolata: — Jesus, como queres lavar-nos no nosso sangue? Ele é imundo! Lava-nos antes no teu Sangue! — **Consolata, olha para o céu...**

(3) Vivo da fé que tenho no Filho de Deus que me amou e se entregou a si mesmo por mim (*Gal.* II, 20).

(4) Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (*Jo.* XIII, 1).

(5) “Giustizia mosse il mio alto Fattore
fecemi la divina potestate
la somma Sapienza e il primo Amore”.

Justiça moveu meu alto Feitor;
fez-me o divino poder,
a suma Sabedoria e o primeiro Amor.

(*Dante, Inf.* III, 2).

(6) *Teótimo, prefácio.* — Cfr. M. MARGHERITA LUISA CLARET, *Il libro dell' Amore infinito*, c. III.

Olhei, e no azul maravilhoso descobri uma estrela, a primeira do entardecer. E enquanto a contemplava, Jesus gritou forte ao meu coração: **Confiança!...** Entretanto a bela abóbada do céu tinha-se revestido de estrelas e uma fascinação misteriosa me envolveu. Sentei-me no parapeito da janela, que era baixo, e ali fiquei absorta, em muda contemplação. Pareceu-me que o Céu não estava já irado contra a terra, e que a paz do Reino de Deus estendia asas mansas sobre a face deste pobre mundo.»

Sim, paz para o mundo, mas no Reino de Deus. Jesus é o Salvador do mundo. Ele pode e quer salvá-lo.

Consolata, tenho necessidade de vítimas; o mundo perde-se e Eu quero salvá-lo.

Consolata, um dia o demónio jurou perder-te e Eu salvar-te. Quem venceu? Pois bem. Ele jurou também perder o mundo e Eu juro salvá-lo, e salvá-lo-ei com o triunfo da minha Misericórdia e do meu Amor.

Sim. Salvarei o mundo com o Amor misericordioso; escreve isto.

Note-se: não é que Jesus exclua os castigos; estes podem ser necessários precisamente para salvação do mundo e das almas. Durante o conflito ítalo-etíope, orando Sóror Consolata pelos Capelães militares, para obter que se mantivessem todos à altura da sua missão, Jesus respondia-lhe (27 de agosto de 1935): **Olha: estes rapazes (os soldados), a maior parte, nas suas casas apodreceriam em meio dos vícios. Ao passo que na guerra, longe das ocasiões, com a assistência do Capelão, morrerão e serão salvos eternamente.**

O mesmo lhe repetia a propósito da crise económica que já afligia o mundo antes da recente guerra mundial (15 de novembro de 1935):

A própria miséria actual que reina no mundo,

não é obra da minha justiça, mas da minha misericórdia.

Quantas culpas a menos, por falta de dinheiro!
Quantas orações a mais não sobem ao céu nos apertos financeiros!

Oh! Ninguém creia que as dores da terra me não comovam; mas Eu amo as almas, quero salvá-las, e, para atingir o meu fim, sou constrangido a usar de rigor. Mas, crê-o, é para fazer misericórdia.

Na abundância as almas esquecem-Me e perdem-se, na miséria voltam e Mim e salvam-se. E' assim, sabes!

E então, durante a tremenda conflagração mundial, e precisamente a 8 de dezembro de 1940, entre Jesus e Sór Consolata, que chorava e suplicava pela paz, desenrolava-se o seguinte diálogo:

— Olha, Consolata, se Eu concedo hoje a paz, o mundo volta à lama... a prova não seria suficiente.

— Mas, ó Jesus, toda esta juventude enviada para a carnificina!

— Oh! Não é melhor dois, três anos de acerbos, intensos, inauditos sofrimentos, e depois uma eternidade de gozos, do que uma vida inteira de dissolução e depois a condenação eterna?... Escolhe!

— Mas, ó Jesus, nem todos são maus!

— Pois bem, os bons aumentarão os seus méritos. Não, não deites a culpa aos Chefes das nações, eles são simples instrumentos nas minhas mãos (7).

(7) Não passe inadvertida a luminosa profundidade destas palavras, que recordam o que o Senhor ensinava ao Profeta Isaías (X, 5):

“Ai de Assur! Vara da minha ira! O bastão que ele traz nas mãos é o instrumento do meu furor”, ou segundo a Vulgata: “Ai de Assur! Ele é a vara e o bastão do meu furor, na sua mão está a minha indignação”. Também por boca de Jeremias disse Deus de Babilónia (*Jer.* LI, 20): “Tu serves-me de martelo, de arma de guerra”. Esta mística visão das tragédias históricas produzidas pelos “Chefes das Nações” que são “simples instrumentos” nas mãos de

Para poder salvar o mundo, hoje é preciso assim. Oh! que multidão de jovens não agradecerão na eternidade a Deus por terem morrido nesta guerra, que os salvou eternamente! Entendeste?

O que Jesus dizia da guerra, dizia-o também da fome, triste herança da mesma guerra (24 de abril de 1942): **Eu salvo os soldados na guerra e o mundo com a miséria e com a fome. Mas tantos corações desesperam... Reza tu, agora, não só pelos corações que sofrem no mundo, mas também pelos que desesperam, para que Eu seja para eles conforto e esperança.**

E poucos dias depois, voltando à mesma ideia e sempre em resposta às orações dela pela paz — dizia-lhe (29 de abril de 1942):

A miséria e a fome levam as almas à desesperação... Oh! Consolata, ajuda-me a salvá-las!

Eu quero salvar a pobre humanidade que corre para a lama, como o sedento para a água fresca; e para salvá-la não há outro caminho senão a miséria e a fome. Mas ela desespera...

Oh! Consolata, ajuda-me a salvá-la, reza por ela como rezas pelos soldados. Oh! aos soldados salvo-os Eu na guerra! Quero salvar assim a pobre humanidade.

Reza, reza por ela, para que Eu mitigue as tantas, tão grandes dores suas e salve as almas.

Se permito tanta dor no mundo — tanta! —, é com este único fim: salvar as almas para a eternidade. O mundo perdia-se, corria para a ruína...

Crísto: 1º não tira aos mesmos Chefes a própria responsabilidade do mal que fazem e de que hão de dar contas;

2º não impede que a Omnipotência de Deus faça servir a própria maldade humana para a realização dos seus desígnios providenciais de salvação eterna; — 3º os flagelos da vida presente, aceites para nossa purificação, e aproveitados por nós pacientemente, tornam-se meios de satisfação e exploração.

Particularmente, para suavizar a angústia grande de Sór Consolata ante a destruição de tantas casas na sua querida cidade de Turim, quando das violentas incursões aéreas, Jesus voltava ao mesmo pensamento de fé (dezembro de 1942): **Consolata, as casas reedificam-se; as almas que se perdem, não. Ora, não é melhor salvar as almas e que as casas se arruinem, do que perder aquelas eternamente e salvar estas?**

Tal como nas desventuras públicas, assim nas familiares ou individuais. Sempre, até mesmo nos casos mais intensamente dolorosos, ante os quais a razão humana interroga desorientada: — mas porque? — a resposta que vem do Céu é ainda: Amor, Bondade, Misericórdia de Deus.

Um dia, às lágrimas de Sór Consolata pela morte imprevista de uma sua companheira da infância, — Celeste Canda, que deixava órfãs quatro crianças, a maior apenas com nove anos, — Jesus respondia: **Celeste Canda goza agora da minha doce visão eterna, e, lá do paraíso, vela com maior ternura pelas almas dos seus quatro filhos, mais que se tivesse ficado na terra. Que suave conforto, quanta luz de Céu lançam estas simples palavras sobre todos os lutos familiares!**

Em suma, crer no Amor quer dizer crer que Jesus nos ama, nos quer salvar, e que tudo o que Ele faz ou permite, tanto no mundo universo como no pequeno mundo da alma, é sempre para nosso bem. São, contudo, poucas, mesmo entre as que se dão à piedade, as almas que têm esta fé viva e prática no Amor. Têm-na, talvez, mas fraca e facilmente vacilante sob os golpes do escalpelo do divino Artífice, golpes que vão sempre dirigidos a aperfeiçoar a obra das suas mãos.

E quantas almas são levadas a ver em Deus, mais que o Pai bondoso, o Amo severo! Para essas é a doce queixa de Jesus a Sór Consolata (22 de novem-

bro de 1935): **Não me façais Deus de rigor: Eu não sou senão Deus de Amor!** E para essas também a resposta que Jesus dava a Sór Consolata, que Lhe tinha perguntado como queria o chamassem (26 de setembro de 1936): **Amor imenso, Bondade infinita!** E para elas ainda o conselho de Jesus a Sór Consolata indecisa de se escreveria numa carta «o Coração Sacratíssimo de Jesus» ou «o Coração Bondoso de Jesus» (22 de julho de 1936): **Escreve o Coração Bondoso de Jesus; porque que Eu seja Santo todos o sabem, mas que sou Bom, nem todos.**

A alma que quer viver de Amor deve, portanto, fundar-se nesta verdade e aplicá-la aos mil casos da vida quotidiana. Não há de deter-se nas criaturas ou nos acontecimentos, mas em tudo ver a Deus e ao Seu Amor (8); e sempre, nas coisas prósperas como nas adversas, na bonança ou em meio das vagas em tempestade, concentrar as próprias energias para fazer chegar ao Céu o brado da sua fé inabalável: «Sagrado Coração de Jesus, creio no Teu Amor por mim!» E' o que já afirmava o Apóstolo do Amor: **E nós conhecemos e cremos no Amor que Deus tem por nós (I Jo. IV,16).**

ESPERAR NO AMOR

A fé no Amor de Jesus por nós e o nosso amor por Ele soerguem a alma para uma esperança mais perfeita (9). **O amor tudo espera (I Cor. XIII,7).** Esperança e Amor, não teremos nunca demais.

(8) "Oh! Que podemos nós temer! Mais ainda, que não devemos esperar sendo filhos de tal Pai, tão rico de bondade para amar-nos e querer-nos salvar, tão sábio para preparar-nos os meios para isso, tão prudente para aplicá-los? Tão bom para querer, tão clarividente para ordenar, tão avisado na execução?" (S. FRANCISCO DE SALES: *Teotímo*, liv. II, c. XVI).

(9) "Intervindo o amor, a esperança torna-se mais perfeita" (S. Tomás, II-II, 17, 8).

A esperança é para todos: para os inocentes e para os pecadores, mas mais para estes, porque se a misericórdia de Jesus é para todas e cada uma das almas, é-o em particular para as mais precisadas de misericórdia.

Tendo vindo do Céu precisamente para os pecadores — não vim chamar os justos mas os pecadores (10) — a eles dirige as comoventes sollicitudes do Bom Pastor: Eu sou o Bom Pastor... (11) Qual de vós, tendo cem ovelhas, se perde uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e vai procurar a que se tinha perdido, até que a encontre? (12) Para eles as sollicitas e delicadíssimas atenções do Pai do filho pródigo: Trazei cá depressa o vestido mais precioso e vesti-lho, e metei-lhe um anel no dedo e calçai-lhe os sapatos; trazei também um vitelo gordo, e matai-o, e comamos e banquetemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi encontrado (13). Ele desceu do Céu não para fazer dar a queda à alma titubeante, mas para a soerguer; não para humilhar, esmagar o que caiu, mas para reabilitá-lo na sua graça e no seu amor: Para que se cumprisse o que fora dito por boca do profeta Isaías: Eis o meu servo (14), que eu escolhi, o meu amado, em quem a minha alma pôs as suas complacências...; não quebrará a cana rachada, nem apagará a torcida que fumege... e as gentes esperarão no Seu nome (15). E, para consumir os que erram, não fará descer do alto o fogo vingador invocado pelos apóstolos: Não sabeis de que espírito sois;

(10) *Mat.* IX, 13. (11) *Jo.* X, 14. (12) *Luc.* XV, 4. (13) *Luc.* XV, 22-24.

(14) O Servo de Javé: o Messias, Jesus Cristo. Daqui a tolerância benévola e a energia condescendente de Jesus sempre que se trata da sua "missão" redentora, já apontada pelo Baptista: "Eis o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo" (*Jo.* I,29).

(15) *Mat.* XII, 17-21; *Isai.* XLII, 1 e seg.

o Filho do homem não veio para perder as almas, mas para as salvar (16); fará, sim, atear as labaredas do Seu Amor misericordioso: **Vim trazer o fogo à terra, e que outra coisa desejo senão que ele se ateie?** (17).

Com que alegria reparte o pão com os pecadores, assentado à mesma mesa! **Estando sentado à mesa, em casa de Mateus, eis que vindo muitos publicanos e pecadores se sentaram à mesa com Jesus** (18). E com que energia assume a defesa deles ante os maldosos: **Os sãos não têm necessidade de médico, mas sim os enfermos. Ide e aprendei o que quer dizer: Quero misericórdia e não sacrifício** (19). E se ao mísero coração do homem parece já muito perdoar sete vezes ao irmão: **Senhor, se meu irmão pecar contra mim, até quantas vezes lhe hei de perdoar? Até sete vezes?** (20), o Coração de Jesus, depois de ter mandado perdoar setenta vezes sete: **Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete** (21), perdoa ainda e sempre. E nunca uma reprimenda, nunca o lançar em cara o pecado: **Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?... Pois bem, Eu também te não condeno; vai e não queiras pecar mais** (22). E nunca, de igual modo, retira ao pecador arrependido os favores divinos. A Pedro que o renegou ser-lhe-ão entregues, conforme a promessa feita antes da negação, as chaves do Reino do Céu. Paulo, perseguidor, será o Apóstolo das Gentes. A grande pecadora do Evangelho, recolhida da lama dos caminhos, será santa. Tanto é assim **que se faz mais festa no Céu por um pecador que fizer penitência, que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência** (23).

A missão de Sór Consolata é precisamente narrar ao mundo a misericórdia infinita do Coração de

(16) *Luc.* IX, 55-56. (17) *Luc.* XII, 49. (18) *Mat.* IX, 10. (19) *Mat.* IX, 12-13; *Ose.* VI, 6. (20) *Mat.* XVIII, 21.

(21) *Mat.* XVIII, 22. (22) *Jo.* VIII, 10-11. (23) *Luc.* XV, 7.

Jesus: narrá-la em primeiro lugar aos **Irmãos** e **Irmãs** por ela espiritualmente adoptados, e depois a todas as almas. E pode narrá-la não só com palavras, mas com factos: — com tudo quanto Jesus nela operou, até chegar a fazer da sua alma uma das mais belas obras-primas da graça.

Ceder-lhe-emos, pois, a ela a palavra. O seu coração, modelado pelo de Cristo, sentiu sempre viva compaixão pelos pobres pecadores e desejo ardentíssimo de a todos levar de novo para o Coração de Deus.

«... Quando Jesus, desabafando o Seu Coração, se queixa de alguma alma, se em vez de crer nas suas queixas, trato de dissuadí-lo dizendo-Lhe: — Não, Jesus, não é nada verdade que seja assim... — e desculpo e compadeço, sinto em mim que Jesus se tranquiliza e fica contente, e termino rezando por aquela alma. O Coração de Jesus é Coração maternal. Se qualquer mãe, quebrantada por desgostos que lhe cause um filho ingrato, cede ao desabafo de confidenciar esses desgostos com uma pessoa amiga, e se essa pessoa amiga, para confortá-la, a dissuade apresentando-lhe o filho sob luz diversa, oh! que consolação e gozo para aquela mãe em crer ainda que seu filho é bom! Tem necessidade de pensar, de crer assim! Coração de mãe, pálido reflexo do Coração divino! Mas a mãe não poderá transformar o filho ingrato, ao passo que Jesus, se nós lho pedirmos, sim, converterá aquela alma infiel que Lhe alanceia o Coração».

Assim escrevia ela a 5 de dezembro de 1935. Dois dias depois, como para provar-lhe que tais sentimentos vinham d'Ele e eram conformes com a bondade do Seu Coração divino, Jesus confirmava-lhos de viva voz, palavra por palavra. Será repetição, mas agora são palavras divinas.

Uma verdadeira mãe, por feio que seja o seu

filhinho, não o tem como tal; para ela é sempre lindo e como tal o tem sempre o seu coração.

Ora pois, — assim, tal e qual assim, é o meu Coração para com as almas: mesmo feias, mesmo enlameadas, mesmo imundas, o meu amor tem-nas sempre como belas.

E soffro quando ouço a confirmação de que são feias, e, pelo contrário, gozo quando, ao sabor dos meus sentimentos maternais, Me querem dissuadir da sua fealdade, e me dizem que não é verdade e que são belas ainda.

Eu bem sei que é um piedoso engano; mas então — que queres? — tenho necessidade de pensar e crer assim. As almas são minhas. Por elas dei todo o meu Sangue!

Compreende agora quanto fere o meu Coração maternal tudo que seja juizo severo, reprimenda, condenação, mesmo quando baseados na verdade. E, pelo contrário, quanto Me é de alívio tudo que é compaixão, indulgência, misericórdia.

Olha que tu não julgues nunca — nunca! — a ninguém, nem profiras jamais palavra severa contra pessoa alguma. Consola, antes, o meu Coração, distrai-Me das minhas tristezas e, com as indústrias da tua caridade, faz'-me ver apenas o lado bom da alma culpável; e Eu crer-te-ei e depois escutarei a tua oração em seu favor e depois despachá-la-ei. Se soubesses quanto soffro com fazer justiça!

Usa de piedosos enganos; neste caso o meu Coração tem necessidade de crer que não é verdade que as minhas criaturas sejam tão ingratas, e se tu procuras dissuadir-Me, dizendo-Me que não é verdade que aquella alma seja tão má, infiel, ingrata, Eu creio-te logo.

Que queres? — o meu Coração tem necessidade de ser confortado assim, tem necessidade de usar sempre de misericórdia, nunca de justiça!

Esta linguagem divina poderá parecer nova e

talvez suscitar admiração, mas só em quem a considerar superficialmente. De facto, não é que, aos olhos de Jesus, possa parecer bela a alma pecadora como tal, mas aparece-lhe sempre bela em razão daquele infinito Amor que a criou, que a remiu, que a quer salvar. Igualmente, não é que Jesus queira ou possa ser enganado pela alma pecadora, mas compraz-se em ser piamente enganado (24) pelas almas justas que se interpõem entre Ele e os pecadores, para desculpá-las e como que escondê-las detrás do próprio amor reparador, imitando nisto o exemplo que Ele mesmo nos deu sobre a Cruz interpondo-se entre o Eterno Pai e a humanidade culposa: **Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem** (Luc. XXIII,34).

Por outras palavras: Aquele Deus que proclamou no Evangelho a bemaventurança dos misericordiosos, não revelou, porventura, com isso mesmo, a Sua própria bemaventurança infinitamente maior, em poder sempre usar de misericórdia? Por outro lado, esta não pode ser exercida senão sobre a miséria. E que miséria mais espantosa que a do pecado?

Bondade e misericórdia: eis as efusões do Coração de Jesus sobre todos os homens, mas em particular sobre os pecadores, por serem os que mais precisam. **Não precisam de médico os sãos, mas os doentes** (Marc. II,34). Assim Ele no Evangelho. E a Sór Consolata confirmava: **Consolata, não esqueças nunca que Eu sou e gosto de ser exclusivamente bom e misericordioso com as minhas criaturas. A justiça**

(24) Segundo S. Tomás (II-II, 85,2) o pecado não corrompe o *bonum naturae*, por isso a imagem de Deus no homem enquanto natureza racional, permanece mesmo depois do pecado, embora “obscura e deforme” (I, 93, 8 ad. 3). O apelo aos divinos lineamentos é porta aberta à regeneração e esperança de perdão: em meio das trevas do pecado faz resplandecer a luz do Salvador, dando nova e original noção do homem.

que exerço com os pobres pecadores, em vida, é cumulá-los de benefícios repetidamente.

Parecidas manifestações misericordiosas do Coração de Jesus encontraremos no decurso do livro, que é perfeita lição de amor para os justos e convite de amor para os pecadores. Nesta altura, porém, não podemos deixar de transcrever outra página ditada pelo Coração de Jesus a Sór Consolata. Será página de grande conforto para os pecadores, para lhes reavivar as esperanças; e até para aquelas almas que sofrem do excessivo temor, por vezes opressivo, de não conseguir a salvação eterna.

Esta falta de esperança cristã, ao mesmo tempo que prejudica as almas, ofende o Coração Divino no íntimo, isto é, no Seu Amor misericordioso e na Sua Vontade salvífica. A 15 de dezembro de 1935, mandava Jesus a Sór Consolata que escrevesse para todas as almas:

Consolata, com frequência, almas boas, almas piedosas, e muitíssimas vezes almas a Mim consagradas, ferem-Me o íntimo do Coração com esta frase de desconfiança: «Quem sabe se me salvarei?

Abre o Evangelho e lê as minhas promessas. Às minhas ovelhinhas prometi: «Eu dou-lhes a vida eterna e elas jamais hão de perecer e ninguém as arrebatará da minha mão» (25). Entendeste, Consolata? Ninguém pode arrancar-me das mãos uma alma.

Mas lê ainda: «O meu Pai, que me as deu, é maior que todos, e ninguém pode arrebatá-las a meu Pai» (26). Consolata, entendeste? Não há ninguém que possa arrebatá-las a meu Pai... não perecerão eternamente... porque Eu dou-lhes a vida eterna. Para quem pronunciei estas palavras? — Para todas as ovelhas, para todas as almas (27).

(25) Jo. X, 28.

(26) Jo. X, 29.

(27) O qual (Deus nosso Salvador) quer que todos os

Porquê então o insulto «quem sabe se me salvarei?» se Eu assegurei no Evangelho que ninguém pode arrebatá-Me uma alma, e que a ess'alma dou a vida eterna e portanto não perecerá?

Crê-Me, Consolata: para o inferno vai só quem quer, isto é, quem verdadeiramente quer para lá ir. Porque, se ninguém pode arrancar-Me uma alma das mãos, a alma, pela liberdade que lhe é concedida, pode trair-Me, renegar-Me, e passar assim, de própria vontade, para as mãos do demónio.

Oh! se em lugar de ferir-Me o Coração com estas desconfianças, pensásseis um pouco mais no Paraíso que vos espera! Porque Eu não vos criei para o inferno, mas para o Paraíso, não vos criei para irdes fazer companhia ao demónio, mas para de Mim gozardes no Amor eternamente (28).

Olha, Consolata, para o inferno vai só quem para lá quer ir. . . Pensa na tolice que é o vosso medo de condenar-vos (29): depois que para salvar a vossa alma derramei o meu Sangue, depois que ao longo duma existência inteira a rodeei de graças e graças e mais graças... no último instante da vida, quando

homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade (I *Tim.* II, 4).

(28) Se o temor ordenado do inferno pode ajudar a desapegar a alma do pecado, sòmente a esperança de conseguir o Sumo Bem pode induzi-la a fazer render o talento preciosíssimo da graça no exercício de acções virtuosas. Daqui a necessidade de levar as almas à esperança mediante o amor, uma vez que "o amor precede a esperança, porque ninguém espera senão o bem que ama...; a esperança é um amor que espera e aspira" (*Teotimo*, livr. II, c. 16).

(29) Como acima fica dito, refere-se Jesus aqui ao excessivo e injustificado temor que oprime por vezes mesmo as almas piedosas. Refere-se além disso a certos estados de alma, característicos de orientações pseudo-cristãs (calvinismo, jansenismo), nos quais o homem se sente e experimenta condenado, e assim se afasta de Deus e nega o além, colocando o seu fim no mundo: temor mundano que é sempre mau (*S. Tomás*, II-II, 29, 2, 3).

estou prestes a recolher o fruto da Redenção, e portanto quando esta alma está capaz de começar a amar-Me eternamente, há de ser então que Eu, precisamente Eu, que no Santo Evangelho prometi dar a essa alma a vida eterna, Eu a quem ninguém as pode arrancar das mãos, há de ser então que Eu, repito, ma deixarei arrebatado pelo demónio, o meu maior inimigo? Mas, Consolata, quem pode crer nesta monstruosidade?!

Olha: a impenitência final tem-na a alma que quer ir para o inferno de propósito e portanto recusa obstinadamente a minha misericórdia, porque Eu não recuso nunca o perdão a ninguém; a todos ofereço e dou a minha imensa misericórdia, porque por todos derramei o meu Sangue, por todos!

Não, não é a multidão dos pecados que faz com que a alma se condene, porque Eu perdoo-lhos se ela se arrepende; — é o obstinar-se em não querer o meu perdão, em querer condenar-se (30).

S. Dimas, na cruz, tem um só acto de confiança em Mim, e tantos e tantos pecados. E contudo, é perdoado num instante. E no mesmo dia em que reconhece as próprias culpas e delas se arrepende, entra na posse do meu Reino e é um Santo! Vê aqui o triunfo da minha misericórdia e da confiança em Mim!

Não, Consolata: meu Pai que mas deu, as almas, maior e mais poderoso que todos os demónios, — sabes! —, e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai.

Ó Consolata, tu confia, confia sempre. Crê cegamente que Eu cumprirei todas as grandes promessas que te fiz, porque Eu sou bom, sou imensamente bom e misericordioso, e «não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva» (31).

(30) Esta obstinação equipara os homens aos demónios (S. Tomás, III Suppl. 93, 3).

(31) *Ezech.* XXXIII, 11 — À vontade salvífica da parte

Sór Consolata correspondeu assaz bem aos convites divinos. E não é que lhe tenham faltado lutas também neste ponto, mas saiu delas sempre victoriosa.

Citamos dos seus escritos — 3 de novembro de 1935 —:

«Certa noite, em Matinas, impressionou-me sobremaneira o passo do Evangelho que começa: **Um homem tinha plantado uma figueira na sua vinha...** (32). Ao chegar à cela, copiei o trecho evangélico e fiz-lhe o comentário que me havia de servir para o dia de retiro. Parecia a história da minha alma: **«se der fruto, bem; se não, cortá-la-ei...** E o temor dos juízos divinos assaltou-me fortemente e escancarou um abismo entre Deus Pai e a minha alma infiel. Chorei, sem ousar mais olhar para o Céu... tudo me parecia inexoravelmente perdido. Que hora de angústia lancinante!... Que podia eu oferecer para aplacar esta justiça? Que podia eu prometer, se cada dia que passava, acentuava as minhas infidelidades?... E enquanto as lágrimas me corriam copiosas até molharem o travesseiro, recolhi todas as forças da alma e exclamei: — **«Jesus, em Ti confio!»** — E eis que sobre o abismo espantoso se

de Deus deve, portanto, corresponder da parte do pecador a vontade de “viver”, isto é, de salvar-se mediante a sua conversão para Deus. “Levantar-me-ei e irei para meu Pai” (*Luc. XV, 18*). Esta verdade encontra em Ezequiel acentos tão claros, reiterados e vigorosos, que lhe valeram o título de “profeta da responsabilidade humana” no sentido *novo e original* da doutrina de Deus sobre o homem.

(32) Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi buscar fruto e não o encontrou. Então disse ao vinhateiro: eis que há três anos venho buscar fruto a esta figueira, e não o encontro; corta-a, pois, pelo pé; para que está ela ainda a ocupar terreno? Mas ele respondendo, disse-lhe: Senhor, deixa-a ainda este ano. Vou cavá-la em roda e lançar-lhe esterco. Se com isto der fruto, bem está. Se não, corta-la-ás depois (*Luc. XIII, 6-9*)

estendeu a ponte... (33) Jesus, — a confiança n'Ele —, unia por cima de todas as misérias, esta pobre criatura ao Sumo Criador... e a paz voltou. A confiança em Deus! Só ela me dá asas; o temor gela-me, paralisando todas as possibilidades de actividade...».

Doutra vez teve a mesma experiência, durante a Hora Santa, em a noite de quinta-feira para a primeira sexta-feira de julho de 1936:

«Tirei o Ofício de **Zelador**, dirigi-me para junto do tabernáculo e li: — Nosso Senhor amou-te e deu-se a ti sem reservas, e tu quererias ainda dividir o teu coração? — Foi uma hora de Getsémani! O Amor divino, as suas manifestações (em mim), humilham-me profundamente. Ando como que oprimida pelos dons, pelas ternuras do Coração de Jesus para comigo. Não! Mais que isto não pode fazer um Deus pela sua criatura, Jesus não me pode amar mais. E eu como Lhe correspondo?...

«As minhas infidelidades ao silêncio apareceram-me na sua monstruosidade. Não, eu não amava a Jesus sem reserva, não Lhe dava tudo, ou se dava, apenas dado retomava-o. Meu Deus! Que ingrati-dão... Esmagava-me este peso até quase me aniquilar, e a Justiça reprendia-me.

«Em meio desta angústia indizível pensei que nada mais me restava senão lançar-me com plena confiança no Coração de Jesus, que é bom, infini-

(33) A imagem da *ponte* evoca a doutrina idêntica de S. Catarina de Sena no Diálogo da Divina Providência, c. 21. Jesus Cristo, como Pontífice (Sacerdote Eterno) é o nosso Mediador, e todos os que participam do seu Sacerdócio formam a sua Igreja (carácter sacerdotal e jerárquico respeitado pela verdadeira Mística), segundo o pensamento de S. Bernardo na Carta ao Arcebispo Henrique: "Apindo assim (buscando a honra de Deus e a salvação do próximo), (o Bispo) não só satisfará ao ofício do Pontífice, mas também àquele que a etimologia do seu nome exprime: fazer-se a si mesmo "ponte" entre Deus e o próximo".

«tamente bom... Jesus esperava este acto!... Voltou «a paz e o amor!»

Por outras provas não menos dolorosas terá Sór Consolata que passar, por se ter oferecido para passar o inferno na terra, com o fim de salvar do inferno eterno os seus pobres «Irmãos». Mas soube heróicamente ser fiel ao juramento que um dia lhe pedira o Eterno Pai, como que a prepará-la para os grandes assaltos que a esperavam (8 de outubro de 1934): **«Honra a Deus com a tua confiança. Jura-Me «que hás de crer sempre, seja qual for a situação em «que venha a encontrar-se a tua alma, que há um «Paraíso aberto para ti!**

De resto, ela recebeu de Jesus, por mais vezes, promessa formal de que iria directamente para o Céu sem passar pelo Purgatório. Assim a 19 de setembro de 1935: **«Não, Consolata, para o Purgatório «não iremos, passaremos da cela para o Céu!»** E já antes, respondendo aos seus temores, neste ponto, motivados pelos pecados cometidos: **«Ouve, Consolata, se o bom ladrão, juntamente com as suas, ti-«vesse tido todas as tuas culpas, dize-me, teria Eu «porventura mudado de sentença? — Oh! não, Jesus! «Tu terias dito igualmente: «hoje estarás comigo no «Paraíso!» — Pois bem, na tarde dir-te-ei a ti a «mesma coisa!»**

CONFIAR NO AMOR

A confiança é a flor da esperança cristã (34). E' o enquanto não só nos faz tender com ânimo alegre para a Pátria celeste, mas também enquanto nos faz caminhar com desembaraço e sem paragens pelo caminho da santidade. Amor e confiança são portanto as duas asas com que a alma desfere os vãos

(34) A confiança supõe um certo vigor de esperança (S. Tomás II-II, 129, 6).

mais ousados e paira acima de todos os píncaros. Se talcece a confiança, languidece também o amor, e a alma arrasta-se. O maior obstáculo às operações divinas na alma é, com efeito, juntamente com o buscar-se a si mesma, a desconfiança.

As mais das vezes faltamos à confiança em Deus por demasiada confiança em nós próprios. Então a alma, ao experimentar a própria impotência para o bem, aflige-se desmedidamente, dando lugar à perturbação. Devia ser o contrário. Não é acaso pela sua fraqueza que a criancinha tem direito ao amparo da mãe?

Sucedo o mesmo no campo espiritual. A nossa extrema fraqueza é que nos dá direito a contarmos com a fortaleza divina. São as nossas misérias sem número que atraem sobre nós as ternuras do Coração de Jesus. Eis um ponto importante na luta pela santidade: fazer de cada uma das nossas faltas, mais ou menos voluntárias, uma espécie de ponto de apoio para erguermos mais alto a confiança. Amor que perdeu a confiança, já não é amor, — é temor. E toda a angústia originada pela desconfiança não honra, fere o Coração de Deus.

Daqui que a mencionada frase: «**Honra a Deus com a tua confiança**», a encontremos com frequência repetida pelo Eterno Pai ou por Jesus a Sór Consolata. Um dia, 17 de setembro de 1935, Sór Consolata entretinha-se confidencialmente com Jesus: «Jesus

dizia-Lhe ela —, o falares Tu à minha pobre alma, o dignares-Te ser o seu Mestre, deveria constituir a maior alegria do meu Coração. E, contudo, vejo-me estrangida a permanecer como que indiferente, pois é tão grande a minha miséria, como certo não haver em mim absolutamente nada que possa atrair-me o teu olhar divino. E como assim o entendo, nasce-me, por vezes, a dúvida: Não serei eu uma grande ilusa?... Jesus, perdoa-me! Sim, eu creio que Tu és bondade Infinita!» E Jesus, em res-

posta: «Olha, Consolata, as tuas misérias têm limite, mas o meu Amor não.»

Alguns dias depois, a 19 de setembro de 1935, dizia-Lhe ainda Sór Consolata: «Jesus, que Tu ames «os lírios cândidos e imaculados, isso creio eu; mas «a mim... isso não posso compreender!» E Jesus: «Se «te lembrares que não vim para os justos mas para «os pecadores (35), compreenderás imediatamente, «Consolata!»

«Uma tarde — escreve ela — estava eu desolada. «Fui-me para diante do Tabernáculo e disse assim: «— Jesus, sou sempre a mesma; prometo, e depois... «— Também Eu sou sempre o mesmo; não mudo «nunca! (36) Mas disse-me isto com semelhante tom «que a minha desolação se transformou em alegria: «se não se afligia Ele, para que me havia de afli- «gir eu?»

Segue-se que Jesus nunca por nada lhe permitia amofinar-se por causa das faltas dela. Quando te acontecer caíres numa falta qualquer — comunicava-lhe Jesus a 2 de novembro de 1935 — não te entristeças. Vem imediatamente depô-la no meu Coração e, acto seguido, reforça o propósito da virtude contrária, mas com grande calma. Assim cada falta tua será um passo em frente (37).

Com grande calma... E' que o inimigo é astuto e procede com tática: se ele consegue inocular numa alma o veneno da desconfiança, considera-se satis-

(35) Cfr. *Mat.* IX, 13.

(36) Cfr. *Salmo* 101, 28; *Hebr.* I, 12 — Esta alusão à imutabilidade divina põe bem em relevo a necessidade que tem a criatura, defectível e sujeita a mudança, de apoio firme e permanente.

(37) Disse-o na *Introdução à vida devota*, e não me cansarei de o repetir, porque nunca se dirá demais: “das culpas cometidas há que entristecer-se com arrependimento forte, calmo e constante, mas não turbulento, inquieto e descoroçador” (*Teotimo*, l. IX, c. 7).

leilo. O resto vem por seu pé. Virá em primeiro lugar a perturbação, tão perniciosa para a alma, como Jesus explicava a Sór Consolata a 2 de agosto de 1936: **Se a alma se mantém calma, então é senhora de si mesma (38); mas se se perturba, então são fáceis as quedas.**

Tendo ela notado que Jesus tudo permitia na sua alma excepto a perturbação, perguntou-lhe um dia o motivo, e Jesus, cheio de bondade, fez-lhe compreender: **que a alma em paz é como fresco manancial de água pura e límpida, onde Ele pode vir desdentar-se sempre que quiser; mas se nela entra a perturbação, essa alma, ou seja, essa água fica como se fosse remexida com um páu que faz levantar o lodo, e então Jesus já não pode matar a sede.**

E não só Jesus não pode matar a sede, mas o demónio, que precisamente pesca em águas turvas, encontra neste estado da alma o elemento adequado para as suas maléficas operações. Por isso Jesus a premunia com dizer-lhe a 24 de setembro de 1936: **A perturbação, é não deixá-la entrar nunca, nunca, nunca, porque se te perturbas, fica o demónio contente e a vitória será dele.**

Este tríplice **nunca** era confirmação da obediência que o P. Espiritual tinha imposto a Sór Consolata, a qual, nos seus grandes desejos de perfeição, era um pouco inclinada ao escrúpulo. Jesus lembrava-lhe essa obediência explicitamente: **Lembra-te que a obediência te impõe o não dares nunca, nunca, nunca entrada à perturbação. Isto é para ti o mais importante.**

Por conseguinte, nunca perder a confiança, para nunca se perturbar. Porque, de facto, quase sempre, detrás da perturbação está o desânimo, e quem desanima já não luta mais, portanto não avança mais;

(38) Cfr. *Luc*, XXI, 19. — O dominio de si mesmo é elemento fundamental da vida moral.

pelo contrário, fàcilmente retrocede. Não se ganha nada e perde-se muito. Ao menos perde-se tempo.

«Compreendi, escreve Sór Consolata, que é louco «o alpinista que, subindo para a meta, pára desanimado por ter dado uma pequena escorregadela, «sem ousar já olhar para o píncaro almejado. É compreendi que, pelo contrário, é atilado aquele que, «levantando-se prontamente, retoma confiante o caminho, sem por nada se perturbar e com propósito «de não perder tempo, pronto a levantar-se a cada «nova escorregadela». Por isso é que não será nunca demasiado ponderada pelas almas de boa vontade a seguinte lição de Jesus a Sór Consolata (7 de novembro de 1935):

Dize-me, Consolata, qual é mais perfeita: uma alma que com Jesus se lamenta sempre que é imperfeita, que está sempre a cometer faltas e infidelidades aos propósitos; ou uma alma que sorri sempre a Jesus, faz o que pode por amá-Lo, mas não se importa das imperfeições que não quer, para não perder tempo; ela ocupa-se só em continuar a amar a Jesus. Dize-me: qual destas duas almas te parece mais perfeita? Eu gosto mais da segunda.

Ora então, tu faze o que puderes para amar-Me, e quando caíres na conta de que és infiel, dá-Me um acto de amor mais ardente e a seguir retoma o teu canto de amor.

Jesus não é um tirano, e, se por um acto de amor perdoa uma existência de delitos, dize-Me, como poderá um dia lançar em rosto um pensamento inútil em que involuntariamente te tenhas demorado?

O dizer-Me e repetir-Me: «Olha, Jesus, para o que eu fiz; como Te sou infiel, etc.», são lamentos, é perda de tempo. Pelo contrário, um acto de amor mais ardente, ao mesmo passo que torna preciosa a tua alma, alegre a minha, entendeste?... Às imperfeições involuntárias não lhes dar sequer a honra de um olhar.

Há, portanto, que tender para a perfeição amando a Jesus, há que fazer todo o esforço por diminuir o número e a voluntariedade das faltas, e há que não deixar-se dominar depois pelo desânimo quando acontecer o cometê-las, confiando sempre na imensa bondade do Coração de Jesus, o qual não por elas retirará da alma o Seu amor, os Seus favores nem a Sua intimidade.

E, por este motivo, deixou Jesus a Sór Consolata, para as almas, a seguinte preciosa lembrança (15 de dezembro de 1935):

Acredita que não serás para Mim menos querida, mesmo quando a tua fraqueza te levar acaso a ser infiel às tuas promessas de silêncio, etc. Olha, Consolata, o Meu Coração deixa-se subjugar mais pelas vossas misérias que pelas vossas virtudes.

Quem saiu justificado do templo? — O publicano (39). E' que diante duma alma humilde e contrita, o Meu Coração não sabe conter-se... Sou assim!

Lembra-te sempre: que te amo e te amarei até à loucura, em qualquer momento e por qualquer fraqueza tua que não queiras, mas que cometas.

E por conseguinte jamais, jamais, jamais a menor dúvida de que Eu, por uma infidelidade tua, possa vir a faltar às minhas promessas; jamais, não é assim? Doutra forma, Consolata, ferir-Meias no íntimo do Coração!

Lembra-te que só Jesus sabe compreender a vossa fraqueza, só Ele conhece toda a humana fragilidade.

Consolata, essa culpa de duvidar que, por motivo das tuas infidelidades, Eu haja de cumprir as minhas promessas, tu não a cometerás nunca, nunca, nunca! Prometes-Mo, não é verdade? não me farás semelhante ultraje, porque Me farias sofrer muito!

E não se creia que tudo isto se possa aplicar só

(39) Cfr. *Luc.* XVIII, 10 e seg.

a almas de avançada perfeição, qual era Sór Consolata que teria preferido a morte a cometer qualquer infidelidade com plena consciência. Repetimos: Jesus, através de Sór Consolata, propunha-se falar a todas as almas: mesmo àquelas que se encontram no começo da sua conversão ou renovação espiritual e sentem por isso ainda a rudeza da luta (40), do mesmo modo àquelas que depois de terem avançado no caminho da perfeição, e quando se julgavam já invulneráveis, a um assalto mais violento ou imprevisto do inimigo, vêm a experimentar ainda, permitindo-o assim Deus, a realidade triste da fragilidade humana (41). E' então o momento de juntar as forças todas da alma em um supremo acto de confiança no Coração de Jesus. Oíçam todas estas almas as seguintes reconfortantes palavras que Jesus dirigia a Sór Consolata, na mesma ocasião acima mencionada:

Olha, Consolata, o inimigo fará tudo para abalar a fé cega que tens em Mim, mas tu não esqueças nunca que Eu sou e gosto de ser exclusivamente bom e misericordioso.

Compreende, Consolata, o meu Coração; compreende o meu amor e não permitas jamais, nem por um instante, que o inimigo penetre na tua alma com um pensamento de desconfiança, jamais! Acredita

(40) "A alma que ressurge do pecado à vida de devoção é comparada à aurora, que no raiar não afugenta as trevas repentinamente mas pouco a pouco. A cura feita gradualmente é sempre mais segura. As doenças da alma, como as do corpo, vêm cavalgando a *gaiοpe*, mas vão-se embora só a pé e passo e passo." (S. FRANCISCO DE SALES: *Introdução à vida devota*, c. V).

(41) "Salomão diz ser animal muito insolente a serva que de repente se tornou patroa. Haveria grande perigo que viesse a ser orgulhosa e vã uma alma por muito tempo escrava das paixões tornada senhora delas num momento" (S. FRANCISCO DE SALES: *Carta a uma dama*, 825º Colec. Blaise).

que sou só e sempre bom, acredita que sou só e sempre, para ti, mãe (42).

E assim, procura imitar as criancinhas que à mais ligeira arranhadela num dedo, correm logo para a mãe, para esta lhe pôr uma ligadura. Faze tu o mesmo, sempre, e lembra-te que Eu apagarei sempre, repararei sempre as tuas imperfeições e infidelidades, tal como a mãe porá sempre a ligadura no dedo, doente na realidade ou só na imaginação.

E se a criancinha, em vez de um dedo, quebrar um braço ou a cabeça, dize-me, poderás descrever a ternura, a delicadeza, o affecto com que será enfaixada e ligada pela mãe?

Ora bem. Eu faria com a tua alma a mesma coisa, embora nada dissesse, se se viesse a dar uma queda; entendeste, Consolata?

Portanhto, nunca, nunca, nunca admitir nem sequer sombra de desconfiança. A desconfiança fere-Me no íntimo do Coração e faz-Me sofrer.

De resto, prometia-lhe, para conforto dela, que a não deixaria cair em faltas graves: Não, querida, não te deixarei partir nenhum braço nem a cabeça. E, além disso, fica sabendo que o que te digo a ti servirá um dia para outras almas. Por isso te mando escrever.

Portanto, nunca, nunca, nunca admitir nem mas, visto cá na terra não pode ninguém pretender ficar isento de defeitos ou imperfeições. Se dissermos que não temos pecado, nós mesmos nos enganamos e não há verdade em nós. (I Jo. I,8). Também Sór Consolata, não nos cansaremos de o repetir, teve os seus defeitos; nem ela os esconde, pelo contrário, como o leitor já deve ter verificado, quase se compraz em os pôr a descoberto, insistindo e até carregando neles a mão.

(42) Cfr. *Marc.* IX, 22. — A confiança em Deus brota de fé viva e prática no poder, bondade e fidelidade d'Ele.

Eram, as mais das vezes, defeitos externos, como explosões imprevistas do génio, causados quase sempre pelo zelo da observância. Ora nós perguntamos: que peso de culpa poderiam ter, diante de Deus, estes actos **primo-primi** numa alma de índole ardente, de carácter pronto e quase impetuoso, a ponto de a chamarem «relâmpago e tempestade»? — numa alma que, talvez no mesmo dia, tinha já lutado, até ao heroísmo, por reprimir, não uma, mas dez, vinte vezes, os impulsos desordenados da natureza? e que, depois desses repentes, logo se arrependia, com a melhor das boas vontades se humilhava diante de Deus e das criaturas, com sincero propósito de emenda?

E é bom recordar, ademais, que, muitas vezes, tais defeitos exteriores são como véu de que Deus se serve para esconder, a olhos alheios, os seus dons e operações numa alma (43).

Assim succedeu com Sór Consolata. Respondendo Jesus ao pedido de passar inadvertida na comunidade, prometeu-lhe: **Sim. Aniquilar-te-ei na dor e na humilhação!** — Que humilhação? — Precisamente esta: de aparecer defeituosa. E, note-se, aparecer defeituosa não só aos olhos alheios, o que conta e não conta, mas também aos próprios olhos, que é no que consiste verdadeiramente a humilhação (44).

(43) “Em todos os que ama, põe Deus, com o fim de os conduzir à bem-aventurança, qualquer que não é repreensível aos olhos d’Ele, mas que os torna neste mundo objectos de crítica e repreensão” (JULIANA NORWICH: *Revelações do amor de Deus*, c. XXVIII).

(44) A uma alma à qual S. Gertrudes se tinha recomendado para vencer certos defeitos seus, respondia Jesus: “Estes defeitos são para ela vantajosíssimos. Cada dia deramo na sua alma tal abundância de graças que, para lhe preservar a fraqueza humana dos assaltos da vaidade, tenho que lhe esconder muitas delas dos olhos, sob as névoas destas ligeiras faltas” (P. CROS S. J.: *O coração de S. Gertrudes*).

São todas estas coisas, coisas que se sabem, mas praticamente se esquecem. Esquecemo-las quando de nós se trata: inquietando-nos, perturbando-nos e desanimando ao suceder-nos cometer qualquer falta. Esquecemo-las sobretudo quando se trata do próximo: insurgindo-nos contra toda possível afirmação de santidade de uma alma, se nela enxergamos sequer uma sombra de defeito.

Queríamos ajuntar que é mais fácil descobrir tais defeitos nas almas generosas, ardentes, volitivas, as quais **devoram lanços** na corrida para a santidade, do que nas que medem as passadas e pedem licença a um pé para mudar o outro com medo de tropeçar. Os Santos não foram seres tímidos nem sequer meticolosos, mas audazes realizadores. Não dizemos presumidos, dizemos audazes. Não se perdiam em ninharias, iam ao sólido. «Os que nunca entram em combate — diz S. João Crisóstomo — nunca são feridos; quem se lança com ardor na refrega, bastas vezes é tocado» (45).

Esta digressão não nos parece inútil, dada a grande importância de as almas — e os directores de almas — não deixarem de lado o essencial para se ocuparem do acessório. Entretanto, eis como Jesus, continuando a sua mais que maternal exortação, encorajava a Sór Consolata: **Querias tu que Eu te promettesse não te deixar cair nunca, mas te mantivesse sempre fiel, sempre perfeita? Não, Consolata, Eu não quero iludir-te. Por isso te digo que cometerás faltas e infidelidades e imperfeições; mas estas servir-te-ão para avançares, porque te levarão a fazer tantos e tantos actos de humildade** (46).

(45) — *Ad Theod. laps.* lib. I, n. 1.

(46) “Oh! Benditas imperfeições que nos fazem conhecer a nossa miséria, nos exercitam na humildade, no desprezo de nós mesmos, na paciência e na diligência!” (S. FRANCISCO DE ASSIS: *Carta 881*, colec. Blaise).

Mas caso é, que ao passo que é fácil para a alma manter a confiança enquanto goza dos atractivos divinos, o mesmo se não pode já dizer quando caminha em trevas de espírito. Por isso Jesus, preparando Sór Consolata também para esta eventualidade, punha-a assim de sobreaviso a 27 de novembro de 1935:

Sim, Consolata, hoje o céu da tua alma é belo como o céu da natureza. Vê-lo? E' cor de rosa e azul. Mas dentro em pouco, a este lindo céu de amor e de confiança, virão cobri-lo cerradas trevas...

Ânimo, Consolata! Serão dias frutuozos estes da prova. Neles poderás mostrar a Deus, com factos, o teu amor e a tua confiança n'Ele! Oh! Confia, confia sempre em Jesus! Se soubesses quanto gozo com isso!

Dá-Me sempre este conforto de confiar em Mim, mesmo em meio das trevas da morte. Dá-Me sempre a alegria, seja qual for a hora tenebrosa em que venhas a encontrar-te, de um «Jesus, a Ti me abandono! Creio no teu amor por mim e confio em Ti!»

Assim fez Sór Consolata, conservando inalterável a sua confiança, erguendo-a, até, cada vez mais alto. Desde o dia 14 de agosto de 1934, vigília da Assunção, deixava ela em mãos da Celeste Mãe, após havê-lo assinado com o próprio sangue, o seguinte voto da virtude da confiança: «Minha Mãe em tuas mãos deponho o voto que faço a Deus N. Senhor de confiar na sua Bondade, e na sua misericórdia, sempre, seja qual for o estado em que venha a encontra-se a minha alma e de crer sempre no que Ele me prometeu. Ó doce Mãe, com o teu auxílio quero esperar, confiar e crer em tudo isto pela Omnipotência do Deus da Bondade. Meu Deus, eu Te amo e em Ti confio!».

«Meus Deus, em Ti confio!» ou então «Jesus, confio em Ti!» são expressões que ocorrem a cada passo nos escritos de Sór Consolata: são o selo de

todos os seus propósitos, de cada novo erguer-se depois de qualquer infidelidade, de cada nova investida na conquista da perfeição. E' acaso de espantar que o Coração de Jesus se deixasse vencer por tão grande confiança? Os dons divinos, as magnificas promessas feitas por Ele a Sór Consolata é tudo fruto e prémio, a um tempo, deste seu amor confiante. Sór Consolata creu. Creu mas com fé que não só transporta, melhor, pulveriza as montanhas dos próprios defeitos, mas coloca até a mesma Omnipotência de Deus ao serviço da criatura.

Jesus confirmava-lho: 6 de agosto de 1935. — Sabes o que Me atrai para a tua alma? — E' a confiança cega que tens em Mim, 20 de outubro de 1935. — A confiança cega, infantil, sem limites, imensa, que tens em Mim, gosto muito dela, e é por isso que Me inclino para ti com tanto amor e ternura.

por causa desta confiança fará Ele nela maravilhas sobre maravilhas (8 de outubro de 1935): Eu hei de fazer em Consolata coisas maravilhosas porque a tua confiança em Mim não tem escolhos.

Tu, crê em Jesus, no seu Coração misericordioso: tudo é possível para quem crê (47).

Por esta confiança Ele a elevará às culminâncias da santidade (18 de novembro de 1935): Se tu tivesses confiado em ti mesma ou te tivesses apoiado exclusivamente numa criatura minha para chegares ao alto, terias caminhado a passo de lesma; mas tu confias só em Jesus, apoiaste-te no Omnipotente, e então Eu levarei a cabo maravilhas, faremos vãos gigantescos.

Por esta confiança Ele derramará na alma dela os tesouros do Seu Coração Divino: Consolata, tu não pões limites à tua confiança em Mim, e Eu não ponho limites às minhas graças para contigo.

E é mesmo em atenção à confiança que Ele

(47) Cfr. *Marc.* IX, 22.

fará de Sór Consolata não só uma apóstola no mundo, mas a apóstola dos apóstolos. Esta promessa fazia-lha Jesus, por vez primeira, a 22 de outubro de 1935: **Consolata, farei de ti a apóstola dos apóstolos!** Mais tarde, a 10 de dezembro de 1935, confirmava a mesma promessa e explicava-a, dizendo-lhe: **Aquele Deus a quem aprovou tomar uma menina para fazer dela apóstola dos apóstolos em atenção à confiança que se deve ter em Deus, saberá ainda infundir a esta menina tanta e tal generosidade que a fará superar as provas e a conduzirá vencedora aos almejados píncaros.**

Mais tarde ainda, a 3 de novembro de 1935, dava-lhe a Sua palavra garante à cerca das provas que a esperavam:

Consolata, nada temas. Ninguém poderá deter, já agora, a tua carreira vertiginosa para a meta, ninguém, porque Eu estou em ti e tu confias sòmente, cega, totalmente no teu Jesus. Gozo com isso, e verás o que chegarei a fazer de Consolata!

Não temas de nada nem de ninguém: tens contigo a Deus que olha por ti, que te protege como às pupilas dos seus olhos. Juro-te que corresponderás plenamente aos desígnios de Jesus sobre ti. «A quem crer em Mim, brotar-lhe-ão do seio rios de água viva» (48).

Oh! Confia, confia sempre em Jesus! Se soubesses quanto gozo com isso! Dá-Me este conforto de confiares em Mim, mesmo entre as trevas da morte.

Não temas nunca de coisa alguma, confia em Jesus totalmente, só e sempre. E ainda quando desçam sobre a tua alma trevas avassaladoras, oh! repete então mais intensamente: «Jesus, não mais Te vejo, não Te sinto já, mas em Ti confio e a Ti me abandono!». E assim, em toda e qualquer prova.

(48) *Jo.* VII, 38.

A tua confiança em Mim é grande, Consolata. Deixa que nos dias da prova se torne heróica.

E foi heróica. Pelos Exercícios Espirituais de 1942, quando já ia subindo o seu calvário, confiava nela ao diário esta página que merece ser citada por inteiro.

«... Alma minha, podes dizer, ante Deus, ter até hoje combatido sempre? Ter chegado à perfeição requerida? Ter mantido fidelidade aos propósitos feitos?... Meu Deus, que confusão, que vileza!... Mas, ó Jesus, não quero nem afligir-me, nem desanimar. Quero antes, desde este momento, com o teu auxílio, levantar-me, lutar, perseverar na luta, para poder eu também dizer, em ponto de morte, com S. Paulo: **Combati o bom combate, cheguei ao fim da minha carreira, conservei a fé!** (49).

«Sei que luta contínua, enervante, tenaz, quotidiana me espera desde o despertar ao adormecer: a luta contra os maus pensamentos para conservar para Ti, imaculados, a mente, a língua e o coração. Sei que me espera esforço supremo de todas as energias para tributar-Te um acto incessante de amor, para ver-Te em tudo, para ter um «sim» generoso para cada pedido Teu. E sei ainda que o ódio de Satanás aproveitará todas as situações para procurar impedir, retardar ao menos, a ascensão amorosa para Ti.

«Por isso a batalha vai travar-se, decisiva, contra mim mesma, contra as criaturas, contra o inimigo. Jesus, não quero entrar no Paraíso, um minuto sequer, antes do que tu marcaste, mas também nem um minuto depois por culpa minha. Se Tu estás em mim, quem contra mim? (50).

«Jesus, quero, desde este momento até à morte, não deixar entrar em mim um pensamento, um de-

(49) II *Tim.* IV, 7.

(50) Cfr. *Rom.* VIII, 31.

sânimo, uma desconfiança. Jesus, quero, apenas acordada, começar o acto de amor e continuá-lo; apesar de todas as baterias inimigas, até o momento de adormecer à noite. Jesus, sempre com a tua ajuda, quero ver-Te, falar-Te, servir-Te, em tudo. Jesus, quero responder «sim» a toda vontade ou pedido Teu, directo ou indirecto, a todo o sacrificio, a todo o acto de caridade, quero cumprir tudo com amor e a sorrir. Jesus, quero viver cada momento presente, e este momento, em acto de amor de doação total ao Teu querer Divino, por Ti e pelas almas! Jesus, quero com a Tua graça permanecer em paz, e sorrir sempre seja qual for o estado da minha alma!

«Jesus, com Teu auxílio, não mais se volta atrás! E então, devendo avançar, porquê arrastar-me? Porquê fazer rir o inimigo com paragens e demoras, com desânimos e desconfianças?... Não, não mais! Quero, com Teu auxílio, ir àvante, sempre àvante! Mesmo ferida, sempre àvante! E ainda quando me estender ao comprido, com alguma queda, no meu caminho, quero — confiando em Ti — levantar-me imediatamente mesmo que fosse a milésima vez e no último instante do dia, e entoar de novo, enèrgicamente, o meu canto, como se nada tivesse acontecido. Jesus Bom, abençoa e conserva esta Tua vontade em mim!»

Que grande boa vontade, que generosidade e confiança nesta alma «pequenina»! Confiança que ela, na íntima convicção do próprio nada, na quotidiana experiência da própria fragilidade, firmava sobre estas divinas realidades: o amor, a onnipotência e a fidelidade do Coração de Jesus.

Com efeito, escreve:

«Certa manhã dum dia de retiro (ao que me parece, no verão de 1931), não tendo podido fazer a Visita a Jesus Sacramentado com as demais Irmãs do Noviciado, tinha-me ido prostrar sòzinha a porta do Santo Tabernáculo. Abro o livro do retiro e leio:

Creio que sois Omnipotente!» Esta frase impressionou-me fundamentalmente. Fecho o livro e recebo em plenitude a luz divina. A divina Omnipotência! E compreendi que, apesar de todas as minhas extremas fragilidades e misérias, Deus podia fazer-me santa. E com a luz senti nova e forte esperança: a confiança em Deus! Se era Omnipotente, se podia tudo, podia também realizar os meus imensos desejos! E daquele momento em diante, acreditei que tudo se viria a realizar. Ó Jesus, se esta noite a Tua débil criatura pode, com vontade resoluta, dizer-Te: «Estou pronta para tudo!», a quem o devo se não à Omnipotência misericordiosa, que operou o milagre da transformação, e que à minha inata fraqueza substituiu a Tua força divina?»

Consolata fala de desejos imensos. Quais fossem e quais as respectivas e não menos admiráveis promessas divinas, pode ver-se no volume da Vida dela. Aqui diremos que, ao que nos parece, o ápice da confiança o atingiu ela com manter sempre firmíssima no coração, apesar de tudo, a certeza da realização tanto dos seus ilimitados desejos de amor, de dor e de almas, como das promessas divinas respectivas. Baste, por ora, uma citação que recortamos de carta sua ao Padre Espiritual (10 de setembro de 1942):

«... A minha oração mais ardente é agora pela intenção de obter amar a Jesus como ninguém o amou nunca e para salvar-Lhe almas em igual medida, mas medida de número. E repito-Lhe isto a cada estação da **Via-Sacra** até o aborrecer. Que quer, Padre? A única esperança que tenho de obter isto está na oração insistente. Sei que sou miséria, inconstância e vileza; mas sei também que Ele é Omnipotente, e que nada Lhe é impossível. Por isso, entre esta alma pequeníssima e o Deus Bom, está lançada a ponte da confiança, e em que pese à minha vileza suprema, creio que Jesus me concederá o que anseio.

«Já não temo dor, luta, aniquilamento. Jesus deu-me a graça de amá-los, e admirar-me-ia e sofreria se não me encontrasse neste estado. Com grande ousadia peço para sofrer como ninguém jamais tenha sofrido, porque não me fundo sobre mim mesma, vil por natureza, mas conto exclusivamente com Ele, que é Omnipotente, pode tudo, até fazer com que eu suporte com alegria tanto sofrer. Peço, anseio e creio que me será concedido isto. Às vezes, gracejando, digo-Lhe que se me não concede sofrimento e força para o suportar bem, Ele não será Omnipotente: «É eu creio que Tu és Omnipotente!» Parece-me poder-lhe afirmar, Padre, que a minha carreira para a dor, como para o amor, começou.

«Às vezes, à noite, ao fazer a Via-Sacra, fitando as estrelas, penso: Que dirão os Santos do meu insistente pedido de amor, dor e almas, em grau tão excessivamente alto?... Se esse pedido partisse dum coração inocente, fiel, mas da Consolata!... Contudo, já agora, está lançado o repto de audaz confiança que tudo espera obter. Para quem crê, tudo é possível; e Consolata crê, crê! Oh! meu Padre, parece-me que a fé se tornou em mim tão grande, tão grande!... E agarro-me tenazmente à oração para conservá-la, e, mais ainda, para, se é possível, fazê-la aumentar mais a cada instante. Repito: está lançada a ponte entre esta pobre criatura e o coração de Deus. Confiança sem limites!»

Semelhante arrojo de amorosa confiança está por si mesmo comentado, e explica a promessa tantas vezes feita por Jesus a esta alma querida: **Consolata, no seio da Igreja, tu serás a confiança!**

Podemos, ainda assim, tirar, desde já, do dito até agora, uma conclusão que explanaremos nas páginas seguintes, a saber: o amor, a vida de amor, conduz realmente a alma ao heroísmo de todas as virtudes, passando, vitoriosa, por cima das fragilidades da natureza humana.

AMAR O AMOR

Outra verdade, de que deve estar intimamente convencida a alma desejosa de progredir no caminho do amor, é que Jesus outra coisa nos não pede a nós, pobres criaturas suas, senão amor.

Assim como todas as relações do Criador com a criatura estão compendiadas na palavra de S. Paulo: **Ele amou-me** (Gal. II,20), assim também, todas as relações da criatura com o Criador se compendiam nesta outra do Evangelho: **Amarás ao Senhor teu Deus** (Mat. XXII,37). Para amor, amor. Tudo o mais que a criatura pode dar-Lhe é já Seu, e Ele pode tomá-lo a bel-prazer, mesmo a vida. Só o amor, não. Este sobre a terra é livre, e a criatura pode recusá-lo. Mas Deus quere-o, pede-o, pretende-o. Fez dele o fim da criação do homem (51). Proclamou-o Seu primeiro Mandamento, de cuja observância depende a consecução da vida eterna (Mat. XII).

E quere-o na íntegra: quere ser amado com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente, com toda a força. E para alcançá-lo, — o nosso amor — desceu Ele do Céu fazendo-se homem. E não só: fez-se mendigo aos pés da criatura: **Dá-Me de beber!** (Jo. IV,7). Finalmente subiu ao patíbulo para gritar-nos com a voz do Sangue derramado a própria sede divina de amor: **Sitio!** (Jo. XIX,28).

O apelo divino, sempre vivo durante vinte séculos na voz do Evangelho, tornado depois mais instante com as revelações feitas a S. Margarida Alacoque, intensificou-se nos últimos tempos através de não poucas manifestações misericordiosas. Exemplo: a que tem por centro a vida e doutrina de Santa Teresa do Menino Jesus. E no entanto, quantas almas sinceramente desejosas de se altearem até Deus, se não perdem inda agora, irrequietas e afanosas, por mal-

(51) *Finis omnium actionum humanarum et affectio-
num est dilectio* (S. Thomas, II-II, 27. 6).

andamosos carreiros, desviando-se do caminho direito e fácil e seguro que se lhes abre diante, — o caminho do amor! Quantas, ansiando consagrar-se a Deus, se deixam contudo enredar pelo medo de sabe-se lá que rigores, como se o Esposo Divino tivesse mais sede do nosso sangue que do nosso amor! Nada disso. A Sór Consolata, apesar de ela pertencer a uma Ordem claustral das mais austeras, Jesus pediu só amor. Este viria depois a produzir tudo o mais. As expressões «**Ama só a Mim**», «**Ama-Me sempre**»... «**Ama-Me muito**»... «**Só te peço amor**», etc. vêm repetidas centenas de vezes nas páginas do diário em que ela ia anotando as lições divinas.

E' convite contínuo, insistente e comovedor do Criador sedento do afecto da sua criatura. Como o não encontra na maioria dos homens, e nem mesmo o recebe, na íntegra, de muitas almas que se Lhe consagraram, vai-o mendigando das almas «pequenas». Elas compreendem melhor os anelos do Coração Divino e sabem corresponder-Lhe mais fielmente.

Com efeito, dizia Jesus a Sór Consolata em 15 de outubro de 1935:

Tenho sede de ser amado por corações inocentes, corações de menino, corações que me amem totalmente.

Pede-o a estas almas para, através delas, o fazer atear no mundo todo (13 de outubro de 1935):

Consolata, ama-Me tu por todas e cada uma das minhas criaturas, por todos e cada um dos corações que existem. Tenho tanta sede de amor!

Precisamente a sede de amor que todo o coração humano deveria sentir pelo Criador, sente-a o mesmo Criador pela criatura (9 de novembro de 1935):

Ama-Me, Consolata! Eu tenho sede do teu amor, como tem sede e deseja uma fonte de água fresca quem se sente morrer de sede.

E' tal e tão grande esta sede de amor que Ele chegava a dizer a Sór Consolata (3 de novembro de

1935): **Consolata, escreve, que to imponho Eu por obediência: — por um teu acto de amor criaria Eu o Paraíso!**

Se isto é já grandemente significativo, bem mais o é que Deus encontre o Seu Paraíso no coração de quem o ama (9 de novembro de 1935): **Consolata, enquanto tu me amas continuamente, Eu no teu coração gozo como no Paraíso!**

Já toda a alma em estado de graça — segundo o que ensinam a Escritura, os Padres e a teologia —, é templo, trono, Céu de Deus. Que dizer então da alma que não só vive no amor, mas vive de amor? Dizia Jesus a S. Margarida Alacoque: «Minha filha, são-Me tão agradáveis os desejos do teu coração, que se Eu não tivesse já instituído o Meu Divino Sacramento de Amor, instituí-lo-ia por amor de ti, para ter o prazer de morar na tua alma e fazer o Meu repouso de amor no teu coração» (52). E eis o que diz em nossos tempos a Sór Consolata (25 de outubro de 1935): «**Ês o meu pequeno Paraíso. Uma Comunhão tua compensa-Me de tudo quanto tive de sofrer para buscar-te, para fazer-Me contigo, para possuir-te. — Mas, Jesus, se eu não sei dizer-Te nada...! — Não importa. Basta ser meu o teu coração, exclusivamente meu. Que quero Eu das minhas pobres criaturas, senão o coração? A nada mais olho. Quando um coração é Meu, exclusivamente Meu, oh! então, esse coração torna-se para Mim um Paraíso! E o teu coração é Meu, é já eternamente Meu!**

Que bem compreendemos agora as insistências divinas para que Sór Consolata unisse, ao amor incessante, incessante oração pela vinda do Reino do Amor ao mundo! Assim a 16 de dezembro de 1935:

Consolata, sim, pede perdão para a pobre humanidade culpável, pede que venha sobre ela o triunfo

(52) *Vida e Obras*, II, 105.

da minha misericórdia, mas sobretudo pede — oh! pede! — venha sobre ela o incêndio do amor divino, que, qual novo Pentecostes, redima a humanidade de tamanha conspurcação e imundície.

Ah! só o Amor divino pode fazer de apóstatas, apóstolos; de lírios conspurcados pela lama, lírios imaculados; de repugnantes pecadores viciosos, trofeus de misericórdia!

Pede-Me o amor, o triunfo do meu amor para ti e para cada uma das almas que hoje existem sobre a terra, para cada uma das que não de existir até ao fim dos séculos.

Prepara, com a oração incessante, o triunfo do Meu Coração, do Meu Amor, sobre toda a terra!

Doutra vez (27 de novembro de 1935), insistindo na mesma ideia, aduzia Jesus as palavras de Sta. Teresinha: «Ó Jesus, quem me dera poder contar a todas as almas pequeninas a Tua inefável condescendência!» E ajuntava: **Consolata, conta às almas pequeninas, a todos, a minha condescendência inefável. Dize ao mundo quanto Eu sou bom e maternal, e como, às minhas criaturas, em troca, só peço amor. Tu podes contá-la, Consolata. Conta, conta como é extrema a minha misericórdia, e extrema a minha maternal condescendência.**

O amor — eis o fogo que Jesus veio trazer à terra e quer ver ateado em todos e cada um dos co-

Jesus quer, pois, salvar o mundo. Mas o mundo rações (15 de dezembro de 1935): **Consolata, ama-Me por todos, e, com a tua oração e imolação, prepara no mundo o advento do Meu amor!**

deve voltar a Jesus. Com Jesus virá a paz na tranquilidade da ordem. Sem Ele será a anarquia e a ruína.

E como voltar a Jesus? — Um só caminho, tanto para as almas como para as nações: **Diliges! O Amor.**

É toda a Lei, todo o cristianismo (53). No cumprimento deste único preceito, que abraça Deus e o próximo, está a salvação: **Faze isto e viverás** (Luc. X,28).

O protestantismo, por um lado, e o jansenismo, por outro, apagaram, nestes últimos séculos, pouco a pouco, este fogo sagrado no coração do cristianismo. E mataram-no, ao menos em muitas almas. A máscara dum cristianismo reduzido apenas à fé ou ao temor, gelou os corações, afastou-os de Deus, levando-os progressivamente ao indiferentismo, ao ceticismo, ao ateísmo, ao paganismo.

Para voltar a Jesus é necessário, portanto, voltar ao Evangelho, — àquele Evangelho que o próprio Jesus depositou no seio da Igreja Católica, e que ela tem defendido e ensinado constantemente: — o Evangelho do Amor e da Caridade.

Crer no Evangelho é crer no Amor. Praticar o Evangelho é amar.

(53) “O amor é o compêndio de toda a teologia, que tornou santamente douda a ignorância dos Paulos, dos Antãos, dos Hilariões, dos Franciscos, sem livros, sem preceptores, sem arte” (S. FRANCISCO DE SALES: *Teotimo*, l VIII, c. 1).



Vida de amor e perfeição cristã

AMOR E SANTIDADE

O número de almas santas que existem no seio da Igreja militante, só Deus sabe. O que todavia se pode afirmar é que não poucos cristãos têm para si ser a santidade, se não coisa própria exclusivamente do claustro, ao menos privilégio reservado a poucas almas de eleição, para as quais ela viria a ser dom chovido do céu sem terem que fazer mais que aparar e receber.

Semelhante modo de pensar além de errado é pernicioso: instila nas almas certa inércia espiritual e não as deixa ir além da mediocridade, — inércia e mediocridade — realmente nada próprias de almas que professam seguir a Cristo.

A vocação à santidade é de todos os cristãos indistintamente, como membros que são do mesmo Corpo Místico. Se é santa a Cabeça, santos devem ser também os membros. Quando Jesus diz no Evangelho: **Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus** (Mat. V, 48), fala para todos os que o seguem. Quando S. Paulo escreve: **E' esta a Vontade de Deus: que vos santifiqueis** (I Tess. IV, 3), é ainda a todos os cristãos que se dirige.

Se Deus quer que sejamos santos, não pode haver dúvida de que dará também as graças necessárias para conseguirmos a santidade. E quanto Jesus fez por nós, ou nos deu ou deixou, tudo se ordena

não só à nossa salvação, mas também à nossa santificação. O desejo, o contentamento, diríamos mesmo, a ambição de Jesus é precisamente ver-nos santos. Dava disto confirmação a Sór Consolata quando lhe dizia:

Se soubesses quanto gozo com fazer santa uma alma! Deviam todos fazer-se santos para me darem este gosto. Queres dele uma pálida ideia? Pensa na alegria da mãe quando vê o filho de volta a casa, triunfante com o doutoramento alcançado: é felicidade indescrevível a dessa mãe!

Ora a minha felicidade em ver que uma alma atingiu a santidade, supera imensamente esta frouxa imagem.

Também aqui Jesus fala para todas as almas.

E', pois, de suma importância que os cristãos sejam bem elucidados nesta matéria. Porquê ter medo de falar-lhes de santidade? Porquê incutir-lhes qualquer temor de aspirarem à santidade, se ela é estricte e concreto dever de todo o cristão? O importante é ter ideias claras e justas sobre a mesma santidade, tanto para não errar na prática e pouco ou nada conseguir pensando que se faz muito, como para não deixar-se demover de tão nobre empreendimento sob pretexto da própria pequenez e fraqueza.

E' erro — e Jesus Cristo declara-o expressamente a Sór Consolata, como já vimos — é erro, falando de santidade ou dos Santos, dar toda a preponderância aos dons extraordinários ou graças *gratis datae*. E, de igual modo, é erro dá-la também às penitências extraordinárias, às austeridades, etc., como se o primeiro Mandamento da Lei, e portanto o primeiro, o grande dever do cristão fosse, não o amor de Deus e do próximo, mas a maceração do corpo.

Não. Não ha que desfigurar o Evangelho nem reduzir ou abaixar os Santos do Cristianismo quase

ao nível duma seita de flagelantes, sem dar o devido relevo àquela interioridade — união com Deus: amor — do qual todas as obras, e ainda todas as virtudes, auferem a sua vida, valor e perfeição. E, muito menos, é o Evangelho Mensagem de tristeza. Bem pelo contrário: é Mensagem de alegria, desde a Mensagem da fausta nova dos Anjos em Belém, até à Mensagem triunfante dos Anjos junto ao sepulcro vazio de Jesus. E quem pode afirmar que Jesus tenha proibido aos que o seguem o gozo das puras e castas alegrias da vida, quando é precisamente o seu amor que no-las vai semeando — entrelaçadas com a dor, embora — ao longo do nosso caminho? E não é, porventura, o próprio sacrifício de cada dia transfigurado pela luz da esperança cristã?

A este respeito, temos encontrado já, nesta mensagem, bastantes alusões. Aduzimos outras mais.

Um dia Sór Consolata, atacada de forte gripe, apoiou-se ao banco no coro, e depois sentou-se mesmo, — coisas que por espírito de mortificação jamais fazia. Veio-lhe, por isso um pouco de pena e pediu perdão a Jesus, o qual lhe respondeu: **Está em paz. Não me faças severo, Consolata! Jesus que ao teu Pai S. Francisco mandava o corvo despertá-lo pela manhã mais tarde, unicamente por ele de noite ter dormido menos, pode também permitir a uma sua criatura apoiar-se e sentar-se no coro, por ela estar... com gripe! Compreendeste que Jesus é a Bondade, a Misericórdia, a Indulgência?**

Sór Consolata era afeiçoadíssima à vida comum em tudo sem exceptuar a comida; renunciava porisso, de bom grado, e de propósito, ao que a comunidade costuma dar às mais fracas, e desejaria não ser nunca dispensada desta regra nem mesmo nos dias de prostração física ou de enfermidade. Ora eis aqui a bela lição de Jesus que vem mesmo ao caso (24 de setembro de 1936):

Consolata, lembra-te que sou Bom. Não deturpes o meu modo de ser. Olha: a santidade, gosta o mundo de figurá-la com imagens todas de austeridade, de flagelações, de cadeias e cilícios. . .

Não, não é assim. Se o sacrifício, se a penitência entram a constituir parte da vida dum Santo, não está nisso toda a sua vida.

O Santo, ou seja, a alma que se dá generosamente a Mim, é o ser mais feliz da terra, porque Eu sou Bom, exclusivamente Bom.

Oh! não esqueças nunca que aquele Jesus que vês morrer crucificado, ao fim da sua carreira mortal, é o mesmo Jesus que durante trinta anos participou da vida comum de todos os homens, no seio da própria família, é o mesmo Jesus que nos três anos de pregação vês sentar-se à mesa e tomar até parte em banquetes. E Jesus era santo, Consolata, o mais santo de todos os homens!

Por conseguinte, naquilo que precisares, não procedas de maneira tal que me desfigures. Pensa que Jesus é sempre Bom, que para ti é e será, até ao último alento, a mesma ternura maternal.

Se gosto da fidelidade às tuas promessas, gosto também da tua confiança na minha bondade maternal, e, quando sintas verdadeira necessidade, serei feliz em ver-te fazer qualquer excepção.

Lembra-te, não te esqueças nunca: Jesus é Bom; é preciso não deturpar a minha figura!

Não se suprime, portanto, nada do que pode realmente servir para a salvação da alma, mas cada coisa em seu lugar e a cada coisa o seu valor em ordem à santificação. Numa palavra: se Jesus no Evangelho chama a todos os que o seguem à santidade, e a todos deu dela exemplo, deve existir necessariamente uma santidade única para todos e a todos acessível — embora sejam diversas as vias que a ela conduzem, conforme são diversas as condições

de pessoas e diversos os desígnios que Deus tem sobre as almas.

Esta santidade consiste essencialmente no amor, enquanto é ele que une a alma ao manancial de toda a santidade, — Cristo Jesus. E' por isso que Deus, ao passo que não exige de todos os mesmos sacrifícios, nem na mesma medida, quer em troca de todos ser **amado**. E não só, mas quer ser amado com **todo** o coração, com **toda** a alma, com **toda** a mente, com **todas** as forças. Deste amor, assim total fez mandamento concreto para **todos**, — compêndio de toda a Lei. Quando, pois, uma alma Lhe dá **tudo** é santa, e é-o na medida em que O amar assim totalmente. Mas não poderá isto ser levado à prática sem a **renúncia a tudo** (Luc. XIV, 33) o que se opuser ao perfeito amor, como veremos melhor nos parágrafos seguintes.

Será então fácil para o leitor compreender no justo significado a seguinte lição de Jesus a Sór Consolata, na qual se reacentua a mesma ideia que na precedente (16 de dezembro de 1935):

Consolata, dizê às almas que prefiro um acto de amor e uma Comunhão de Amor a qualquer outro dom que possam oferecer-Me. Sim, prefiro um acto de Amor a uma disciplina, porque tenho sede de Amor.

Pobres almas! Para virem a Mim julgam ser precisa uma vida austera, penitente... (1). Vê como Me desfiguram! Fazem-Me temível, sendo Eu sòmente Bom. Como esquecem o preceito que vos dei Eu, e que é precito de toda a Lei: amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma...!

Hoje, como ontem, como amanhã, às pobres criaturas Eu pedirei, só e sempre, Amor!

(1) "Penitente" entendido sempre no sentido que envolve a ideia de austeridade física, maceração...

Ah! Se os cristãos compreendessem mais a fundo o Evangelho no seu espirito, quanto mais fácil e alegremente o traduziriam na prática da vida quotidiana! Amor por Amor: eis tudo!

AMOR E INTIMIDADE COM JESUS

Escopo e fruto da vida de amor é, portanto, a união da alma com Jesus, para alcançar a santidade. E' este o tesoiro de que fala o Evangelho, e quem o descobriu compra o campo onde ele está escondido, vendendo para isso quanto tenha. O campo afortunado é o recolhimento. Para o conseguir há que despojar-se de tudo, rigorosa mortificação do coração e dos sentidos, tanto internos como externos.

Nem todos entendem esta linguagem. São até relativamente poucas as almas, mesmo entre as consagradas a Deus, que conseguem descobrir esse tesoiro; ou, se chegam a entrevê-lo, não chegam a possuí-lo, porque não sabem impôr-se as necessárias renúncias. Poderiam viver vida divina e divinamente fecunda, mas ficam-se no limiar do palácio do Rei, entretendo-se, também elas, num teor de vida pouco mais que medíocre, ou, pelo menos, muito distante da perfeição a que se votaram.

Jesus, Rei de Amor, dá tudo, mas quer tudo; o coração com todas as palpitações, a mente com todos os pensamentos, os sentidos com todas as operações e a alma com todas as potências. Depois disso, não põe limites em dar nem em dar-se, e a alma, como que absorvida por Ele, vive e age n'Ele, em tão infável intimidade de affectos e de entendimentos que só tem paralelo na vida dos habitantes do céu.

Todos os pedidos de Amor feitos por Jesus a Sór Consolata miravam precisamente a isto: levá-la à união actual e estável, e por isso mesmo viva e íntima, com Ele. Não admira, pois, que Ele, com seus ensinamentos, levasse muito longe as suas exigências,

a ponto de não permitir-lhe a mínima distração voluntária (8 de agosto de 1935): **Por motivo algum desvies os olhos de Jesus; assim mais velozmente vogarás para as praias eternas.**

Se já, de resto, a queria em tudo perfeita, muito mais neste ponto do qual auferem as virtudes a sua perfeição (10 de outubro de 1935):

Quero-te perfeita; quero-te, por isso, continuamente coMigo: Jesus só! Eu só, que basto para tudo. Fias-te de Mim, não é verdade?

Não a segregava, não, materialmente, das criaturas. Ao contrário, Jesus exigia sempre dela perfeita vida comum em tudo, sem exceptuar os recreios. Mas devia esforçar-se, em todo o tempo e lugar, por não distraír d'Ele a mente nem o coração (5 de agosto de 1936):

Sabes que quero Eu de ti? Contínua intimidade, sem um instante dela te alheiares; sempre coMigo, mesmo quando tenhas de falar com as criaturas.

Um dia, para arejar um pouco a cela, conservava a porta aberta. Mas era observada no que fazia. Disse-lhe Jesus: **Consolata, fecha a porta da cela a todo o ruído da terra, e deixa só mais aberta a janela para tudo o que é Céu.**

Idêntica exortação lhe dirigia a respeito das portas dos sentidos, bem mais perigosas e distractivas (29 de outubro de 1935): **Assim como fechas a porta da cela (porque, ah! é tão bela a solidão!) assim também fecha todas as portas dos sentidos. Vivamos na intimidade sempre, nós dois sós. Não dê entrada a nenhum pensamento, a coisa nenhuma. Sempre nós dois, sós.**

Unida assim intimamente ao Santo dos Santos, a alma fará rápidos e seguros progressos no caminho da santidade. Claro que deverá, ainda e sempre, esforçar-se por corresponder à acção da graça, espe-

cialmente com a fidelidade aos propósitos que são realização prática dessa união. Mas eis o que Jesus dizia a Sór Consolata (23 de junho de 1935):

Eu sou sempre fiel às minhas promessas. Também tu, se estiveres sempre em Mim, serás fiel ao que Me prometes e aos teus propósitos, porque o que está na cepa está também nos sarmentos.

Com a fidelidade aos propósitos, a união com Jesus produzirá também todas as virtudes, as quais em Jesus se encontram em grau infinito, e Ele transfunde-as na alma, na medida em que esta Lhe estiver unida (22 de agosto de 1935):

Tu estás em Mim e fazemos uma coisa só, e darás muito fruto e virás a ser poderosa, porque desaparecerás como gota de água no seio do oceano. E passarão para ti o meu silêncio, a minha humildade, a minha pureza, a minha caridade, a minha doçura, a minha paciência, a minha sede de sofrimento, o meu zelo das almas tal que as quer salvar a toda a custa.

E', como se vê, a transfusão da vida divina na alma.. Assim intimamente unida Àquele que é a Santidade por essência, a alma não pode deixar de absorvê-la em si (12 de novembro de 1935):

Lembra-te sempre que só Eu sou Santo e posso fazer-te santa, transfundindo em ti a minha Santidade: a minha Santidade fica sendo tua, como tua é a minha pureza e tua a minha humildade, entendeste?

Tudo isto é facilmente compreensível. Basta considerar que a perfeita união dos corações traz consigo a comunhão de bens. Em nosso caso, como a alma não tem bem algum próprio, são os bens de Jesus que ficam sendo dela. Quantas vezes, exortando Sór Consolata a esta íntima união, Jesus lhe repetia: **O que é meu é teu, Consolata!** E especificava-lho juntamente com todas as virtudes: **Tuas as minhas palavras, os meus pensamentos e, finalmente, a minha dor e o meu amor.**

E não é só o fruto abundantíssimo da santificação, mas também o do apostolado, porque os dois dons — santidade e almas — são inseparáveis e estão na razão directa um do outro (19 de novembro de 1934):

Já que tens sede de amar-Me e de salvar-Me almas, fica em Mim sempre: durante o trabalho, no recreio... Não Me deixes nem por um instante e darás muito fruto.

Olha para S. Pedro: sozinho tinha andado à pesca a noite inteira e nada tinha pescado. Comigo, apenas lançadas as redes, recolheu-as logo cheias de peixes.

Assim tu se estiveres unida a Mim, se não Me deixares nem por um instante: a cada inspiração de mortificação que te enviarei, tu, seguindo-a, lançarás a rede, e Eu recolhê-la-ei cheia de almas que tu virás a conhecer só no Paraíso.

Lições, estas, preciosas para todas as almas, para as do claustro e para as de fora do claustro: a santidade está na base do apostolado, como a união com Jesus está na base da santidade. Ora, como foi dito, é precisamente o amor que leva a efeito essa união. Depois de ter lembrado a Sór Consolata as palavras de S. João: **Deus é Amor, e quem está no Amor está em Deus e Deus nele (I Jo. IV, 16)**, Jesus comentava-lhas assim:

Olha: Eu sou Amor e enquanto tu permaneceres no Amor, permaneces em Mim, mas também Eu permaneço em ti. Portanto, mesmo quando Eu me calar e tu já não Me ouvires, lembra-te sempre que enquanto tu Me amares, Eu estou em ti e tu em Mim. . E tu queres, só e sempre, amar-Me, não é isso? Portanto, Eu permaneço sempre em ti, e tu sempre em Mim.

Sendo, pois, o Amor instrumento e meio da nossa união com Jesus, segue-se que quanto mais perfeito for o amor, tanto mais perfeita será a união.

INTIMIDADE DE AMOR EM VIRGINDADE DE ESPÍRITO

Esta perfeição de Amor, e, conseqüentemente, de união com Jesus, não pode praticamente conseguir-se senão através de uma tríplice virgindade: — da mente, da língua e do coração. A esta tríplice virgindade se referia Jesus quando, a 19 de abril de 1936, dizia a Sór Consolata:

Para rezares, sentes necessidade de silêncio à tua volta; e assim também, para estares unida a Mim é preciso que no teu interior haja profundo silêncio.

Leve ruído basta para perturbar a oração; semelhantemente um nada que te distráia, perturba a intimidade.

Em tudo e sempre, virgindade! (2)

Esta virgindade, sempre segundo os divinos ensinamentos, concretiza-se num tríplice silêncio: silêncio de pensamentos (virgindade da mente), silêncio de palavras (virgindade da língua), silêncio de interesses ou preocupações terrenas e humanas (virgindade do coração). Como o leitor está a ver, a vida de Amor, praticada em toda a sua perfeição, é coisa bem diferente de mero jogo de lindas palavras. Ninguém nela pode dar passo sem estar bem decidido a tudo sacrificar. Não se trata de grandes austeridades, não. Mas trata-se da constante crucifixão mística de todos os sentidos.

E em primeiro lugar, virgindade da mente com o silêncio de pensamento: **Ama o Senhor teu Deus. . . com toda a tua mente (Mat. XXII, 37).** Não é um

(2) Esta “virgindade” parece corresponder ao que ensina S. Tomás quando escreve: “do affecto do homem exclui-se não só o que é contrário ao amor, mas também tudo que seja *impedimento* de o amor espiritual se dirigir *totalmente* a Deus” (II-II, 184, 2).

conselho para as almas Religiosas; é um Mandamento para todos os cristãos, o primeiro dos Mandamentos. Logo é para se cumprir. E Deus não manda o impossível: logo pode-se cumprir, — bem entendido em diversa medida, conforme o estado de cada qual e a graça por Deus a cada um dada. Em todo o caso é mistér esforço. A Sór Consolata também nisto Jesus pediu a máxima perfeição. A 24 de março de 1934 dizia-lhe:

Consolata, sabes que te amo tanto! Olha: o meu Coração é divino, sim, mas é também humano como o teu e por isso tenho sede do teu amor, sede de todos os teus pensamentos. Se pensas noutros, embora sejam pessoas santas, não pensas em Mim. Tenho zelos (3) dos teus pensamentos, quero-os todos só para Mim.

Ouve: Eu pensarei em tudo (quanto te diz respeito) ainda nas mínimas coisas, e tu pensa só em Mim; tenho sede do teu amor. Por isso, fora qualquer pensamento: seriam espinhos para a minha Cabeça.

Se os pensamentos inúteis, voluntariamente admitidos, são espinhos para a Cabeça de Jesus, a renúncia aos mesmos sujeita a alma a uma luta surda que é para ela fonte de inúmeros actos de abnegação. Os espinhos a que ela quer poupar Jesus, tem que se cravar em si mesma, na própria cabeça (2 de agosto de 1935): **Vês Jesus coroadado de espinhos? Podes realmente imitá-lo não dando entrada na tua mente a um só pensamento sequer, a nenhum. Assim se salvam almas e tu ficas livre para amar.**

E não é coroa transitória: é coroa de toda a vida, uma vez que a alma queira manter-se na virginda-

(3) “Estes zelos que Deus tem de nós, são zelos de soberana amizade; como não é do seu interesse que nós O amemos, o interesse é nosso” (S. FRANCISCO DE SALES, : *Teotimo*, lib. X, c. 13).

de da mente (7 de outubro de 1935): **A coroa de espinhos, desde o momento que Me cingiu a fronte, Eu não a depus mais. Assim debes tu fazer: o teu único pensamento deve ser amar. Mas sabes quando deitarias tu fora a coroa de espinhos? — Toda a vez que te demorasses num pensamento, fosse ele qual fosse.**

E' evidente que a luta contra os pensamentos inúteis é das mais difíceis, como experimentou Sór Consolata durante a vida toda. Há que usar nela de tática, ter calma, agir suavemente, com grande paciência e constância maior ainda, sem, contudo, pretender alcançar, na virgindade da mente, uma perfeição que não é deste mundo (4). E' que não depende da alma o ser mais ou menos assaltada de pensamentos inúteis; como nenhuma alma, por mais perfeita que seja, pode pretender ficar isenta da luta contra os mesmos ou iludir-se pensando que chegará tempo em que essa luta venha a cessar. Basta que a alma os não admita voluntariamente, como Jesus explica-va a Sór Consolata a 5 de outubro de 1935:

Olha, Consolata: os pensamentos que te vêm e que tu não queres, não são infidelidades.

Esta luta, aliás, faz parte da economia divina na santificação da alma (13 de outubro de 1935): **A luta contra os pensamentos inúteis deixou-te porque é para ti meritória.**

Quanto mais insistente ela for, maior mérito para a alma (31 de outubro de 1935): **Os pensamentos inúteis, queres tê-los? Não. Nesse caso, tudo é mérito. Quando não se deseja senão amar, amar, tudo quanto obstaculiza este amor se torna meritório, entendeste?**

(4) Perguntais... como haveis de fazer para permanecerdes com o espirito totalmente em Deus, de tal modo que nada o possa arrancar ou afastar d'Ele. Duas coisas são para tal necessárias: morrer e ser salvo. Só que, depois disso, já não haverá separação..." (S. FRANCISCO DE SALES: *Palestra IX sobre a modéstia*).

É não é só meritório para a alma: aproveita outrossim às demais almas (20 de outubro de 1935):

Eu permito esta luta maçadora de pensamentos, que te oprime, porque ela Me dá glória e almas.

Faze-Me a cada instante o oferecimento «Por Ti e pelas almas!» destes pensamentos que não queres e que brotam continuamente, desde que despertas pela manhã, até adormeceres à noite, para impedirem-te de amar e que Eu troco em graças e em bênçãos sobre as almas.

Quer, pois, Jesus, também nisto, o esforço da pobre criatura, e com ele se contenta. Mas este esforço é necessário, visto não se poder amar a Deus com toda a mente senão em perfeita virgindade da mente.

Com a virgindade da mente pedia Jesus a Sór Consolata a virgindade da língua, sem a qual a primeira seria quase impossível. Toda a palavra inútil gera sempre no espírito um pouco de dissipação e a dissipação dissipa, em primeiro lugar, a intimidade com Jesus. Todas as almas de vida interior amaram o silêncio. Assim S. Teresinha, de quem escreve o Pe. Petitot: «Aplica-se a nunca transgredir a regra do silêncio. Deste silêncio — que foi e será sempre um dos estratos fundamentais da vida ascética — compreende S. Tereza do Menino Jesus tão perfeitamente toda a soberana eficácia, como poderia compreendê-la um Fundador de Ordem. Por isso professa ela pelo silêncio religioso estima tal capaz de nos deixar estupefactos. Consagra-lhe verdadeiro culto» (5).

Dir-se-á que tudo isso está muito bem, mas só para as almas claustrais. Respondemos que, se é verdade que as exigências são diversas consoante as diversas almas, é também verdade que Jesus deixou dito no Evangelho para todos os que o seguem: **Eu**

(5) P. H. PETITOT. O. P.: *Una rinascita spirituale*, c. I, a. IV.

vos digo que, no dia do juízo, os homens hão de dar contas de toda a palavra ociosa que hajam pronunciado (Mat. XII, 36).

Nada de admirar, logo que Jesus, depois de ter pedido a Sór Consolata todos os pensamentos, lhe pedisse também todas as palavras (30 de março de 1934):

Agora que todos os teus pensamentos são para Mim (6), dá-Me todas as tuas palavras. Quero-as todas, quero um silêncio contínuo: quero-te toda minha.

Oh! Não tenhas medo! Tomo Eu a responsabilidade, tanto dos pensamentos como das palavras, ou seja, de fazer-te cumprir estas promessas. Estás contente? Fias-te de Mim?

O silêncio exigido por Jesus a Sór Consolata, além da regra, incluía o propósito de não falar senão quando interrogada, fora — já se entende — do dever ou da caridade (14 de julho de 1935): **Quero que penses só em Mim e que não fales senão quando interrogada (7); e então responderei Eu sempre, e tu não te admirarás das respostas que de ti saírem, porque sou Eu quem as dá.**

Mas mesmo quando a necessidade do dever ou da caridade o requeressem, devia ela limitar-se ao estrictamente necessário (2 de agosto de 1935):

Guarda sempre silêncio; sê avara até das pala-

(6) Entenda-se no sentido de que ela lhe tinha feito doação deles, com promessa formal.

(7) Esta e as seguintes regras sobre o silêncio, particularmente a que se refere ao tempo de recreio, não são para todas as almas, nem mesmo para as chamadas a seguir a Sór Consolata. Dela exigia Jesus tão rigoroso silêncio, além dos motivos que a seguir se expõem, também e sobretudo porque queria elevá-la à máxima perfeição na continuidade e virgindade do amor. Por outro lado, é certo que, sem vigoroso e constante esforço por eliminar pensamentos e palavras inúteis, não é possível conseguir a verdadeira intimidade de amor com Jesus.

vas necessárias; dá em troca um sorriso a todas, e conserva sempre no teu rosto um ar sorridente.

A respeito das diversas acções quotidianas, e sempre em relação com o silêncio, Jesus sugeria-lhe (22 de agosto de 1936): **Quando estiveres em dúvida àcerca da escolha de duas acções, escolhe sempre aquela em que te encontres mais só, onde possas ter mais silêncio, onde possas amar mais. E' esta a minha vontade.**

Ao recreio — as Capuchinhas costumam ter cerca de meia hora por dia — Sór Consolata assistia regularmente, como acto de comunidade que é. A norma que Jesus lhe tinha dado era esta: **No recreio fala apenas quando a conversa começar a tomar sesgo perigoso. Tu então desvia-a.** Fora deste caso devia limitar-se, mesmo então, a só falar quando interrogada.

E esta norma valia não só para os dias comuns, mas também para os das grandes solenidades, quando há dispensa do silêncio (8 de dezembro de 1935): **E também hoje, que o silêncio é dispensado, sorri a todas, mas se não fores interrogada, não fales com ninguém, porque senão, depois, sentes só remorsos.**

E, de facto, sentia-os, como ela mesma testemunha no diário (16 de agosto de 1936):

«Jesus tem suas exigências, e o que pediu uma vez, exige-o para sempre. Por exemplo: o silêncio nos dias em que é dispensado. Cedi nestes dias de festa (Assunção de N. Senhora) e esta noite a minha pobre alma está como um farrapo. O Senhor teve compaixão e fez-me compreender: que as criancinhas sujam-se a cada passo, e contudo a mãe continua sempre com amor mudar-lhes os vestidinhos, a pentear-lhes os cabelos em desordem, a lavar-lhes a carita suja, numa palavra, a torná-las a pôr bonitas, bem convencida de que o aceio e alinhio durarão pouco. Parece mesmo o meu retrato. Logo de manhã, belos

propósitos de vida heróica como Jesus a quer, e depois. tudo vem abaixo! Começo, portanto, de novo com o silêncio rigoroso, para sempre».

Em suma, também com respeito ao silêncio, ela teve sempre de lutar. De extrema simplicidade e alma aberta, incapaz, absolutamente, de fingimento consigo mesma e com as outras pessoas, o que sentia no coração punha-o logo cá para fora. Isto, entre outras coisas, era para ela causa de muitas humilhações, arrependimentos, etc. Tanto que um dia o próprio Jesus teve de intervir para animá-la, dizendo-lhe:

Alma que seja realmente minha, possuída de Mim, torna-se como o azeite que repele inexoravelmente toda a fusão com líquido contrário — vinagre, água, etc. —. Aí tens a explicação do teu aborrecimento por tudo o que não seja verdade, simplicidade, franqueza, obediência, etc.

Eis aí porque, se durante a luta, a tentação, o inimigo consegue fazer penetrar em ti um pensamento, uma impressão contrária à caridade, etc., tal pensamento ou impressão não podem ficar dentro de ti, e na primeira ocasião saltar-te-ão dos lábios para fora. E assim, além de servir-te isso de humilhação, ver-te-ás também obrigada a ser mais vigilante.

Olha: estes pensamentos em ti não podem ficar, porque em ti quero permanecer Eu só.

Era-lhe, pois, necessária a virgindade da mente para fechar ao inimigo todo o acesso, em pensamentos, impressões, etc., e a virgindade da língua para evitar as citadas faltas; que não deixam de o ser, embora involuntárias. Por isso é que Jesus voltava à carga (14 de setembro de 1935): **Mantém firme o teu propósito: não fales nunca sem ser interrogada. Evitarás assim todos os defeitos e todas as imprudências e estarás segura de que as palavras que hajas de**

responder serão sempre todas queridas e abençoadas por Mim.

Jesus alude aqui a evitar, além dos defeitos, também as imprudências. Trata-se de que Sór Consolata devia evitar com o máximo cuidado o descobrir as manifestações da acção divina na sua alma, — coisa difícil numa comunidade religiosa, onde as conversas incidem as mais das vezes sobre assuntos espirituais. Basta uma frase, uma simples palavra para se atraindo! E bem o advertia Sór Consolata que assim escrevia ao P. Espiritual:

«Veja, Padre: não falar sem ser interrogada é-me bem mais que necessário, mesmo no recreio, onde exprimir os meus pensamentos, e o que sinto, é perigoso. Nisto e noutras pequenas coisas vejo claramente a mão de Deus. Jesus quer-me realmente toda para Ele, de modo que, fora os vinte minutos de recreio, a cela atraindo-me como o Tabernáculo».

A virgindade de língua, portanto, como a da mente, não foi conseguida por Sór Consolata a preço fácil nem num volver de olhos. Foi, sim, fruto de fatigante labor sobre si mesma, através da vida toda e de generosos esforços. Citamos dos seus escritos:

«Quero, quero, fortissimamente quero não dar entrada a um só pensamento que seja, e não falar sem ser interrogada».

«Jesus não negou ao Eterno Pai nem um pensamento, nem uma palavra, nem uma acção: deu-Lhe tudo. O mesmo devo eu fazer também: dar-Lhe verdadeiramente tudo: todos os pensamentos e um silêncio perpétuo».

«O esforço de Jesus em Getsémani chegou a fazer-Lhe suar sangue. Custe o que custar, não darei entrada a pensamento, nem proferirei palavra além do necessário».

De semelhantes confissões e propósitos haveria no diário para encher páginas e páginas. Era um renovar incessante da boa vontade, sem jamais desarmar ante dificuldades ou insucessos. Acrescentaremos que, durante a última doença, sendo-lhe pedida uma lembrança para a sua querida comunidade, respondeu: «A observância do silêncio!» E explicava a quem a interrogou sobre o assunto: «E' que — mesmo por experiência própria o digo — a maioria das faltas numa comunidade religiosa provêm da não observância do silêncio prescrito».

A virgindade da mente e da língua é fomentada e integrada pela virgindade do coração. Esta, além de impôr à alma religiosa o desapego efectivo e afectivo das coisas do mundo externo, exige o desapego de tudo o que constitui o «pequenino mundo interno» da casa religiosa, — desapego que sobretudo corte em absoluto com o interessar-se por aquilo que não deve interessar-lhe, isto é, com a pecha de occupar-se indevidamente dos assuntos e da vida dos outros.

Foi o ponto em que Sór Consolata, dado o seu temperamento, teve que lutar mais. As mesmas faltas acima aludidas, no tocante à virgindade da mente e da língua, dependiam quase sempre de ela não conseguir vencer-se nesta matéria da intromissão indevida nos assuntos e vida das outras. Com efeito escreve ela:

«... O obstáculo principal de amar era a língua, e o silêncio foi a virtude que tive mais em vista durante o noviciado. Mas, antes de conseguir chegar a observá-lo, quantas quedas! Propósitos, lutas, e depois, no momento de alcançar a vitória, escapava uma frase e vinham as borrascas.

«Uma vez, durante uma novena, disse-me Jesus: **Consolata, que é que te impede de amar-Me? — Os pensamentos inúteis e o occupares-te da vida das**

outras. E prometi nunca mais me ocupar da vida ou acções de ninguém. Após dias inteiros de luta, após ter repetido até o infinito no meu interior: — Não me interessa, a mim não me importa, etc. —, na primeira ocasião, a frase, que tantas vezes eu tinha engulido em seco para a não deixar sair, escapava-me pela boca fora. Uma tarde, na meditação, o Senhor fez-me compreender vivamente as consequências do meu defeito, tanto que tracei logo estas linhas: — Sob luz divina entendi que a minha língua me leva ao inferno! — Novas promessas e novas quedas; a minha fraqueza era extrema, constituia a minha vergonha e humilhação.

«À mesa suportava lutas violentíssimas. Uma frase dirá tudo: — Que quer, Madre Abadessa, eu, destas almas que se matam com penitências extraordinárias, preferiria uma obediência «explosiva»! — De S. Pedro não tenho só o nome, tenho alguma coisa mais!.

«Mas Jesus quis combater em mim estas tendências, e um dia, à noite, estando eu na cela junto à janela, disse-me: **Consolata, se ao contemplar o Céu poisas o olhar nas janelas das casas ao redor, encontra a morte. De igual modo, se em vez de tender unicamente para o meu amor, poisares os olhos sobre as acções dos outros, encontrarás a morte.**

«A lição aproveitou-me.»

Aproveitou-lhe, mas não a livrou da luta. Nem isso havia de suceder nunca. O próprio Jesus teve ainda a intervir, e por mais de uma vez, a adverti-la neste ponto. Por exemplo, em novembro de 1934: **Segue-Me. Que te importa a vida das tuas Irmãs? (8). Tu, pensa unicamente em seguir-Me.**

Não é que a alma religiosa não deva ter a peito o bem das Irmãs em Religião: é, antes, que este bem

(8) Cfr. Jo. XXI, 22.

não o deve querer contra o bem da própria alma, ou em oposição aos designios de Deus, que não são os mesmos para todas as almas, ou com intrometer-se no que lhe não diz respeito. Ouça-se por exemplo a seguinte lição de Jesus a Sór Consolata à cerca das penitências extraordinárias que Jesus não queria dela, e para as quais certas Irmãs do Mosteiro se sentiam inclinadas:

Olha, Consolata: no Paraíso cada Coro de Anjos atende a desempenhar o próprio ofício, sem invejar ou desejar o ofício dos outros Coros. Assim, numa Comunidade, cada uma deve atender à própria missão, sem invejar ou aspirar a nada de qualquer das outras.

Tu deves ser na tua Comunidade, no Coro e em toda a parte, o meu pequeno serafim, e por isso deves atender só a amar, sem invejar ou pensar na missão das tuas Irmãs.

Doutra vez, cortando nela cerce toda a veleidade na mesma matéria (2 de junho de 1936): **Por obediência, não estejas a reparar no que Me dão as outras Irmãs. Eu e tu: é quanto basta!**

Na véspera de deixar de se lhe fazer sentir sensivelmente, entre outras promessas pedidas, uma foi esta (1 de dezembro de 1935): **Promete-Me que a respeito de Sór X tu não te intrometerás em nada, nem directa nem indirectamente. Cumpra ela com a observância ou não cumpra, caminhe na simplicidade da vida comum, ou entre, usando até de subterfúgios, pelas vias extraordinárias, não te importa. Tu deves prometer-Me que não pensarás nem falarás nisso. Como se ela não existisse na Comunidade. Nada, fora das relações de caridade, trabalho, etc.**

Até Nossa Senhora, um dia que Sór Consolata lutava entre falar ou calar-se a propósito duma Irmã, lhe deu a entender: **Tu não te preocupas do que sucede noutros Mosteiros. Faze o mesmo aqui, procede**

como peregrina e forasteira, com este único ofício: amar.

Para vencer duma vez para sempre este demônio das preocupações com a vida das outras, Sór Consolata, que em todas as lutas punha o ardor característico do seu espírito, recorreu ao costumado meio: ligar-se com voto. Foi a 26 de maio de 1936:

«... Durante a meditação, o inimigo sob capa de zelo trabalhava por roubar-me os pensamentos com preocupar-me da vida das outras. Achei que esta preocupação era obstáculo que se me atravessava no caminho e de que devia livrar-me duma vez para sempre. A graça inspirou-me então ligar-me com novo voto, o qual, renovado a cada tentação, me ajudaria a grangear sempre vitória. Como por intuição vi que o P. Espiritual aprovaria este voto, e emiti-o: Jamais me ocupar do que suceda na Comunidade, de nada nem de ninguém».

O voto aproveitou-lhe muitíssimo, mas a luta contra as preocupações indevidas, mais ou menos ásperas, durou até à morte, exigindo-lhe contínuo e heróico esforço de vontade.

Nesta altura, convém recordar que esta tríplice virgindade da mente, da língua e do coração, não é fim em si mesma, é meio para avançar na perfeição do Amor de que já se falou. Declarava-o expressamente Jesus a Sór Consolata:

(17 de junho de 1934) Esquece tudo e todos e pensa só em mais amar-Me; concentra todos os teus pensamentos, palpitações e silêncios nesta coisa única: amar!

(18 de agosto de 1936) Não penses em nada, nada, nada, senão em amar-Me e em sofrer com todo o amor possível: basta isto.

Com efeito, para que serviria o silêncio de palavra, de preocupações, etc. se depois o coração ficasse vazio de Jesus? Portanto, não o silêncio pelo silen-

cio, mas o silêncio pelo amor e o amor por uma vida de união com Jesus (6 de novembro de 1934): **Consolata, agora no olvido absoluto de todo o pensamento, no silêncio rigoroso de toda a palavra, vive a Jesus intensamente.**

Que significa viver a Jesus intensamente? — Significa viver em tão íntima união com Ele, que a alma quase desapareça e se transforme nEle, se identifique com Ele, se deifique nEle. Que é o que São Paulo dizia de si mesmo: **Vivo não já eu, mas Cristo em mim (Gal. II, 20).** E Jesus a Sór Consolata (6 de novembro de 1934): **Se tu desapareceres, não darás mais entrada em ti a um pensamento sequer; pensarei Eu em ti; se tu não falares, falarei Eu em ti; se não procurares fazer a tua vontade, agirei Eu em ti; não serás tu já quem viverá, mas Eu em ti.**

Deste modo fica a alma, com todas as potências e operações, como que divinizada. E quem poderá dizer as admiráveis ascensões que ela fará, dia a dia, na santificação própria? Por isso dizia Jesus a Sór Consolata (23 de junho de 1935): **Dize adeus para sempre a todo o pensamento, a toda a palavra. Deixa os mais todos fazerem o que quiserem. Tu permanece em Mim: darás muito fruto, porque serei Eu a agir.**

Todo o esforço de Sór Consolata, através do tríplice silêncio de pensamentos, palavras e preocupações indevidas, havia portanto de ter em mira isto: — conseguir a máxima intimidade de amor com Jesus. Nada mais queria Jesus dela, porque nisto está a verdadeira santidade e toda a santidade (26 de setembro de 1935):

Lembra-te e fixa-te bem nisto, tu que anseias produzir tanto fruto: Eu no Santo Evangelho não disse que produzirás muito fruto, se fizeres mortificações extraordinárias, mas se permaneceres em Mim.

Por conseguinte, não te desvies do recto cami-

inho, e põe todo o cuidado em estar bem unida à Cepa, não te separe de «Jesus só!» nem sequer com um pensamento (Eu tomo tudo à minha conta), nem sequer com uma palavra não pedida.

A alma que quer progredir na vida de amor, deve ter presentes estes ensinamentos de Jesus à cerca da virgindade do espírito. Porque se é certo não serem para todas as almas os dons extraordinários — *gratiae gratis datae* —, também é certo que é para todas as almas a perfeição da caridade na sua forma ordinária de desenvolvimento, até à completa florescência e pujança: tal como a exige o primeiro e grande Mandamento da Lei.

O AMOR DÁ TUDO A JESUS

Tantas insistências divinas para que a alma concentre os seus esforços na única tarefa de amar, demonstram até à evidência que o amor é tudo, e que por isso, através do amor, dá realmente a alma a Jesus tudo. Não foi esta a grande descoberta que deu asas a S. Teresinha para levar a cabo a própria santificação e pôr em prática os seus magnânicos desejos de apostolado?

«Foi a caridade — escreve ela — que me deu a chave da minha vocação. Entendi que se a Igreja tinha um corpo composto de vários membros, o órgão mais necessário, e de todos o mais nobre, lhe não havia de faltar: compreendi que ela tinha um coração, e este coração abrasava-se em amor; compreendi que só o amor fazia agir os membros; e se o amor tivesse chegado a extinguir-se, os apóstolos não teriam anunciado o Evangelho e os mártires teriam recusado derramar o sangue.

«Compreendi ainda que o amor incluía em si todas as vocações, que o amor é tudo.» (9).

(9) *História dum Alma*, c. XI.

Falámos de descoberta de S. Teresinha: foi-o de facto para a alma dela, mas não se poderia dizer o mesmo no campo doutrinal da Igreja Católica. As supracitadas palavras da Santa, se bem se consideram, são apenas o eco — fidelíssimo na substância — do grande ensinamento do Apóstolo, o qual, depois de ter lembrado a sublime verdade da nossa incorporação em Cristo — **Vós sois Corpo de Cristo e em particular sois membros desse Corpo** (I Cor. XII, 27), e que por isso cada membro tem o seu dom próprio e não deve invejar os dons dos outros, embora, sim, deva aspirar a melhores carismas, acrescenta:

Ora bem: eu vos indico ainda um caminho muito melhor sem comparação (I Cor. XII, 31): isto é, melhor que todos os dons carismáticos, que todos os ofícios que se exercitam na Igreja, que todas as obras que nela se levam a cabo. Qual é este caminho? O Apóstolo responde com aquele maravilhoso hino de amor que bem pode dizer-se a síntese dogmática e moral da Mensagem Evangélica. E' todo o capítulo XIII da já citada I Epístola aos Coríntios. Damos aqui agora a primeira parte, e tornaremos depois a ele:

**Se eu falar as línguas dos homens e as dos anjos
mas não tiver amor,
sou como bronze que soa ou címbalo que tine.**

**E se tiver o dom da profecia
e conhecer todos os mistérios e tudo quanto saber-se
pode, e tiver fé tamanha que transporte montanhas,
mas não tiver amor,
nada sou.**

**E se distribuir em víveres aos pobres toda a
minha fortuna,
e deixar que o meu corpo seja queimado,
mas não tiver amor,
de nada me aproveita.**

Se, portanto, todas as obras no campo do bem — ciência, fé, esmola, sacrifício e o próprio martírio —, tanto singularmente como em conjunto, são nada e nada valem sem o amor, segue-se que só o amor conta, só o amor é verdadeiramente tudo. E por isso uma alma não chamada, ou então, impossibilitada de praticar tais obras, se, contudo, ama a Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças, essa, em realidade, dá a Deus tudo.

Foi este, repetimos, o ponto de partida de Sta. Teresinha ao abraçar o caminho do amor, e foi outrossim o de Sór Consolata, à qual Jesus confirmava expressamente esta mesma doutrina:

(7 de agosto de 1935) **Ama-Me, Consolata, ama-Me! No amor está tudo e tudo Me dás.**

(20 de setembro de 1935) **Quando tu Me amas, dás a Jesus tudo quanto Ele deseja das suas criaturas: amor!**

Não queria, por isso, que ela desperdiçasse as próprias energias espirituais em multidão de propósitos, — processo sempre pouco eficiente e sem resultado —, ao passo que este único propósito do amor inclui todos os outros (1 de dezembro de 1935): **O amor é tudo. Assim, cingindo-te firmemente a este único propósito, dás tudo a Jesus.**

Sem dúvida, há que observar a Lei. Mas quem a observa? — Aquele que ama. Se alguém Me tem amor, acatará a minha palavra (Jo. XIV, 23). E Jesus a Sór Consolata (15 de novembro de 1935): **Olha, Consolata, as minhas criaturas fazem-Me mais temível que Bom. E Eu, pelo contrário, gozo em ser só e sempre Bom. Que peço Eu? — Amor e só amor, porque quem Me tem amor, serve-Me.**

Pelo contrário, quem não ama já está fora da Lei: **Quem não Me ama, não cumpre as minhas palavras** (Jo. XIV, 24). Logo, quem observasse a Lei, mas só por temor, não faria obra perfeita, como

Jesus explicava a Sór Consolata (16 de novembro de 1935):

Olha: Eu desejo ardentemente ser servido das minhas criaturas por amor. Ora, evitar a culpa por temor dos meus castigos, não é aquilo que Eu desejo tanto das minhas criaturas.

Eu quero ser amado, quero o amor das minhas criaturas. E quando elas Me amarem, já não mais Me ofenderão. Quando duas criaturas se amam verdadeiramente, não se ofendem nunca. E assim, exactamente assim, há de ser entre o Criador e as suas criaturas.

Um dia Sór Consolata, impressionada por uma frase ouvida na meditação, dirigiu-se a Jesus: «Jesus, se é maldito o homem que faz a obrigação negligentemente, será bendito o que a fizer com diligência.» E Jesus, em resposta (29 de novembro de 1935): **Mais que com diligência, tu procura fazer tudo com grande amor. Trabalhes ou comas, bebas ou durmas, faze tudo com o maior amor, porque Eu tenho sede de amor. Em qualquer acção, o que Eu busco é o amor (10).**

Por outras vezes, insistindo neste ponto de valorizar todas as acções com o amor, dizia ainda Jesus:

(10 de outubro de 1935) Põe toda a atenção no dever actual, para cumprí-lo com todo o amor possível.

(16 de novembro de 1935) Tanto mais valor terão as tuas acções, quanto mais cresceres em amor.

O mesmo se diga de tudo quanto de custoso a alma encontra em seu caminho. Quem não recorda as «florinhas» de S. Teresinha? Quão grande não era o seu valor aos olhos de Deus pela intensidade de amor com que eram colhidas e oferecidas!

A mesma linguagem, quase idênticas expres-

(10) Crf. I Cor. X, 31.

sões encontramos nos ensinamentos de Jesus a Sór Consolata:

(14 de novembro de 1935) **Transforma todas as coisas não aprazíveis que encontrares no teu caminho em florinhas: colhe-as com amor e oferece-Mas com amor.**

(3 de dezembro de 1935) **Os dons que Me ofereces, agradam-Me assim, feitos com todo o amor possível. Assim até os vossos nadaş se tornam para Mim preciosos.**

Não é, portanto, à oferta em si mesma, ou à entidade dela, que Jesus olha. Que podemos nós dar-Lhe, que não seja dEle já? **Se Eu tivesse fome, não to ia dizer a ti, porque meu é o mundo com quanto o enche** (Salm. 49, 12). Mas o amor, sim, é nosso, e a ele olha Jesus. Dizia pois, a Sór Consolata a 24 de novembro de 1935: **Não: Consolata, não! Não são actos heróicos que Jesus de ti exige, mas simplesmente nadaş, oferecidos, porém, com todo o teu coração.**

Tudo isto deve ser de conforto para aquelas almas — e são a maioria — que não chamadas a realizar obras grandes, passam a vida no cumprimento dos humildes deveres de cada dia que o mundo não vê nem considera.

Certa manhã compunha Sór Consolata um ramo de flores para N. Senhora, mas as flores eram mais reles que boas, o que a ela lhe fazia pena. A voz da graça, porém, fez-lhe entender: **Nem sempre se podem oferecer a Deus belas flores de virtude, mas sempre se pode fazê-las acompanhar de amor. E Jesus não olha à flor que se oferece, olha ao amor com que se oferece.**

Procede, portanto, sàbiamente, a alma que no exercício das virtudes, mais que aos actos das mesmas, olha directamente — com a intenção e com o esforço — ao amor, o qual vivifica e aperfeiçoa todas as virtudes. Se já só a mútua caridade frater-

HA sobre a multidão dos pecados (I Pet. IV, 8), como duvidar de que o amor supra, diante de Deus, os defeitos a que uma alma possa estar sujeita? E' neste sentido que se devem entender as seguintes palavras de Jesus a Sór Consolata (10 de novembro de 1935): **Estás cheia de defeitos? Olha: mais quero Eu a uma alma cheia de defeitos, mas com o coração totalmente meu, do que se ela fosse perfeita, mas tivesse o coração dividido** (11).

Jesus fala aqui de perfeição meramente formal, em contraposição, precisamente, com a perfeição essencial que consiste no amor. Com efeito, toda e qualquer virtude, que não seja endereçada ao Bem final e perfeito, é sempre «virtude», mas virtude imperfeita. Compreende-se por isso, como Jesus pudesse dizer a Sór Consolata: **Quando o coração está muito doente, reduz à inércia uma pessoa, por robusta que seja. Assim também, quando o coração não é meu, não sei que fazer da alma, por mais ornada de virtudes que ela esteja.**

Em suma, é mais perfeita a alma que mais se aproxima de Deus. E como Deus é Amor, aproxima-se mais d'Ele, e, portanto, é mais perfeita, a alma que mais o amar. E' o que Jesus explicitamente confirmava, com estas palavras, dirigidas a Sór Consolata: **A alma mais querida para Mim, é a que Me tem mais amor.**

O AMOR TUDO RECEBE DE JESUS

A alma que ama a Jesus com todo o coração e com todas as forças do espírito, não só dá tudo a Jesus, mas de Jesus tudo recebe também. E isto tanto em ordem à própria santificação, como em ordem

(11) Em realidade, ou se trata de simples faltas materiais, e não contam, ou são faltas morais (venialidades), e o amor, primeiro repara-as, como logo veremos, e depois ainda, gradualmente as vai eliminando.

à salvação das almas. Limitar-nos-emos a considerar aqui o que se refere à santificação da alma.

Seja dito, antes de mais, que a alma que ama é entre todas a que mais sente a necessidade de não perder tempo em efémeras veleidades, em vazias afirmações de amor, para se empregar a fundo em provar o próprio amor com o dom total de si mesma. Compreendeu, porém, as verdades expressas nos parágrafos precedentes, a saber: que as obras, para serem meritórias e fecundas em bens para si e para os outros, devem proceder do amor, e que é o mesmo amor que as sugere, as sustém, as vivifica e aperfeiçoa.

Por outras palavras: não é mal agarrar-se às obras para chegar ao amor, mas é mais lógico — e até, diremos, teológico — agarrar-se ao amor para chegar às obras. S. Francisco de Sales a alguém que lhe dizia: «Quero ser muito humilde para poder amar muito ao Senhor», respondia: «Pois eu, quero amar muito ao Senhor para poder ser humilde». Estamos com S. Francisco de Sales, o qual, por sua vez, está com S. Paulo que escreve (I Cor. XIII, 4-7): **O amor é longânime, é benigno, o amor não é invejoso, não age em vão, não incha; não é ambicioso, não é egoísta, não se irrita, não pensa mal; não se compraz na injustiça, mas goza com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (12).**

(12) “Certamente o grande Apóstolo não diz somente que a caridade dá paciência, benignidade, etc., — diz que ela é paciente, benigna, etc.

Com efeito, é próprio das virtudes superiores... podem não só ordenar às inferiores que actuem, mas até mesmo levar a cabo o que impõem às outras... Assim S. Tomás, a propósito do que assevera aqui S. Paulo, escreve (II-II, 23, 4 *ad* 2): “A caridade faz e leva a cabo as obras de todas as virtudes”. E S. Ambrósio, escrevendo a Deme-triades, chama à paciência e às outras virtudes “membros da caridade”. O grande S. Agostinho diz (*De moribus ecc* c. 15) que “o amor de Deus compreende todas as virtudes

Claro: defeitos a evitar, virtudes a praticar, tudo no amor e através do amor. E não só estamos, pensando assim, com S. Paulo, mas estamos sobretudo com o Evangelho: **Sem Mim, nada podeis fazer** (Jo. XV, 5).

Também isto é claro. E então, se isto assim é, parece-nos que procede com maior segurança quem directamente tem em mira a união com Jesus para chegar às obras, e não quem faz o contrário, dado que nada se pode sem Jesus, em qualquer caso.

Daí que no Evangelho Jesus acrescenta: **Como o sarmento não pode dar fruto por si mesmo sem estar unido à cepa, assim vós também não dareis fruto se não ficardes em Mim. Eu sou a cepa e vós os sarmentos. O que permanece em Mim e no qual Eu permaneço, dá frutos abundantes** (Jo. XV, 4-5).

Mas como permanecer em Jesus de maneira que Ele permaneça também em nós? — **Deus é Amor, e quem está no Amor está em Deus e Deus nele** (I Jo. IV, 16).

Como tudo é claro, simples, rectilíneo, no Santo Evangelho! Com o amor a união com Jesus, com a união com Jesus a abundância de todos os frutos de santificação! E' que as virtudes divinas passam à alma como a seiva passa da cepa aos sarmentos.

Esta verdade teve já solene confirmação na doutrina e mais na vida de S. Teresinha. A Santa Carmelita através do amor atingiu o heroísmo em todas as virtudes, como o proclamou a Igreja. E agora pa-

e leva a cabo, em nós, todas as operações das virtudes". Portanto quem possui a caridade tem a alma revestida duma veste nupcial, que, como a de José (*Gen. XXXVII, 14*), está esmaltada de toda a variada série das virtudes, ou antes, tem uma perfeição que inclui a virtude de todas as perfeições, ou seja, a perfeição de todas as virtudes... e sem ela, não só não se poderia possuir o complexo das virtudes, mas nem sequer a perfeição duma só delas" (S. FRANCISCO DE SALES: *Teotimo, lib. XI, c. 8*).

rece querer Deus tornar a confirmar a mesma verdade com a doutrina e o exemplo de Sór CONSOLATA. Aduziremos, porisso, alguns dos ensinamentos de Jesus à humilde Capuchinha, em confirmação do acima exposto.

Antes de tudo, o Amor é a primeira e a mais perfeita reparação dos próprios pecados. «O arrependimento que repudia o amor de Deus — ensina S. Francisco de Sales — é infernal, semelhante aos condenados. O arrependimento que não repudia o amor de Deus, embora passe sem ele, é arrependimento bom e digno de consideração, mas é imperfeito, e não pode obter-nos (**de per si**) a salvação, enquanto não tiver atingido o amor e com ele se houver misturado» (13). De resto, basta abrir o Evangelho: **São-lhe perdoados os seus muitos pecados, porque amou muito** (Luc. VII, 47). E ainda, para tirar todas as dúvidas a este respeito: **Aquele a quem menos se perdoa, menos ama** (Luc. VII, 48).

Ora o Evangelho é de todos os tempos e para todas as almas. Como para todas as almas é a seguinte norma de Jesus a Sór Consolata (22 de novembro de 1935): **Queres fazer penitência dos teus pecados? Ama-Me. Seja o amor a tua penitência.**

O mesmo se diga para quem queira fazer reparação pelos pecados alheios. No Domingo de Ramos de 1936, ao ler a Paixão de N. S. J. Cristo, Sór Consolata deteve-se no passo da traição de Judas, e do coração saiu-lhe como um grito: «Oh! se eu pudesse fazer reparação por todos os sacrilégios!» E ouviu no íntimo da alma: **Sim, com o amor podes reparar os horrendos sacrilégios, com o amor podes sofrer, podes imolar-te, podes consumir o sacrifício. Tudo com o amor, nada mais que com o amor.**

Além de ser reparação, o amor é purificação. E'

(13) *Teotimo, lib. II, c. 19.*

luz que faz descobrir na alma ainda as mais minúsculas manchas que lhe podem ofuscar a beleza. E' força que dá à alma a energia necessária para extirpar os defeitos até às últimas raízes. E' fogo que queima e consome as más ervas que em nós crescem. «Eu sei — dizia S. Teresa do Menirfo Jesus — que o fogo do amor é mais santificante que o do Purgatório».

Um dia à noite (1 de novembro de 1935) dizia Jesus a Sór Consolata que orava diante do Tabernáculo:

Consolata, traze-Me cá as tuas faltas de hoje. — Jesus, não me lembro delas! — Também Eu as esqueci. — E agora? — Dize-Me que Me amas e vai em paz, que elas já não existem!

Por alturas dos Exercícios Espirituais de 1935, o P. Espiritual fazia chegar a Sór Consolata uma carta em que, para exercitá-la na humildade, lhe apresentava uma lista de defeitos que dizia ter descoberto nela, e ao mesmo tempo mandava-lhe uma pequenina imagem do Bom Pastor que estreitava nos braços uma ovelhinha minúscula. Jesus, pelo seu lado, tomava daí pé para introduzir Consolata nos Santos Exercícios assim:

Consolata, tal como esta ovelhinha, permanecerás sobre o meu Coração durante os Santos Exercícios e continuarás a amar-Me: Eu pensarei em tudo o mais.

Enquanto tu, reclinada sobre o meu Coração, te empregas em amar-Me, Eu queimo todos os teus defeitos, mesmo aqueles que o teu P. Espiritual encontra em ti: amor próprio, soberba, exageros, falta de simplicidade, etc. — queimo tudo.

Outro dia (19 de agosto de 1936) confessando ela humildemente que estava cheia de deficiências, Jesus dava-lhe a entender: **Ama-Me. O amor fará desaparecer todas as deficiências.**

Por isso não queria, como já se disse, que ela

vivesse debruçada sobre as próprias infidelidades. E dizia-lhe a 9 de julho de 1934: **Não vivas dobrada sobre ti mesma, sobre o que fizeste, mas por cima de todas as misérias, ama sempre.**

Após ter renovado a alma por meio da reparação e da purificação, o amor leva-a à aquisição de todas as virtudes, bem como à perfeição das mesmas, segundo o que temos explicado.

Grande certamente era a vocação particular de Sór Consolata, porque grandes os desígnios de Deus sobre ela. Mas impendia-lhe o dever de corresponder.

Ora eis que Jesus vem assegurar-lhe que sim, que há de corresponder (30 de agosto de 1935): **Queres corresponder à tua vocação? Ama-Me a Mim, sòmente, ama-Me sempre, e assim corresponderás plenamente aos meus desígnios sobre ti.**

Isto requer naturalmente o exercício das virtudes, mas é precisamente através do amor que a alma obtém a garantia de praticá-las. Assim, a propósito da caridade fraterna que Sór Consolata tinha tanto a peito, prometia-lhe Jesus a 2 de julho de 1935: **Tu, pensa só em amar-Me, que Eu pensarei em tornar-te caridosa.**

Igual promessa encontramos a respeito da humildade — virtude fundamental da perfeição cristã: (22 de agosto de 1935) **Quanto mais permaneceres em Mim, mais Eu farei penetrar em ti a minha humildade.**

(4 de julho de 1935) **Ama-Me sòmente. De manter-te na humildade cuida Eu. Se permaneceres em Mim, o que está na Cepa, estará também no sarmento.**

Não é, portanto, — convém repeti-lo — que as almas que seguem o caminho do amor, não tenham apreço pela valia das outras virtudes e não sintam necessidade delas. O que há, é que estão intimamente convencidas de que o meio mais seguro para chegar

a elas é o de estarem bem unidas a Jesus, como o sarmen-
to à vide. Daqui os repetidos apelos de Jesus a
Sór Consolata para que esta não viesse a desviar-se
do caminho:

(20 de agosto de 1935) **O Amor é santidade.
Quanto mais Me tiveres amor, mais santa te farás.**

(8 de novembro de 1935) **Lembra-te que o amor
e só o amor te elevará ao mais alto grau de san-
tidade.**

E enquanto Jesus lhe falava de cumes de san-
tidade, o Eterno Pai assegurava-lhe que o amor a le-
varia aos mais altos pinaros dela (19 de setembro
de 1935): **Lembra-te, Consolata, que o amor e só o
amor te levará vitoriosa ao mais alto de todas as
culminâncias!**

ALGUNS FRUTOS DA VIDA DE AMOR

Como pode a alma praticamente realizar a vida
de amor, veremos depois. Agora vamos falar bre-
vemente de alguns frutos particulares — além dos
já indicados — da mesma vida.

O primeiro é a alegria íntima, profunda da alma,
que sabe e sente que possui a Deus, e que é d'Ele
possuída; sabe e sente que valoriza ao máximo, para
glória de Deus, proveito próprio e salvação das
almas, a breve jornada da vida presente; sabe e sen-
te que nada nem ninguém a pode despojar deste tes-
soiro imenso, — com a única condição de ela perse-
verar fielmente na vida começada, podendo fazer
suas as palavras do Apóstolo: **Quem me separará da
caridade de Cristo? (Rom. VIII, 35).**

Uma das primeiras palavras de Jesus a Sór Con-
solata foi esta:

**Ama-Me e serás feliz, e quanto mais amor Me ti-
veres, mais feliz serás.**

E isto sempre, tanto na luz como nas trevas de
espírito (15 de março de 1934): **Mesmo quando este-**

jas em trevas densas, o amor faz luz, o amor produz força, o amor produz alegria.

Se é assim para as almas todas, é-o em particular para as almas Religiosas, por Ele eleitas e d'Ele predilectas (20 de agosto de 1935):

Se todas as minhas esposas Me tivessem amor, ainda cá na terra derramaria Eu em seus corações o Paraíso. Porque o Paraíso goza-se com amar-Me.

Oxalá todas as almas compreendessem esta verdade! E oxalá a compreendesse também o pobre mundo, que, por ter-se afastado de Jesus, perdeu o caminho da sua verdadeira e única felicidade!

No entanto será sempre verdade o que Jesus dizia a Sór Consolata (13 de outubro de 1935): **Oh! se se Me tivesse amor! Que grande felicidade reinaria no mundo tão infeliz!**

Que dizer então do sofrimento, herança de toda a humana criatura e meio tão poderoso de santificação?! Será ele estranho à alma que viva de amor? — Longe disso. O amor alimenta-se precisamente de sacrifício. O Calvário é a cumeada do sacrifício porque é o píncaro do amor. E Jesus prometia a Sór Consolata a 27 de maio de 1936: **O amor levar-te-á aos cumes da dor!**

Não basta, com efeito, sofrer. Há que sofrer bem, e esta ciência difícil só se aprende na escola do amor (11 de novembro de 1935): **Para sofrer bem, precisas de amar, amar somente, sempre amar e amar intensamente.**

E, porventura, não está o valor sobrenatural do sofrimento na razão directa da pureza e do grau de amor que o vivifica? Por isso dizia Jesus a Sór Consolata (1 de dezembro de 1935): **O amor é coisa maior que o sofrimento, e o sofrimento será tanto mais perfeito, quanto mais gigante for em ti o amor.**

E' ainda o amor e só o amor que pode trocar o sofrimento em alegria: **Nado em alegria até mesmo**

em meio de todas as nossas tribulações (II Cor. VII, 4). E Jesus confirmava o asserto a Sór Consolata (1 de dezembro de 1935): **O sofrimento, quando aceite com amor, já não é sofrimento: troca-se em alegria.**

Também o Eterno Pai prometia a Sór Consolata em troca do amor (18 de outubro de 1935): **Conso-lata, dou-te a alegria da dor, e a alegria na dor!**

Isto naturalmente não exclui que a alma «sinta» o sofrimento, como também a não dispensa do esforço por sofrer com perfeição, mas em todo o caso é sempre verdade que o amor dá à alma a força necessária: **Coloca-me como selo sobre o teu coração, como selo no teu braço, porque o amor é forte como a morte** (Cant. VIII, 6). E é até mais forte que a morte, porque a alma que ama está revestida da própria fortaleza de Deus.

Um dia (26 de fevereiro de 1936) Sór Consolata chorava à conta das suas infidelidades: — Jesus, sou tão vil e fraca! — **Une-te à força!** — E como? — **Permanece no amor!** Depois, dirigindo-se ainda a ela, Jesus acrescentava: **Unida à força, serás mais forte que os fortes!**

Outro fruto igualmente inseparável da vida de amor é a paz profunda e estável da alma. E isto pelo facto de que, tendo-se ela abandonado confiadamente ao amor, eliminou por isso mesmo a causa de toda a inquietação: a qual está em buscar sempre novos caminhos, novos meios, novas práticas; está na multidão de desejos sempre insatisfeitos e, por vezes mesmo, impossível de satisfazer.

A alma que tomou pelo caminho do amor, simplificou ao máximo a vida espiritual. Um só desejo: amar. Uma só ocupação: amar. Uma só preocupação: amar. Tudo o mais virá com o amor.

Não se trata, portanto, de quietismo, ou de qualquer coisa do género. Trata-se precisamente do opos-

to diametralmente a tudo isso: viver vida de amor quer dizer viver vida sobrenatural o mais intensamente possível, concentrando-a, porém, num único ponto: no amor.

Um dos ensinamentos mais frequentes vezes repetidos por Jesus a Sór Consolata é este: **Tu, pensa só em amar-Me. Eu cuidarei do resto até às mais mínimas particularidades.**

E é assim que — pensamentos vãos, interesses inúteis, preocupações oprimentes — tudo fica eliminado para a alma que vive de amor (31 de julho de 1936): **Consolata, tu sabes que Eu penso em tudo, provejo-te de tudo até às mínimas particularidades. Por isso não dês cabida a um só pensamento, a uma só preocupação que seja. Não temas, penso Eu em ti!**

E bem o experimentou ela toda a vida. Já depois de privada da presença sensível de Jesus, escrevia:

«... Desde o dia em que Jesus me disse: **Pensarei Eu em tudo até aos mínimos pormenores, tu pensa só em amar-Me**, tomou **Ele** sobre Si as responsabilidades de todos os meus deveres, interesses, desejos, — numa palavra, tudo. E ainda mesmo hoje, que desapareceu no silêncio, continua a pensar em tudo até aos mínimos pormenores. Jesus actua em mim e Consolata apenas tem que pensar em amá-LO.

«Sim, acontecimentos, eventos, etc. são terra que já a mim me não deve interessar mais. Eu devo dar em mim cabida, ou deixar entrar, só as coisas do Céu, de Paraíso. Ora o Paraíso consiste em amar. Portanto não devo admitir nada fora do amor».

Se o Paraíso é amar, a felicidade do Paraíso — já a isso acenámos — é uma realidade actual na alma que vive de amor. Só que na terra o amor é militante, enquanto que no Céu é rejubilante e glorificante.

Um dia Sór Consolata declarava-se imerecedora dos gozos eternos, porque lhe parecia nada fazer:

MAS Jesus interveio: Não mereces estas alegrias eternas porque não fazes nada? Dize-Me: que coisa diz o Catecismo? Que foste criada para conhecer-Me, amar-Me e servir-Me, e depois gozar-Me eternamente. E tu, não Me amas? Não Me serves? — Logo, tens até direito à glória e gozos do Paraíso. O Paraíso concedo-to Eu não só por amor, mas por direito.

E que Paraíso? Respondamos com outra citação do diário de Sór Consolata (maio de 1935):

«... Esta tarde parei uns instantes na lavanderia para fazer um acto de caridade. Enquanto trabalhava, a graça segredou ao meu coração que àquele instante vinham alegrá-lo suaves pensamentos: **Verás, verás o que farei pela Consolata! Tu amas-Me, e Eu hei de te dar toda a Glória!** — Jesus, hás de dar-me também toda a dor, sim? — **Sim. Toda a dor, todo o amor e toda a Glória, porque tu amas-Me!...**» (14).

Como duvidar ainda de que o amor seja, na verdade, tudo? De que o amor tudo dê a Jesus e tudo d'Ele receba?

Para terminar esta parte sobre a vida de amor, ouviremos, mais uma vez, Sór Consolata — criatura eleita que creu no Amor, que esperou e confiou no Amor, que amou o Amor —, mas agora a desabafar os seráficos ardores do seu coração:

«Ó Jesus, também eu cantarei, cantarei sempre: na hora da luta como na do amor; nas horas de ale-

(14) Se bem entendemos a doutrina manifestada aqui por Jesus a Sór Consolata, o amor não toma as nossas faculdades e operações pela parte de fora, como se lhe pusesse uma etiqueta externa; mas vivifica-as todas internamente, dando-lhes nova forma de vida e comunicando-lhes nova perfeição, cujas raízes estão na graça que é germe da glória. Porisso quando se conclui que este dom importa a totalidade da vida presente e futura (dor, amor, glória), apenas se transporta este trabalho perfeito da caridade para o sujeito que ama.

gria como nas de dor. E assim, exactamente assim, se há de consumir a minha vida: amando-Te e sacrificando-me. E o meu canto de amor, os meus débeis sacrificios, através do Teu Coração, hão de alcançar valor infinito. E Tu, na Tua condescendência inefável, Te dignarás fazê-los descer sobre as três Igrejas, qual chuva de amor, de refrigério e de misericórdia infinita, como o fizeste comigo.

Oh! Sim! Eu pressinto que Consolata será uma apóstola do Teu Coração, da Tua Misericórdia, sempre, até ao fim dos séculos! Disseste-mo Tu, ó Jesus!... Jesus, eu creio. Creio e confio em Ti!. Jesus, amo-Te!»



Realização prática da vida de amor no acto incessante de amor

VIVER NUM ACTO DE PERFEITO AMOR

Viver vida de Amor, como se pode deduzir dos capítulos precedentes, significa fazer com que o amor se torne verdadeiramente **vida da alma**.

Coração, mente, forças, — tudo empregue sempre em amar ao Deus Bom com empenho. **Ama ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças** (Marc. XII, 30).

E', por outras palavras, a perfeita realização prática deste outro preceito do Divino Mestre: Como o Pai Me amou a Mim, também Eu vos amo a vós; permaneci no meu amor (Jo. XV, 9).

Permaneci: acção permanente; **no amor:** não o simples estado de graça, mas o acto afectivo e efectivo; **no meu amor:** o amor de Jesus, como expressão do amor que consagramos também ao Seu e nosso Pai.

Tudo isto, nos divinos ensinamentos ministrados a Sór Consolata, — os quais agora vamos expôr — concretiza-se no **esforço** da alma por transformar a própria vida num **acto de perfeito amor**. Não só fazer todas as acções com amor, não só colher e oferecer com amor as flores dos pequeninos sacrificios de cada dia e dos pequeninos actos de virtude, mas

ainda esforçar-se por vivificar com amor cada instante da breve jornada na terra.

Mas o perfeito amor, qual é? — E', antes de mais, o amor **puro**, com o qual se ama a Deus por Ele mesmo. E' depois o amor **actual**, sem género de dúvida, mais perfeito que o **habitual**. Segue-se ainda, por concomitância, o amor que abraça na mesma palpação Deus e as almas, posto que não se pode amar a Deus sem amar também ao próximo.

Queríamos ajuntar que o nosso amor não pode, e não deveria nunca, andar separado do amor a **Maria Santíssima**. E isto, tanto porque não se pode agradar a Jesus, se não se ama também a sua e nossa Mãe, como porque o nosso amor só pode chegar verdadeiramente perfeito até Deus, depois de passado através do amor de Maria — criatura única, entre todas as puras criaturas, que amou cá na terra a Deus, como Ele quer e deve ser amado.

Se, pois, queremos uma fórmula de perfeito amor, deve entrar a constituí-la, juntamente com o amor de Jesus, também o amor de Maria e o das almas.

Tal é, precisamente, a fórmula do acto de amor, que Jesus ditou a Sór Consolata para ser ensinada às almas.

CONVENIÊNCIA DUMA FÓRMULA

Compreende-se facilmente, como, para a maioria das almas — isto é, para todas as que não receberam o dom da contemplação infusa —, a vida de amor, num acto permanente de amor em grau perfeito, não seria possível sem a ajuda de qualquer meio prático, digamos, de uma fórmula breve e fácil que servisse de expressão ao próprio amor, e facilitasse assim a intimidade de amor com Jesus.

E eis aí que, tal como a mãe se debruça em acto amoroso sobre o seu menino, para dizer-lhe, e

tornar-lhe a dizer, a frase que ele há de, ao depois, repetir em correspondência de affecto, — assim Jesus se dignou debruçar-se sobre uma alma pequenina — Sór Consolata Betrone — para ditar-lhe, e logo exigir-lhe, o **acto incessante de amor**, que veio depois a constituir a vida da sua vida espiritual, o meio principalissimo com que ela exercitou a sua vocação de amor, e finalmente ainda a sua vida de amor.

A FÓRMULA DO ACTO INCESSANTE DE AMOR

O acto de amor ditado por Jesus a Sór Consolata é assim formulado:

JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS.

Algumas considerações sobre o valor intrínseco deste acto de amor, poderão aproveitar às almas.

Sintetizaremos, em poucos pontos, o nosso pensamento.

1 — Não é possível formular, em tão poucas palavras, acto mais **perfeito** de amor, no sentido acima exposto. Está nele tudo: amor a Jesus, a Maria e às almas.

2 — E' acto de **puro** amor, com o qual se dá a Deus quanto de mais excelente se Lhe pode dar: amor e almas.

3 — E', ao mesmo tempo, acto de **caridade perfeita**, porque o amor do próximo tem nele a mais alta expressão, na incessante súplica em favor das almas — de **todas as almas**, incluindo as do Purgatório —, bem como de todas as suas precisões, de acordo com a explicação que dele dará o próprio Jesus.

4 — Compendia, porisso, os **dois grandes Mandamentos**, que são, por sua vez, compêndio de toda a Lei.

5 — Mais ainda: pelo facto de ser **incessante** — no sentido que se vai explicar a seguir —, leva a alma ao cumprimento literal e perfeito do mesmo primeiro

mandamento — amar a Deus **com todo o coração**: o acto de amor há de brotar do coração, é o coração que ama o mais incessante e intensamente possível; — **com toda a mente**: a continuidade do acto exclui, de per si, todo o pensamento inútil voluntário; — **com toda a alma** (quer dizer, como explica S. Tomás, com **toda a vontade**): o acto incessante de amor radica no fervor da vontade, não no sentimento; — **com todas as forças**: para conseguir a maior continuidade e intimidade de amor é mistér fazer convergir para ele todas as energias da alma (1).

6 — O acto de amor, tanto em si como na referida fórmula, sendo também **oração**, melhor dito, a mais perfeita das orações, leva a alma à prática literal e perfeita de outro preceito evangélico: **E' preciso orar sempre, sem nunca desfalecer** (Luc. XVIII, 1).

7 — Por meio dele a alma vive a **vida sobrenatural** o mais intensamente possível: para glória de Deus, santificação própria e salvação das almas.

8 — Por meio dele, a alma vive vida **essencialmente mortificada**, no esquecimento de tudo e na

(1) “O homem é a perfeição do universo, a alma é a perfeição do homem, o amor é a perfeição da alma... porém, acima de tudo, o amor de Deus é o fim, a perfeição e a excelência do universo. Nisto consiste a grandeza e o primado do mandamento divino, que o Salvador chama o primeiro e o maior dos mandamentos.

Este mandamento é como o sol que ilumina e infunde dignidade a todas as leis santas, a todos os preceitos divinos, a todas as Sagradas Escrituras. Tudo foi feito para esse celeste amor e tudo a ele se refere. Do sagrado tronco deste Mandamento brotaram todos os conselhos, as exortações, as inspirações e os outros mandamentos, como flores da mesma árvore, e a vida eterna como seu fruto. Mandamento grande, cuja prática perfeita perdura na vida eterna, melhor, outra coisa não é que essa mesma vida eterna” (S. FRANCISCO DE SALES: *Teotimo*, lib. X, c. 2).

doação silenciosa de si mesma, e vem assim a estabelecer-se no estado de **vítima de amor**.

Quais sejam as predilecções divinas e as divinas promessas de galardão pelo acto incessante de amor, veremos nos parágrafos seguintes.

COMO HÁ DE ENTENDER-SE O ACTO INCESSANTE DE AMOR

Os ensinamentos de Jesus a Sór Consolata à cerca do acto incessante de amor, a definir-lhe e fixar-lhe o alcance, não deixam cair em erros ou desvios fáceis.

Erro seria, por exemplo, confundir o acto de amor com uma simples jaculatória, que se recitasse mais ou menos frequentemente, de preferência, porventura, a outras. Aliás, nenhum mal haveria nisso, e para a maioria das almas, pode até bastar.

Jesus, todavia, não se propôs sugerir às almas uma jaculatória apenas: teve intuito de indicar-lhes um **caminho espiritual** que lhes facilitasse a **vida de amor**.

Logo, se o acto de amor há de ser para a alma **caminho e vida**, segue-se que, ao menos no esforço da vontade, tem de ser incessante, de tal modo que venha a tornar-se respiração da alma.

Outro ponto é esclarecer como haja de entender-se a continuidade do acto de amor, em relação com as diversas ocupações do dia, segundo os deveres de cada qual.

A resposta a este quesito só podia vir do próprio Jesus.

No Sábado Santo le 1934, ao animar Sór Consolata a ser fiel ao acto de amor, prometia-lhe Jesus o seu divino auxílio, e, ao mesmo tempo, sugeria-lhe a seguinte norma prática, — que por si mesma está a dizer que é para todas as almas:

Consolata, assim como tomei sobre Mim a responsabilidade dos teus pensamentos e palavras, assim agora tomo a do teu acto de amor contínuo. Mas lembra-te duma vez para sempre: quando conversas comigo, ou escreves ou meditas, o acto de amor continua. Eu conto-o igualmente, embora o coração, naqueles momentos, seja obrigado a calar.

Por conseguinte, está claro que o acto incessante de amor não atrapalha em nada a vida comum e regular dos que têm de a seguir. Não cede em detrimento das outras práticas de piedade, obrigatórias ou não. Não estorva as várias ocupações do dia, nem, por seu turno, delas pode ser impedido, uma vez que a alma procure continuar o seu canto de amor, na medida que lho consinta a natureza das mesmas ocupações.

Quando uma pessoa reza, quando medita, quando conversa por dever ou caridade ou conveniência, quando está ocupada em trabalhos que absorvem as faculdades da alma, perante Deus, é como se continuasse. A intenção supre a actuação do acto de amor.

Terceira observação, também importante, é que o acto incessante de amor não há de ser coisa superficial, repetição mecânica duma fórmula, — mas verdadeiro canto de amor.

Mais, — e queremos frisar isto bem — não é de modo nenhum necessário pronunciar nada com os lábios. Acto de amor não é mera e simples expressão vocal, é acto interior: da mente que pensa em amar, da vontade que quer amar e ama.

O acto incessante de amor é, portanto, uma contínua e silenciosa efusão de amor. A fórmula — não fique isto esquecido — é apenas uma ajuda, para a alma poder mais facilmente fixar-se no amor e amor perfeito (2). Conclui-se isto também das pala-

(2) Na Vida do Servo de Deus P. Adolfo Petit S. J. (pags. 58-59) lê-se: "Se se lhe perguntava o meio para cres-

bras de Jesus a Sór Consolata, que podem servir de introdução à doutrina sobre o acto incessante de amor (16 de novembro de 1935):

Se uma criatura de boa vontade quiser amar-Me e fazer da própria vida um acto só de amor, desde o levantar ao adormecer, — com o coração, já se entende —, Eu farei, por esta alma, loucuras. Escreve isto.

E', portanto, com o coração que é preciso amar incessantemente. Isso, repetimos, não significa que a alma deva «sentir» gosto ou suavidade nesta prática, e nem mesmo que deva «sentir» que ama. Basta-lhe amar (3).

AS DIVINAS EXIGÊNCIAS DO ACTO INCESSANTE DE AMOR

«Logo desde os primeiros Exercícios Espirituais que fiz entre as Capuchinhas — escreve Sór Consolata — Jesus pediu à minha alma o que depois lhe continuou a pedir sempre: o acto incessante de amor. Ele fixou a meta que devia alcançar. E os obstáculos, as paixões, os defeitos havia eu de fazê-los desaparecer sempre à luz deste acto de amor. Coisa alguma te deve desviar do contínuo acto de amor, dizia-me na meditação, no dia da Vestição. E depois ainda, na Sagrada Comunhão: Não te peço

cer neste amor, respondia: — Não conheço senão um: amar. Da mesma forma que se aprende a ler lendo, e a escrever escrevendo, assim também se aprende a amar. Nosso Senhor *multiplicando por Ele os actos de amor*. Cada um destes actos é um braçado de lenha seca que lança no fogo: esse braçado de lenha torna mais ardente a chama do amor”.

(3) “O desejo do amor e o amor — escreve S. Francisco de Sales — dependem da mesma vontade” (Teotimo, lib. XII, c. 5). E não só, mas “ama-se sempre com *perfeito* amor quando do mesmo se elimina tudo o que pode impedir-lhe de darem-se todos a Deus” (S. Tomás, II-II, 148, 2).

senão isto: um contínuo acto de amor. Ao princípio era: JESUS, AMO-TE. Depois desejou que ajuntasse: JESUS, MARIA, AMO-VOS. Finalmente quis completá-lo assim: JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» (4).

Deste momento em diante, os pedidos divinos do acto incessante de amor já não têm conto, e o leitor há de perdoar-nos, se mesmo sob pena de com alguma repetição o aborrecermos, multiplicarmos as citações. Trata-se do ponto mais importante, — aquele que constitui como que a razão de ser da nova Mensagem Divina. Tudo o mais que dissemos até agora sobre a vida de amor, embora utilíssimo e em certo modo necessário, se não fosse integrado pela revelação e doutrina do acto de amor, teria apenas valor relativo por estar contido já substancialmente na Vida e escritos de outras almas privilegiadas.

Aduziremos, pois, — sem comentário para mais brevidade, — os diversos pedidos e solicitações divinas; ao menos o que temos em nosso poder, porque o diário de Sór Consolata não chegou completo até nós.

O primeiro pedido ou solicitação é de 15 de março de 1934: **Ama-Me. Consolata, o teu acto de amor torna-Me feliz!**

E não lho recomendava só, mas exigia-lho (15 de outubro de 1934): **Consolata, Eu tenho direitos sobre ti, e, por isso, quero de ti um incessante «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS», desde que despertas pela manhã até adormeceres à noite. Eu quero-o!**

E como que respondendo a uma espontânea dificuldade da pobre criatura, acrescentava: **Se Me**

(4) Também esta progressiva gradação na formulação do acto de amor tem sua razão de ser, como se verá no Volume da Vida.

crês omnipotente, então crê-Me também capaz de conceder-te este contínuo acto de amor; Eu quero-o.

O acto de amor devia, por conseguinte, tornar-se alimento vital da sua alma (23 de junho de 1935): **Um peixinho fora da água morre, assim tu fora do acto de amor.**

Em contra-partida, como o peixinho na água vive e se desenvolve, assim através do acto incessante de amor, com o aperfeiçoar-se dela na caridade, também a vida da graça se iria desenvolvendo e aperfeiçoando, até alcançar o total despojamento de si mesma ou aniquilamento, que é morte mística (25 de outubro de 1935): **Vive aniquilada e encerrada num só e contínuo «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS», nada mais. Não existe mais nada nem mais ninguém para ti, só o acto de amor.**

Esta morte mística não é quietismo, mas trânsito à vida heróica. Porque Jesus não encontra já na alma obstáculo algum às suas divinas operações, e pode assim agir nela como amo e senhor absolutamente à vontade (7 de setembro de 1935): **Sobre o teu aniquilamento levarei a cabo a minha obra maravilhosa (5). E sabes o que te leva a alcançar esse aniquilamento? O acto incessante de amor. Nada resta já de ti nem para ti ou por ti, mas no acto incessante de amor tudo é por Mim e para Mim.**

Aniquilada neste contínuo acto de amor, a sua alma devia de tal modo fazer-se a mesma coisa com ele, que se transformasse nele (3 de abril de 1936): **S. João Baptista qualificou-se «voz a clamar no deserto», e tu «acto incessante de amor».**

Nenhuma criatura devia, porisso, desviá-la deste seu único dever (28 de junho de 1936): **«Duc in altum!» (6) Dize adeus, para sempre, a tudo o que**

(5) Que Obra seja esta dir-se-á depois.

(6) Cfr. Luc. V, 4.

é terra e criatura, e faze-te ao largo com o acto incessante de amor. Àvante, para a práia eterna!

Todas as energias espirituais devia ela empregá-las neste único propósito (3 de dezembro de 1935): **Consolata, para não perderes tempo, toda a vez que pronunciares um acto de amor renova todas as tuas promessas; se tiveres caído, levanta-te; se te tiveres esquecido, reentra em ti. Um acto de amor serve para tudo e a qualquer hora e em qualquer estado.**

E como Sór Consolata costumava renovar cada dia, na Sagrada Comunhão, os seus votos particulares, Jesus sugeriu-lhe (30 de maio de 1936): **Extrema vigilância, sim, para não deixar entrar pensamento, para não deixar escapar frase não requerida; mas não te percas nisto, oh! não!; perde-te no acto incessante de amor.**

As aludidas exigências divinas a respeito do silêncio que Sór Consolata devia observar, miravam precisamente a mantê-la nesta continuidade de amor (8 de setembro de 1936): **Não Me basta que evites de falar no recreio; o acto contínuo de amor é que Eu quero; o silêncio exijo-o de ti para isso.**

Nem que dizer há que o inimigo raivava contra o acto incessante de amor; buscando por todos os meios lançar a alma de Sór Consolata na dúvida e na desconfiança a respeito do caminho que ela seguia. Mas Jesus dava-lhe segurança, dizendo-lhe (6 de abril de 1936): **Tudo o que perturba o teu acto de amor não vem de Mim.**

Igual aviso lhe dava em relação a tudo o que pudesse obstaculizar a continuidade de amor (3 de julho de 1942): **Tudo o que te desvia do incessante acto da amor, não vem de Mim mas do inimigo.**

Em suma, Jesus queria-a por tal forma «heróica» na continuidade do amor, que alcançasse nela a máxima perfeição (31 de julho de 1936): **Eu quero**

que, ao longo do teu dia, chegues a não roubar-Me um só acto de amor, nem um sequer, percebeste?

O facto é que a vocação particular de Sór Consolata, a sua missão em favor dos Irmãos, a sua própria santificação, — tudo devia ser levado a cabo através do amor incessante. Na primeira sexta-feira de fevereiro de 1935, dizia-lhe Jesus: **Esquece tudo, ama-Me continuamente, com coração de gelo ou de pedra, não importa. Tudo está ali, tudo dali depende: dum incessante acto de amor, nada mais.**

E mais claramente ainda (16 de dezembro de 1935): **Tu deves dar a Jesus o que Ele unicamente quer haurir da tua vocação, isto é, o acto incessante de amor, seja qual for o estado de alma em que venhas a encontrar-te.**

Note-se a premente insistência divina em manter firme Sór Consolata na continuidade de amor, em toda e qualquer disposição e estado de espírito. Amar sem «sentir» é de facto íntimo martírio e não são poucas as almas, que em tal estado de ânimo se abstêm de fazer actos de amor, por medo de eles não corresponderem à verdade. E' esta uma astúcia do inimigo para impedir a alma de amar. Oiça-se S. Francisco de Sales: «O dizer a Deus — Amo-Vos! — mesmo sem ter vivo sentimento de amor, é coisa que não deve nunca descuidar-se, porque vontade e grão desejo de amá-Lo temo-lo nós».

Naturalmente a continuidade de amor, neste caso, custa à natureza e custava também a Sór Consolata. E contra a pobre Religiosa desencadeava o demónio todas as lutas possíveis. Por isso Jesus, para pô-la em guarda, dizia-lhe (10 de outubro de 1935): **Consolata, que o demónio e as tuas paixões desencadeiem na tua alma todas as lutas possíveis, não importa. Trovões, tempestades ou raios, nada importa. Tu deves dizer contigo mesma: «Quero continuar impertérrita o meu acto de amor duma Co-**

munhão à outra; é este o meu dever, o meu único dever». E para diante, assim. Nada mais.

Alistada e firme, na luta pela santidade, sob a bandeira do acto incessante de amor, tinha o dever de defendê-lo com o mesmo valor com que o bom soldado defende a bandeira da pátria:

(6 de setembro de 1936) O acto incessante de amor é a tua bandeira. Defende-o frente ao inimigo, mesmo à cusa da vida!

(7 de setembro de 1936) A própria bandeira é preciso amá-la, é preciso defendê-la a toda a custa; viver à sua sombra e morrer estreitando-a ao coração, não deixá-la cair jamais em mãos inimigas. Assim debes fazer com o teu acto de amor; ainda que custe, dá-Mo incessantemente.

E se por fragilidade humana lhe succedesse interrompê-lo, nem por isso devia desanimar, e tanto menos renunciar à luta: **Leva o esforço o mais longe que possas, e, com férrea vontade, não percas acto de amor e retoma herôicamente a luta, sem dignar-te favorecer com um olhar sequer a interrupção.**

A continuidade de amor não foi pois para Sór Consolata um dom infuso. Teve, sim, graças especiais inerentes à sua missão, mas devia corresponder-lhes e correspondeu sempre com esforço heróico de vontade, sem deter-se nem mesmo no mais áspero da luta, sem perder coragem nas mais ou menos voluntárias infidelidades. A isso a incitava Jesus, dizendo-lhe:

(7 de setembro de 1936) Ama-Me, Consolata, por cima da luta e das inevitáveis quedas; experimenta a não deixar-te impressionar por uma queda, e a continuar impertérrita o teu acto de amor.

(8 de setembro de 1936) Esforça-te, Consolata, é para teu bem; sobre o esforço em dar-Me sem cessar o acto de amor, é que Eu agora insisto.

Certamente Jesus podia tê-la feito subir de repente aos almeçados cumes, mas não quis fazê-lo e dizia-lho claramente, para dar lição e ânimo a todas as almas (16 de setembro de 1936): **E crês tu que Eu não poderia conceder-te esta continuidade de amor? Olha: a Mim apraz-Me ver-te lutar, cair, levantar-te, e a suma, gosto dos teus esforços; gosto de ver aquilo de que és capaz. E sabes quando mais gozo? Quando tu, impertérrita, levantando-te e passando por cima de tudo, continuas o teu acto de amor.**

Como também, Jesus não lhe escondeu nunca (e vê-lo-emos a seguir melhor) que o acto de amor contínuo, mobilizando todas as faculdades da alma em contínuo esforço e aniquilando tudo na criatura, até ao último pensamento inútil, vinha a constituir para a alma uma cruz. Para incutir-lhe coragem neste caminho não fácil, sugeria-lhe Ele que não pensasse no futuro, mas que vivesse, e santificasse com o amor, o momento actual: **Vive amando, minuto a minuto; um dia inteiro é demasiado longo para ti.**

Prometia-lhe além disso o Seu constante apoio e o do P. Espiritual (14 de outubro de 1935): **Não tenhas medo, Consolata: quando o acto de amor te for obstaculizado pela luta insistente, Eu cuidarei de mandar-te o Padre de modo que não tenhas que sofrer demoras ou atrasos na ascensão, antes, embora à ponta de esforços, só e sempre ames, porque só o acto de amor contínuo te dará força para tudo.**

Um dia, depois de ter-lhe ensinado a valorizar com o acto de amor, no Coro, os próprios brevíssimos intervalos entre versículo e versículo, antifona e salmo, etc., como ela manifestasse dúvida de se o coração lhe aguentaria tão intenso esforço, Jesus acudiu logo: **Reforçá-lo-ei com o meu!**

Sobretudo prometia-lhe reparar Ele pelas deficiências da criatura frágil: **Tu fazes o possível por**

dar-Me o acto incessante de amor, mas quando faltares, farei Eu a reparação. Não, não tenhas medo: Eu sou sempre Bom.

Ora, pois: toda a acção de Jesus na alma de Sór Consolata consistiu nisto: levá-la à continuidade do amor e mantê-la nela. Um dia que ela perguntava a si mesma se acaso Jesus não teria já esgotado o manancial de palavras e expressões com que lhe fazia o costumado pedido, teve essa resposta: **Não tenhas medo que se Me tenham exaurido as expressões de pedir-te a mesma coisa: amor. Olha, Eu sou Omnipotente e posso repetir até ao infinito o mesmo pedido com expressões sempre novas.**

Doutra vez que ela manifestava a sua admiração por Jesus não se ter ainda cansado de fazer o mesmo pedido, ouviu esta resposta: **Não, não Me cansei nem hei de cansar nunca, porque Eu não quero senão isto: que tu Me ames, mada mais!**

FECUNDIDADE ESPIRITUAL DO ACTO INCESSANTE DE AMOR

Quem é que salva as almas? Nós não certamente. Salvou-as Jesus Cristo do alto da Cruz, e é Ele que continua a salvá-las, applicando-lhes os méritos infinitos da sua cruenta expiação. Nós, quando muito e só por dignação sua, podemos ser cooperadores na salvação das almas, e somo-lo na medida da nossa união com Jesus, e portanto do nosso amor por Ele.

Tudo quanto S. Paulo diz do amor em relação com o valor sobrenatural das nossas acções, pode applicar-se ao nosso apostolado em favor de outras almas. Sem o amor, todas as nossas palavras, — tanto ditas como escritas —, não seriam mais que vão tinir de bronze ou rufar de tímalo. De nada serviria toda a nossa ciência, como nada aproveitaria o esforço de buscar sempre novos meios para ganhar almas. Poderemos ser pregadores, conferen-

cistas, jornalistas, organizadores, e tudo quanto se queira, mas se não arde em nós a caridade de Nosso Senhor, não seremos nunca apóstolos. Apóstolo é aquele que fala e age em nome de Jesus, em íntima união com Ele, abrasado no mesmo fogo de amor pelo Pai Celeste, e, conseqüentemente, pela mesma paixão de zelo da salvação das almas. Pensar doutra forma é cair na heresia não formal, mas prática.

S. Teresinha que amava a Jesus como um serafim, teve alma de apóstolo. E não só, mas, através do amor, exercitou tão real, grande e universal apostolado, que veio a ser proclamada Padroeira das Missões, sem ter, na vida, visto sequer, terra de missão, e sem nunca ter pregado. E proclamou-a assim a Igreja, guiada pelo Espírito Santo que é Deus.

Esta solene lição de Deus ao mundo, que nem de todos foi compreendida, encontra hoje confirmação na vida de Sór Consolata: também ela sedenta de zelo porque sedenta de amor; também ela recompensada com abundante colheita de almas em prêmio do seu amor, como se pode ver no volume da sua vida. Aqui, e para não sair do assunto, eis o que Jesus lhe dizia da fecundidade do acto de amor para fins de apostolado (8 de outubro de 1935):

Lembra-te que um acto de amor decide da eterna salvação duma alma. Portanto, tem remorso de perder um só «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS».

A mesma consolantíssima promessa lhe fazia por outras vezes: **Não percas tempo: cada acto de amor é uma alma.**

Também a SS^a Virgem a exortava neste sentido, dizendo-lhe a propósito do acto incessante de amor (10 de outubro de 1935): **Só no Céu lhe conhecerás o valor e a fecundidade para salvar almas.**

Grande promessa lhe fazia ainda, Jesus, durante a guerra civil de Espanha, em resposta às preces:

dela (6 de setembro de 1936): **Sim, hei de ta dar a vitória sobre o comunismo em Espanha, mas tu faze o possível por dar-Me o acto incessante de amor (7).**

E repetia-lha alguns dias depois: **Sim, o acto de amor inclui todos os teus propósitos e com isso Jesus te dará a vitória em Espanha, e assim Ele dirá ao mundo como Lhe é grato o acto incessante de amor. Coragem, àvante!**

Havia vários anos que Sór Consolata rezava pela conversão dum seu irmão, Nicolau (8), bem como pela do já citado tio Félix Viano. O primeiro rendeu-se à graça na Páscoa de 1936, e em julho seguinte dizia Jesus a Sór Consolata: **Lembra-te, Consolata, que não te dei o Nicolau, nem te darei o tio Félix pelo mérito das tuas penitências e sacrifícios, mas unicamente pelo acto incessante de amor. Lembra-te disso, porque o que Eu quero das minhas criaturas é o amor.**

Também como prece reparadora é o acto de amor fecundíssimo (8 de outubro de 1935): **Porque é que Eu, Consolata, não te permito tantas orações vocais? (9) Porque o acto de amor é mais fecundo. Um «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» vale como reparação por mil blasfêmias.**

Para a mesma alma que o pratica, o acto incessante de amor tem mais valor e portanto é mais fecundo em méritos que qualquer outra obra:

Consolata, põe, dum lado, todas as obras virtuosas que hoje tenhas podido praticar, e do outro,

(7) Não se quer dizer com isto que esta vitória seja devida só ao acto de amor de Sór Consolata. O conceito é este: se, por impossível, não tivesse havido outras orações de outras almas, Jesus teria concedido igualmente a vitória em prémio do acto de amor.

(8) Irmão por parte do pai. Nicolau morreu santamente em dezembro de 1947.

(9) Do acto de amor em relação com as orações vocais, falaremos depois.

um dia passado num contínuo acto de amor, que Eu prefiro o dia passado num contínuo acto de amor a tudo o mais que pudesses ter feito ou oferecer-Me.

Por isso, de cada vez que Sór Consolata se propunha oferecer a Jesus ou a Maria qualquer obséquo particular, intervinha a graça a solicitar dela o acto de amor. Em preparação para a festa da Imaculada (1935), sugeria-lhe Jesus:

Que queres dar à Mãe na sua novena? Olha: dá-Lhe um «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» contínuo, e dá-Lhe tudo!

Finalmente, o acto de amor é fecundíssimo para a santificação da alma. E isso, exactamente porque, com ele, não só se dá tudo a Jesus, mas também tudo d'Ele se recebe. Comentando, para Sór Consolata, as palavras do Evangelho «Sem Mim nada podeis fazer», dizia Jesus (26 de outubro de 1935): **E' para ti a frase mais confortante do Evangelho, porque desculpa toda a tua incapacidade e lança-te no completo abandono ao Coração Divino; e ali, aniquilada num só acto de amor, pedirás quanto quizeres e ser-te-á dado.**

Assim é, porque Jesus não se deixa vencer em generosidade pela sua pobre criatura, ocupada só em amá-Lo de contínuo (13 de setembro de 1936):

Oh! procura estar bem fixa neste único propósito: não interromper o acto de amor; basta-Me isso. Permanece fiel a ele, renovando-o hora a hora, e Eu te concederei tudo, Consolata, verdadeiramente tudo.

A alma fiel ao acto incessante de amor será de facto fidelíssima em tudo o mais, como o Eterno Pai prometia a Sór Consolata (23 de setembro de 1935): **Olha, Consolata, firma-te bem neste propósito: amar continuamente. Ele compendia todos os outros; observando este, observas os outros todos.**

Por seu turno, Jesus, dava-lhe disso a razão (14

de julho de 1936): Cada acto de amor teu, atrai para ti a fidelidade, porque Me atrai a Mim que sou a mesma fidelidade.

Fixada assim estavelmente na fidelidade a todos os seus deveres e propósitos, a alma cantará vitória sobre as suas paixões e sobre os seus inimigos (30 de maio de 1936): **O segredo para alcançar todas as vitórias está todo nisto: não perder acto de amor.**

Por isso, dará fruto copioso de santificação (26 de outubro de 1935): **Aniquilaste-te ante o Padre (Espiritual) e fechaste-te numa só palavra: «obedeço». Pois bem: aniquila-te em Mim e fecha-te numa só frase: «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» e darás muito fruto.**

Sobretudo, o acto incessante de amor dará à alma prontidão para corresponder a todo o pedido de sacrifício (24 de setembro de 1935): **Olha, Consolata, estabiliza-te firmemente num «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» contínuo. Vê, é o único propósito que te dá força para dizer «sim» a cada pedido meu de sacrifício.**

E a 1 de dezembro de 1935: **Sabes porque te digo: continua só assim? Porque esta continuidade de amor, mantendo-te sempre unida a Mim, torna-te pronta para tudo em qualquer momento.**

Para bem sofrer, com efeito, é mister amar muito, como já se disse. E' ilusão pensar diferentemente. Basta ter um pouco de experiência das almas (e da própria alma) para convencer-se que não é o sacrifício que leva ao amor (quantas almas sofrem inutilmente!). E' o amor que leva ao sacrifício, — ao sacrifício aceite, sofrido e oferecido com alegria e com gratidão. Então o sacrifício assim aceite e suportado, transforma-se, depois, em manjar de amor. Dizia, por isso, Jesus a Sór Consolata (19 de outubro de 1935): **Consolata, prepara-te para a dor com o amor, ama continuamente. Ai! de ti se deixasses de amar!**

E é precisamente o estado de vítima que Jesus recordava frequentemente a Sór Consolata para dar-lhe a ânsia de se manter firme na continuidade de amor. Assim a 24 de novembro de 1935: **Bem sei que o acto de amor contínuo custa, especialmente em certas horas, mas é mais meritório, Consolata. E depois, não te esqueças nunca que te escolhi para vítima de amor.**

Ora nós veremos no capítulo seguinte, como o estado de vítima foi levado à prática em Sór Consolata através do acto incessante de amor, realizando-se a promessa que Jesus lhe fizera um dia: **Consolata, hei de fazer-te subir a todos os cumes do amor e da dor, juro-to. E tu: «JESUS, MARIA, AMOVOS, SALVAI ALMAS», nada mais!**

*Perfeição da vida de amor na
perfeição do acto incessante
de amor*

P R E M I S S A

Esta premissa é necessária, a fim de as almas desejosas de seguir a Sór Consolata, ao terem conhecimento da perfeição altíssima a que ela foi por Deus chamada na vida de amor, se não atemorizarem e, menos ainda, virem a concluir: «Impossível! Isto não é para nós!»

Observemos, portanto, em primeiro lugar, que ninguém deve maravilhar-se de Jesus chamar uma alma à mais alta perfeição, uma vez que, no Evangelho, nos deixou dito: **Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus** (Mat. V, 48). Meta inatingível, mas que, todavia, Jesus nos propõe, para ensinar-nos que na vida de santificação não há limite algum, ultrapassado o qual possa a alma diminuir o esforço. Nem pelo facto de ser inatingível a meta, ficamos nós dispensados de tender para ela com todas as forças.

Observe-se, em segundo lugar, que o ter Jesus proposto a Sór Consolata altura tão sublime, não quer dizer também que ela a tenha alcançado em

modo absoluto e definitivo, de tal maneira que nada mais lhe ficasse para fazer. Uma e muitas vezes temos dito que Sór Consolata, durante toda a vida, não depôs nunca as armas do bom combate, o que vem provar não ter ela pensado nunca que havia alcançado as supremas culminâncias da santidade, embora tenham sido bem elevadas aquelas a que chegou.

Donde se deduz — e é a terceira observação — que, perante Deus, não é tanto o êxito o que conta, — esse depende unicamente d'Ele —, mas o esforço da criatura. Da criatura que quer sèriamente, que eficazmente trabalha sobre si mesma, que luta sem trégua; sempre — entenda-se — sustentada pela graça divina que não lhe pode faltar. Esta graça, porém, não é a todos concedida em medida igual, mas segundo os desígnios misericordiosos de Deus.

Ora, tendo Sór Consolata sido eleita por Deus para apontar ao mundo o caminho do acto incessante de amor, devendo percorrê-lo ela em primeiro lugar, compreende-se como Deus a tenha favorecido de graças extraordinárias, em ordem à sua vocação e missão, para assim poder apresentá-la como modelo a todas as almas que forem chamadas a segui-la.

Fica, portanto, declarado que as divinas exigências, feitas a Sór Consolata e contidas no presente capítulo, não devem ter-se como dirigidas — na mesma medida — a todas as almas, embora chamadas a palmilhar a mesma estrada. A estas basta-lhes ter fixo o olhar no exemplar que Deus lhes oferece — Sór Consolata — e procurar, com generosa correspondência à graça, copiá-lo o mais perfeitamente possível, sem nunca esquecer que Deus premeia, não o êxito, mas o esforço.

CONTINUIDADE DE AMOR NO ACTO INCESSANTE DE AMOR

A perfeição do amor consiste — além da pureza pela qual se ama a Deus por Ele mesmo — antes de mais, na continuidade efectiva: amor actual, não só habitual. Para ela portanto, deve tender a alma desejosa de se aperfeiçoar cada vez mais na vida de amor. Mas como levar à prática essa continuidade? Jesus, por meio de Sór Consolata, indica o meio prático e acessível a todas as almas de boa vontade: o acto incessante de amor.

Já nos ensinamentos precedentes, sempre que Jesus fala a Sór Consolata na intimidade de amor com Ele, se refere ao acto de amor. A 22 de agosto de 1935, dizia-lho então claramente: Neste contínuo contacto coMigo, produto do acto de amor, descobrirás os pequenos defeitos que tenderiam a desviar-te desta união divina, e removê-los-ás; e assim o dia converter-se-á numa contínua palpação de amor, desde que te levatares até adormeceres, melhor, continuará eternamente.

Doutra vez, referindo-se ao facto de Sór Consolata gozar da presença sensível de Jesus no próprio coração (via-o intelectualmente sob a figura do Sagrado Coração ou Crucificado), dizia-lhe (29 de outubro de 1935):

Não só a tua cela é para ti o Tabernáculo, onde a Jesus — ou o Seu Divino Coração ou Ele crucificado — O encontras sempre, mas sê tu mesma o Tabernáculo, onde quer que te encontres. E assim como na tua cela não queres deixar entrar senão o acto de amor contínuo, assim também onde quer que te encontres, seja qual for o trabalho em que te ocupes, não deixes entrar senão o acto de amor contínuo.

As próprias normas que lhe tinha sugerido a respeito do silêncio, como já foi dito, não tinham mais objecto que o de obter dela o contínuo acto de amor.

Falando-lhe do recreio, dizia-lhe (12 de novembro de 1935):

Olha, Consolata, desde o momento que estejas sempre em Mim com o acto contínuo de amor, viverás vida maravilhosa, divina. Oh! então todo o futuro se te revelará, — acredita —, e nenhuma dúvida desabrochará na tua alma.

Mas se no recreio Me deixares e te imiscuïres em discursos com as criaturas, então sentir-te-ás, também tu, apenas mais pobre criatura, e terminado o recreio, na tua alma haverá uma dúvida: Não será ilusão tudo o que de tão grande sinto em mim?

Portanto, não mais Me deixes nunca pela criatura, nem sequer pelo espaço de vinte minutos. Fala, ou melhor, responde, mas, entretanto e ao mesmo tempo, com o coração ama.

Poderá aqui alguém perguntar: Até que ponto levou Sór Consolata a continuidade do acto de amor? Respondemos que a continuidade efectiva e absoluta não é possível à humana criatura, sem privilégio de Deus. Tal privilégio teve-o certamente Maria SS^a. (1) e, piamente cremos, também S. José em grau correspondente à sua dignidade e missão. Quanto a Sór Consolata, diremos que, como Jesus não se cansou nunca de pedir-lhe o acto incessante de amor, também ela não omitiu nunca esforço algum por corresponder o mais perfeitamente possível aos pedidos divinos.

No diário, com data de 16 de setembro de 1935, e sempre em referência à continuidade do acto de amor, encontramos a seguinte atestação de Jesus: **Vês? Desde o dia da Vestição, em que to pedi, ainda,**

(1) "Gloriosissima Virgo de privilegio singulari continue et semper Deum amabat actualiter". (S. BERNARDINO DE BUSTIS — Cfr. P. F. CABRINI: *II sabato dedicato a Maria, consid.* 15).

não foste capaz de chegar a dar-Mo sempre; um ou outro dia, sim, mas poucos.

Donde se vê que, já àquela época (da Vestição eram passados cinco anos), Sór Consolata tinha chegado, ao menos nalguns dias, a dar a Jesus o acto incessante de amor. E se, na maioria dos dias, havia ainda espaços vazios, estes eram de brevíssima duração e quase nunca plenamente voluntários. E, todavia, também eles deviam desaparecer; pelo quê Jesus ajuntava:

Ora, para dar-Me o acto de amor contínuo, que precisas tu? — Precisas do duplo silêncio de pensamentos e palavras com todos, e de ver-Me e tratar-Me em todos.

Eu pensarei através de ti, falarei através de ti, e tu preocupa-te só de amar-Me, mas amar-Me sempre. E seja este o teu único pensamento desde que te levantas pela manhã até adormeceres à noite.

Insistindo mais em particular na virgindade da mente, necessária para o exercício do acto incessante de amor, explicava-lhe (25 de novembro de 1935):

O acto de amor é como um combóio directo que corre pelos carris: se a linha estiver atravancada de pensamentos inúteis, o combóio não pode correr, — tem que parar.

Vê quanto te é necessária a virgindade da mente! Não mais um pensamento, nem um só. Mas quanta paz, não é verdade, Consolata? Eu só, na tua mente.

A alma que se consagrou ao Amor através do acto incessante de amor, deve, portanto, exercitar-se, sem escrúpulos mas com generosidade e firmeza, neste silêncio externo e interno, tendo sempre presente a preciosidade de um acto de amor, e acolhendo como dirigida a si esta palavra de Jesus a Sór Consolata (13 de setembro de 1935):

Consolata, o tempo que te resta de vida consa-

grei-o Eu todo a um acto de amor. Ora pois, se tu interrompes a acção de amar para seguir um pensamento, para pronunciar uma frase não estritamente necessária, fazes um furto ao amor.

Tão perfeita continuidade de amor acaba por estabilizar num estado de continua imolação. Não o escondia Jesus a Sór Consolata (15 de novembro de 1935):

Consolata, Jesus tomou a Cruz às costas e caminhou para o Calvário. Sabes qual é a tua Cruz? — Não perder acto de amor. Este será doravante o teu único programa.

Não que o acto de amor seja uma cruz, mas não perder um, seja qual for a condição em que te encontres, isso é cruz; mas ajuda-te a levar todas as outras cruzes.

Dou-te esta cruz: não perder um «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS», mas dou-te também a graça de levá-la — essa cruz —, fielmente, até ao último suspiro.

Amo-te, Consolata, e esta cruz que ponho às tuas costas, aniquila tudo em ti, ao mesmo tempo que te leva à observância escrupulosa de cada mínimo ponto da Regra, das Constituições, do Directório.

No dia seguinte, voltando ao mesmo ponto, acrescentava-lhe:

Gostas da cruz que te dei? Estás contente? . . . E' fecundíssima, sabes! A cruz de amor é fecundíssima, mais que toda outra cruz, para Mim e para as almas.

E foi precisamente através desta silenciosa mas incessante imolação de amor, que Sór Consolata realizou o seu estado de vítima de amor.

O oferecimento de si mesma em qualidade de vítima, fê-lo Sór Consolata, a pedido divino, no dia da profissão solene (8 de abril de 1934), mas a consagração oficial de vítima por parte de Jesus só se efectuou na primeira sexta-feira de dezembro.

de 1935. Como se realizou ela? E quais os compromissos da nova vítima consagrada? Assim: Jesus confirmou-a novamente na continuidade do amor, e ela prestou o seu consentimento.

Em a noite antecedente à primeira sexta-feira, durante a Hora Santa, preparando Sór Consolata para o novo acto consecratório, dizia-lhe Jesus:

Consolata, a sede de amor de Jesus, o seu pedido de reparação pelos teus «Irmãos» e «Irmãs» não te diz tudo?

Sim, Eu dei-te tudo a ti, agora tu dá-Me tudo a Mim: todo o teu amor, todas as palpitações do teu coração no acto incessante de amor. Nada mais quero porque só neste acto incessante de amor Me dás tudo, tudo, por ti e pelos teus «Irmãos».

Aí está onde quero que Me demonstres a tua fidelidade e generosidade: na renúncia completa de todo o pensamento, de toda a palavra, para não interromperes nunca o acto de amor: amar sempre, aceitando todas as consequências, sem jamais interromper!

Bem sei, — isso consome lentamente, mata a minha Consolata. eis a vítima de amor!

Depois, em resposta à natural perplexidade da vítima, sempre temerosa de não corresponder plenamente aos desígnios divinos, sempre em pena por causa das pequenas infidelidades involuntárias de amor, acrescentava com ternura divina:

Não, Consolata, não; a minha onnipotência é grande, e para tudo quanto te pede, te dá a graça de Mo poderes dar.

Queres a minha bênção para que ela liberte a tua vontade e te dê tenacidade para perseverares até ao fim, sem mais interromperes o acto de amor, nem mesmo com um pensamento ou com uma palavra que seja?

Pois bem, sim, abençô-te e não o interromperás

mais. **Aí tens o meu dom para ti, na primeira sexta-feira de dezembro.**

Na manhã seguinte Jesus realizava a anunciada consagração. Tudo, porém, se desenrolava no íntimo de Sór Consolata, sem nada de extraordinário no exterior. Jesus dizia-lhe:

Hoje consagro-te vítima de amor. Não te firo com um dardo, mas inflamo-te no silêncio, e ainda que quisesse interromper o teu acto de amor, já não poderás mais.

O tempo que te resta de vida, desde hoje até à tua última hora, juntamo-lo com este acto incessante de amor. Acredita, nele dás-Me tudo.

Sim, Consolata, desprezaremos, pisaremos aos pés qualquer obstáculo, e amaremos sempre, incessantemente, até ao último alento... Pois bem, sim, disse tomo Eu a responsabilidade.

A responsabilidade, que Jesus para si tomou, da continuidade de amor em Consolata — convém sempre tê-lo presente — não representa posse pacífica por parte da alma. Isso não virá nunca. Todavia, investida da chama consagrante do amor, sentir-se-á daquele momento em diante mais forte no holocausto de amor. O facto é que já em junho de 1936, na festa do Sagrado Coração, Sór Consolata se sentia disposta a fazer o **voto do acto incessante de amor.**

Fôra Jesus a querê-lo, e ela preparou-se para ele com uma novena fervorosa, meditando cada dia uma das conferências do Padre Mateus Crawley às Religiosas (2).

Voto de tal espécie não é certamente coisa para se tomar à ligeira, e bem o sabia ela, que quotidianamente experimentava quanto custasse à natureza não perder, no dia, acto de amor. De feito, escrevia ao começar a novena (10 de junho de 1936):

(2) P. MATTEO CRAWLEY: *Siate sante* — conferenze alle Religiose.

«... Estava só esta manhã no laboratório, mas sentia-me unida ao Coração de Jesus. Embora com ânsia de ligar-me a Ele oficialmente (prévia licença do P. Espiritual) com o voto de não perder acto de amor, a natureza, não disposta a suportar este voto que a crucifica inteiramente, tentava resistir. Começo a compreender que o acto incessante de amor dá a Deus tudo, porque Lhe imola pensamentos e palavras e fantasia, etc. E' a morte da natureza!».

Não se tratava, pois, de efêmero entusiasmo. Consolata tinha plena consciência de que era voto que crucificava. E disso a confirmou o próprio Jesus. À treze de junho, numa das aludidas conferências da novena, ficou impressionada com esta frase: «Sede valorosas como Maria SS^a: aprendei a cantar especialmente quando estais crucificadas com Jesus». Nesse momento Jesus segredou-lhe ao coração:

Assim te quero a ti, e é por isso que na sexta-feira, quando o amor te imolar plenamente, tu te ligarás a Mim com o voto de não perder acto de amor. Quero-te assim, sempre assim.

Em a noite de 18 de junho, véspera da Festa, pronunciava o árduo voto.

«... Esta noite, estava Jesus exposto no Coro. Pensei, que os presentes se oferecem nas vésperas das festas. Amanhã é a Sua Festa, a Festa do Seu Coração. A meditação falava de um Coração que tanto tem amado os homens e dos quais não recebe senão ingratião. A minha alma, confesso, não estava pronta para pronunciar o voto que me era pedido. Humilhei-me, confessei ao Coração Divino as culpas que não pudera depôr aos pés do seu Ministro (3), tive delas dor. A luta seguiu-se paz profunda. Implorei o auxílio dos meus Santos Protectores, e depois, em face de Deus, Trindade adorável, fiada na

(3) O Padre Espiritual, por ela chamado, não tinha podido ir ao mosteiro.

intercessão da minha Mãe Imaculada e de S. José, com total confiança no Coração de Jesus, pronunciei o voto do acto incessante de amor sem mais esperança de alívio nem à mesa, nem no trabalho, nem no recreio. A alegria íntima e tranqüila, a confiança de que me será concedido perseverar e tantos outros dons inundaram a minha alma. Jesus, confio em Ti!»

Não terá passado inadvertida ao leitor a extensão dada por Sór Consolata ao seu voto: tornar de tal modo incessante o acto de amor que não conceda a si mesma jamais qualquer alívio, em tempo algum do dia. Requer-se, por certo, chamamento particular de Deus, que é precisamente a vocação de amor, e também graça particularíssima. E Jesus não podia negá-la a esta alma por Ele escolhida para apontar ao mundo a doutrina e a prática do acto incessante de amor.

Isto não tira que o voto por ela feito fosse alguma coisa mais que levar simplesmente a cruz: era permanecer na cruz para nela consumir o holocausto de amor. «Hoje — assim ela no diário (23 de maio de 1936) — senti continuamente sede de sofrimento, e esta noite, ao ir-me deitar, ouvi: **Oh! se conhecesses a preciosidade dum acto de amor!**. E compreendi que será o acto contínuo de amor que me há de consumir, levando tudo ao fim».

Exatamente assim. E Jesus, depois de feito o voto, dir-lho-á claramente (8 de julho de 1936): **Agora não é já levar a cruz, mas viver na cruz, perseverar na cruz por meio do acto incessante de amor. Ânimo, Consolata!**

Tudo isto requer heroísmo. Mas Sór Consolata era das que não tinham medo às alturas. É heróica — perguntava a si mesma (16 de setembro de 1936) — a minha fidelidade ao acto incessante de amor? Não. E para que venha a sê-lo, que hei de fazer? A

resposta divina foi: **E' preciso querer, querer fortemente, querer sempre!**

Foi o verdadeiro programa de vida espiritual de Sór Consolata: programa que ela compendiava nestas palavras: «Ó amar-Te verdadeiramente, ó Jesus, é antes morrer que dar entrada a um pensamento inútil; antes morrer que pronunciar frase não pedida ou estritamente necessária; antes morrer que interromper o acto de amor».

E ela era sinceríssima no que dizia ou escrevia.

VIRGINDADE DE AMOR NA VIRGINDADE DO ACTO DE AMOR

Nos parágrafos precedentes foi dito como o exercício do acto incessante de amor não pode ser levado a cabo sem rigoroso silêncio de pensamentos e palavras por parte da alma.

Acrescentaremos agora que o acto incessante de amor é, por sua vez, de grandíssimo auxílio (indispensável, até, à maior parte das almas) para manter-se tanto na virgindade da mente, servindo para não deixá-la divagar, como na virgindade do coração, não o deixando deter-se em coisa alguma terrena, como ainda na virgindade da língua, mantendo a alma em contínuo e virtuoso silêncio. Também neste ponto os ensinamentos divinos a Sór Consolata são muito claros.

Quanto à virgindade da mente e da língua, dizia-lhe (16 de setembro de 1936): **E' necessário que tenhas domínio tal sobre os teus pensamentos e palavras, que o demónio não possa já nada contra ti, e este domínio favorece-to o acto de amor.**

E quanto à virgindade de coração (1 de dezembro de 1935): **Só a continuidade do acto de amor assegura ao teu coração a virgindade.**

E não só, para esse fim, Jesus pedia a Sór Consolata a continuidade do acto de amor, mas outrossim

a virgindade do acto de amor: não só não perder, durante o dia, acto de amor (com o coração), mas nem sequer distraír dele nunca a mente.

E' a verdadeira e perfeita virgindade de amor.

Já em 17 de outubro de 1935, pondo Sór Consolata àlerta contra os enredos do inimigo no que respeita à continuidade do acto de amor, Jesus lhe dizia:

Olha: o inimigo o que quer é impedir-te o acto de amor contínuo. Aí está o porquê de toda esta aborrecida luta de pensamentos. Qualquer pensamento, mesmo bom, contanto que cesses de amar, já lhe basta.

Passando depois a explicar-lhe mais claramente em que consiste a virgindade de amor, dizia-lhe (6 de dezembro de 1935):

Sabes em que consiste a pureza do teu acto de amor? Em não imiscuir nele pensamento algum, porque tu podes, ao mesmo tempo, amar com o coração e com a mente pensar noutra coisa. Não. A pureza do acto de amor exclui qualquer outro pensamento, exige a virgindade da mente, percebeste? Assim quero Eu de ti o acto de amor.

Mas não temas. Eu ajudo-te a dar-Mo em toda a sua pureza, e assim, nada admitindo em ti, dás-Me, amando-Me, tudo!

Explicava-lhe além disso como é que os pensamentos estranhos ao amor podem ofuscar a pureza do acto de amor (6 de dezembro de 1935):

Olha: nos pensamentos, mesmo nos bons, que se infiltram em ti, entra sempre alguma coisa de amor próprio, de complacência, e, já se entende, deturpam o acto de amor.

Mas se tu, confiando cegamente que Eu cuido e cuidarei de tudo, não deixares entrar um sequer, então o teu acto de amor terá pureza virginal.

E correspondendo a uma promessa formal de

Sór Consolata — de querer ser fiel à virgindade de amor, animava-a assim (8 de dezembro de 1935):

Tu prometes-Me virgindade de amor e Eu, em troca, prometo-te a observância escrupulosa dela.

Mais tarde, Jesus há de até confirmá-la em graça na continuidade e virgindade de amor, e, todavia, nem sequer esse tão singular favor a libertará da luta ou a dispensará de empregar a fundo todas as energias espirituais (15 de novembro de 1935):

Se te confirmo em graça quanto à virgindade de amor e quanto ao teu acto incessante de amor, não creias que o amar-Me não te custe já esforços. Oh! não! A minha confirmação em graça não exclui a luta nem o esforço.

Ora luta é sofrimento, e para Sór Consolata será sofrimento contínuo, como contínuo será a luta. Mas aí está o precioso fruto da virgindade de amor: **a virgindade de sofrimento!**

A alma, assim fundada e firmada no acto incessante de amor virginal, fica apta e capaz para elevar até Deus todo o perfume dos seus sofrimentos, sem o desperdiçar em estéreis queixas e lamúrias ou em perigoso fechar-se e debruçar-se egoisticamente sobre si mesma, sem assumir externamente atitude alguma de vítima, — nenhuma daquelas atitudes estudadas e postiças, próprias das que pretendem fazer figura de vítima sem na realidade o serem.

Tudo isto confirmava-o Jesus, dizendo-lhe (9 de dezembro de 1935):

Olha, a virgindade do amor caminha paralelamente com a virgindade da mente.

Quando uma alma se estabiliza nesta virgindade de amor, nada consegue já perturbá-la; está como confirmada em paz.

Olha para a Virgem SS^a. aos pés da Cruz: sofre sim, mas que dignidade no seu modo de sofrer! Vê-la? Num mar de dores, mas nem um lamen-

to; não desfalece, não se abate, nada, nada. Aceita, sofre, oferece até ao Consummatum est, com calma, com fortaleza.

Assim te quero, nos dias de dor, e a virgindade de amor te ajudará a ser assim.

Dava-lhe, além disso, a razão de a virgindade de amor colocar assim a alma num estado de paz tão perfeita e firme (10 de dezembro de 1935):

«Em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que comete pecado, é servo do pecado» (4). Assim tu, se deixares entrar um pensamento, se pronunciares frase não pedida, ficas serva da tua infidelidade.

A serva é escrava. A escravidão pesa. Eis porque, depois de uma infidelidade, sentes a alma amortalhada em tristeza, e não podes levantar-te, senão recorrendo a Jesus.

Vice-versa, se resistes à tentação, se és fiel, sentes-te livre e forte e pronta para qualquer sofrimento. Entendeste, Consolata? Lembra-te disto!

Juntamente com a fortaleza no sofrimento, a virgindade de amor assegura, para a alma, a alegria verdadeira, aquela que nada nem ninguém pode arrebatá-lhe. Fica como que confirmada na alegria, como o está na paz (13 de dezembro de 1935):

Consolata, vê o candor da neve que te circunda? Pois bem, permanece assim, na virgindade da mente, da língua e do coração, e o sofrimento ser-te-á sempre doce; porque é só a infidelidade que te faz sofrer, o resto não, porque sofrer por amor de Jesus e das almas é alegria.

A alusão de Jesus ao candor da neve exprime assás bem outro fruto da virgindade de amor que é o de elevar a alma a extrema pureza. E primeiro, pureza da mente (2 de dezembro de 1935):

Vê: enquanto tu Me amas, o demónio não pode

(4) Jo. VIII, 34.

fazer entrar em ti nenhum pensamento mau, porque todas as tuas faculdades estão absorvidas pelo amor; mas se tu cessares de amar, então sim que podés. Por isso tu ama sempre.

Depois, ainda, pureza de alma e corpo (11 de junho de 1936):

Este incessante acto de amor dá-te a tríplice virgindade: de coração, de corpo e de espírito.

E isto porque Jesus, fiel às suas promessas, transfunde na alma que Lhe está unida tão intimamente, a Sua própria pureza virginal (25 de novembro de 1935):

Consolata, virgindade da mente: sim, Eu só! . . . Virgindade de coração: sim, Eu só! . . . Virgindade de sofrimento: por Mim só! . . . Virgindade de língua: fala para Mim só! . . . Virgindade de corpo: transfundo-a Eu em ti!

Realmente, que pureza não será a da alma que de manhã à noite, incessantemente, tem fixas todas as faculdades num acto de amor contínuo e virginal! Oh! como se cumpre o que Jesus dizia a Sór Consolata e é para todas as almas (30 de novembro de 1935):

A virgindade da mente torna-te bela e imaculada, o acto de amor contínuo (torna-te) ardente como te quero!

Com estes ensinamentos, que acabamos de referir, sobre a virgindade de amor, ia Jesus preparando Sór Consolata para o **voto de amor virginal**. Recortamos do diário (6 de agosto de 1936):

«. Compreendi isto: Jesus tem sede de amor. Ora dessedentá-lo com água suja é ultraje que não pode suportar coração de esposa. Portanto, o meu acto de amor, que serve para matar a sede a Jesus, deve chegar a pureza tal que não consinta mistura alguma de pensamentos estranhos, embora bons: a nada, a nada absolutamente dar cabida, mas toda e

qualquer preocupação deixá-la ao cuidado de Jesus... Ele deu-me a entender que me tinha preparado, nestes dias, para o voto do acto incessante de amor virginal — que exclui todo o pensamento, embora bom, e toda a frase não estritamente pedida.

Compreendi ser desejo d'Ele que eu fizesse dito voto esta noite, e eu pronunciei-o dentro mesmo do Seu Coração. Perguntou-me que desejava eu em troca, e respondi-Lhe: — A fidelidade para observá-lo até à morte. — Fiquei entendendo que Ele assumia a responsabilidade de fazer-mo cumprir».

Como vê qualquer, trata-se de dois votos difíceis — mais difíceis mesmo que quaisquer outros — (5) e de perfeição altíssima.

Não é já só à continuidade do acto de amor, é à pureza virginal do mesmo que ela deve aplicar os seus esforços, sem amainar nunca no dom total de si mesma, em instante algum do dia. Eis a vítima de amor! «O que é Jesus para mim — escrevia Sór Consolata (1 de janeiro de 1936) — quero, eu também, sê-lo para Ele: cândida hóstiazinha na tríplice virgindade da mente, de língua, e de coração!»

E com efeito, ela o é e Jesus assim lho confirma (19 de julho de 1936):

Doravante és uma hóstia consagrada ao Amor pelo Amor Infinito!

INTENSIDADE DE AMOR NA INTENSIDADE DO ACTO DE AMOR.

E' este o terceiro requisito para a perfeição do amor: dar ao nosso amor a máxima intensidade possível: **Ama ao Senhor teu Deus com todas as tuas**

(5) Para simplificar as coisas o P. Espiritual reunia-lhe depois todos os precedentes votos neste único, que em si contém todos os outros: *o voto do acto incessante de amor virginal.*

forças (Marc. XII, 30). Se mesmo ao próximo o devemos amar como Jesus nos amou a nós, com maior razão a Ele O devemos amar como Ele nos amou.

A única medida no amor de Deus — diz S. Bernardo — é amá-lo sem medida. O querer amar a Jesus «como nunca ninguém O amou», que é de todos os Santos, deveria ser de todas as almas, ao menos no desejo e no esforço.

Quanto a Sór Consolata, seja dito que Jesus a amou com amor de predilecção intensíssimo, ao qual ela correspondeu também com amor intensíssimo.

Não cremos vir menos ao nosso propósito de objectividade nem ficar mal ao officio de fiel e simples compilador, se dissermos que não é tão fácil encontrar, na agiografia cristã, alma que, mais que Sór Consolata, tenha amado a Jesus com amor tão incessante, virginal e intenso. E isto prescindindo das graças extraordinárias e dons excelsos de que Jesus a cumulou. Limitamo-nos neste ponto a breves e poucas citações, das que têm mais estreita relação com o assunto que tratamos: o acto incessante de amor.

Dizia-lhe Jesus a 10 de novembro de 1936:

Consolata, não devemos já pensar só em evitar defeitos, mas o nosso esforço deve tender para amar a Jesus até à loucura. Quero ser amado por ti até à loucura.

Amar Jesus até à loucura! Pode uma alma chegar a tanto? Sim, com a graça de Deus, e esta precisamente prometia-a Jesus a Sór Consolata (11 de novembro de 1935):

Tem confiança, Consolata, Eu sou o Omnipotente e amo-te até à loucura, e também tu hás de amar-Me até à loucura, — Eu to prometo.

E qual o meio para chegar a tão alto e intenso amor? O acto incessante de amor. Um dia — 22 de julho de 1936 — Jesus fazia ouvir a Sór Consolata

o seu instante convite: **Ama-Me, Consolata, ama-Me muito!** E à pergunta dela: Como fazer para amá-LO muito, respondia: **Com o acto de amor incessante ama-se-Me tanto!** E ainda alguns dias depois (2 de agosto): **Com o acto incessante de amor chegarás a amar-Me até à loucura!**

Tudo está em dar a este acto contínuo de amor a máxima intensidade. Desta maneira instruía, com efeito, a SS^a Virgem a Sór Consolata, como depreendemos do diário (14 de julho de 1936):

«. Durante o recreio tinham dito: mais ama a Jesus quem mais sacrificios faz. Na meditação desta noite, ao pensar nestas palavras, veio-me tristeza, porque eu não faço grandes sacrificios por Jesus, e contudo o desejo de amá-LO até à loucura é tão intenso! Não seria eu, pois, uma grande ilusa?.

Levantei os olhos. Frente a mim erguia-se a estátua da Virgem SS^a, e, ao olhar para ela, um pensamento reconfortante penetrou em mim: Que tinha feito de grande Nossa Senhora durante os anos de vida mortal em Nazaré? E, contudo, criatura alguma a ultrapassará jamais no amor para com Deus. Enquanto pensava n'Ela, fazendo propósitos de imitá-LA, ouvi:

Na questão de amar a Jesus muito, tudo está em dar, ao teu acto incessante de amor, toda a intensidade de amor possível!

Que Sór Consolata amasse o mais intensamente possível através do acto incessante de amor, pode concluir-se do facto de o próprio Deus ter de intervir para refreá-la nos seus ímpetos amorosos. Com efeito, dizia-lhe o Eterno Pai (29 de novembro de 1935):

Mesmo no teu acto de amor, calma; porque se não procedes com calma, se fazes violência ao coração com os teus ímpetos, ele esvaído, não poderá já prosseguir no seu canto.

Não penses que seja menos ardente, se for mais

calmo; assegura-lhe a continuidade, entendeste? O amor de si é fogo; deixa-o consumir tranquilamente a minha hóstiazinha.

Ama com paz, deixa que o amor consuma suavemente, não com ímpeto, nem com veemência, a qual te prostra e impede depois alegrares-Me com o teu canto.

No mesmo sentido a exortava noutra ocasião Jesus. Estava ela a coser à máquina, e como, pela intenção, cada ponto devia ser um acto de amor, procurava fazer andar a máquina a toda a velocidade, para fazer mais actos de amor. Via-se, porém, obrigada a parar, porque a bainha, com a demasiada velocidade, saí-lhe aos zigue-zagues. Jesus então inspirou-lhe que procedesse com calma, e foi tomando pé daquele facto para aplicar ao acto de amor a lição que dele se desprendia:

Vês, Consolata! Assim sucede com o teu acto de amor. Se prossegues sempre amando-Me com calma, podes dar-Me este acto incessante; se, pelo contrário, queres forçar o teu coração a amar-Me impetuosamente, ver-te-ás constrangida a parar, sem forças para continuá-lo.

Seria mistér, aliás, reproduzir grande parte das suas cartas, bem como os apontamentos íntimos do diário, para dar ideia completa da ardente chama de amor, que se foi ateando gradualmente, no coração desta vítima generosa, por meio do acto incessante de amor. E o caso é que o seu pobre coração, demasiado pequeno para conter tão grande incêndio de amor, começou a padecer mesmo fisicamente. Só uma citação (4 de julho de 1936):

«Pude demorar-me um pouco, esta noite, diante do Santo Tabernáculo (o meu pobre coração começa a estar gasto e não pode já aguentar os desejos e impulsos de amor). Senti-me invadida pela necessidade infinita de amar a Jesus, — que até à loucura me

quer bem —, com amor, igualmente, de loucura. E senti que, a repetir a Jesus os desejos infinitos de amá-LO, havia, no meu, outro coração: o Coração Divino! Este podia abalançar-se, em impulsos de amor, até ao infinito, sem prostrar a natureza!»

AMOR DE ABANDONO E ACTO INCESSANTE DE AMOR

E' a mais alta expressão da vida de amor, e corolário lógico de quanto levamos dito até agora. De feito, para que o acto de amor seja tão incessante que não se perca voluntariamente um só durante o dia, e tão virginal que não se lhe misture, ou chegue a imiscuir-se nele, outro pensamento algum, é preciso que a alma faça subir tão alta a sua fé no Amor, que ela mesma fique à mercê do Amor como uma pluma leve à mercê do vento.

Por outras palavras: é preciso abandonar-se a alma tão perdidamente ao Amor, que renuncie não só a todo o pensamento de criaturas, mas também a todo o pensamento de si mesma. E' o esquecer-se, o morrer a si mesma: coisa difícil, pouco compreendida pela maioria das almas, mas nem por isso menos necessária, se se quer que Jesus possa agir livremente na alma.

Já a isto acenámos ao falar da vida de amor em geral, e lá dissemos também que o esquecer-se, e o abandonar-se a Deus, não significa haver a alma de descuidar a própria formação espiritual atardando-se em reprovável indiferentismo. Longe disso, deve ela evitar proceder a capricho, atrás dos gostos próprios, e procurar seguir, singela e dócilmente, a acção de Jesus em si.

A palavra de ordem de Jesus a todas as almas chamadas a alta perfeição pela via do amor, é sempre esta: «Deixa-Me actuar a Mim!»

Sim, deixar agir a Jesus. E porque não? Ninguém mais que Ele tem a peito a santificação da alma. Ninguém, fora d'Ele, a pode santificar. Ninguém como Ele lhe conhece as precisões reais. A Ele só estão patentes os desígnios divinos sobre ela. Sendo Onnipotente, pode tudo, e como é fidelíssimo, tudo cumpre... Por que razão, pois, não confiar n'Ele e deixar-Lhe campo livre, para Ele agir na alma como Senhor e Amo absoluto, em perfeito à-vontade? Porque não sacrificar-Lhe vistas próprias, pensamentos, aspirações, desejos, preocupações, e prestar-se só, confiadamente, momento a momento, à sua acção que é sempre e exclusivamente santificadora?

Era isto que Jesus queria de Sór Consolata (22 de setembro de 1935):

Olha, Consolata, a santidade é esquecimento de ti mesma em tudo: pensamentos, desejos, palavras... Deixa-Me actuar a Mim; Eu faço tudo e tu, momento a momento, dá-Me com grande amor o que te peço.

O amor de abandono vem a ser, portanto, na prática, **amor de docilidade**. Falando às turbas, recordava-lhes Jesus o que fora escrito pelos Profetas: **E eles serão por Deus ensinados (docibiles)** (Is. — LIV, 13 — Jo. VI, 45).

Jesus é este Mestre único de todas as almas (6): Mestre que possui a ciência da santidade em grau infinito e quer e pode comunicá-la à alma, contanto que ela se preste a ser ensinada e corresponda, com presteza de execução, a cada exigência divina, a cada querer divino manifestado seja como for.

A propósito, dizia Ele a Sór Consolata (24 de setembro de 1935):

Consolata, Eu tenho sobre ti todos os direitos,

(6) Não consintais que vos chamem Mestre, porque um só é o vosso Mestre. — Cristo. (Mat. XXIII, 8).

e tu só tens um — o de obedecer-Me. Tenho necessidade duma vontade dócil que Me deixe agir, que se preste a tudo, que confie em Mim, e Me sirva sempre, em qualquer situação, com paz e alegria.

Jesus é Deus e o que faz, faze-o como Deus, isto é, divinamente bem, e, portanto, sempre para maior proveito da alma, embora nem sempre a alma descubra este trabalho divino em si e nos seus resultados (18 de novembro de 1935):

Deixa-Me actuar a Mim e verás que faço tudo bem e tudo Eu, e a minha hóstiazinha tornar-se-á fecunda em amor e almas.

Mas é o amor e só o amor que pode levar a alma a este abandono total e confiante. Pois, como poderia a alma renunciar a todo o pensamento, desejo, preocupação pessoal. se não confiasse no Amor, se não deixasse que pensamentos, desejos, preocupações, fosse tudo absorvido pelo Amor? Se Jesus está pronto para fazer Ele tudo na alma, é precisamente para que ela se empregue em amá-LO. Disto dava Ele mesmo confirmação a Sór Consolata (8 de novembro de 1935):

Numa alma gosto de agir Eu. — Que queres tu? — gosto de fazer Eu tudo, e a esta alma só peço o amar-Me.

O erro em que muitas almas cáem, é pensarem ser elas a santificar-se: por isso querem agir elas, em lugar de deixarem actuar a Jesus. Elas é que hão de escolher o caminho, determinar o modo, os meios, etc., numa palavra: querem elas ensinar ao Divino Mestre. E daí resulta, quando muito, uma santidade norteadada e guiada por ideias e miras pessoais, a qual, por não ser a santidade de Jesus — Aquele que só é Santo —, não é santidade.

O Santificador é Ele, e a alma será por Ele tanto mais veloz e acabadamente santificada, quanto mais plenamente conseguir eliminar, no caminho da

santidade, o estorvo de si mesma; quanto mais dócil se mostrar aos toques do Mestre Divino, que é a característica dos dons do Espírito Santo. Será agora fácil compreender distinta e claramente — e não apenas a meias — o que Jesus dizia a Sór Consolata (22 de agosto de 1934):

Não penses mais em ti mesma, na tua perfeição, na santidade que hás de alcançar, nos teus defeitos, nas tuas misérias presentes e futuras, não. Penso Eu na tua santificação e na tua santidade. Tu pensa apenas mais em Mim e nas almas: em Mim para amar-Me e nas almas para salvá-las.

E' precisamente o que ela fazia, por meio do acto incessante de amor virginal: amor e almas, nada mais.

O acto incessante de amor é, pois, — além de meio efficacíssimo para conseguir a perfeição do amor quanto à continuidade, virgindade e intensidade — meio soberano para chegar ao perfeito amor de abandono. Ao caso, dizia Jesus a Sór Consolata (15 de outubro de 1935):

Deixa-Me actuar a Mim, deixa que exista Eu só; de teu não fique senão o acto contínuo de amor e extrema docilidade em fazer, com simplicidade e sempre, o que Eu quero directamente, ou indirectamente através das Superiores e Irmãs.

E como a alma, para dar a Jesus o acto de amor incessante e virginal, renuncia a si mesma, e até ainda a um pensamento, Jesus, pelo seu lado, assume todo o cuidado da alma, — cuidado tão amoroso como nunca mãe alguma terrena o pode ter com o seu menino que se abandona em acto de amor no seu colo (21 de maio de 1936):

Segue-Me com o acto incessante de amor dia por dia, hora a hora, minuto a minuto; a tudo o mais atenderei Eu, proverei Eu.

Sór Consolata era de uma actividade maravilho-

sa. A sua santa ambição era chegar ao termo de cada dia, depois de ter-se prodigado toda a todas. E não lhe faltava trabalho: secretária, cozinheira, porteira, remendona de calçado, e sempre pronta para todo o pedido de serviço. Tendo tão variadas e numerosas ocupações, sucedia-lhe ser assaltada por certa preocupação de não chegar para as encomendas todas. E Jesus, numa dessas ocasiões, advertiu-a (8 de setembro de 1936):

Faze calar qualquer voz, excepto «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS», na certeza de que Eu atendo e provejo a tudo, inclusivamente a fazer com que encontres tempo para remendar as sandálias.

Olha: é o demónio que procura esmagar-te com trabalho, que procura lançar-te na angústia com os variados e numerosos pedidos de trabalho ao mesmo tempo. Não, tomo Eu tudo a meu cuidado, mesmo o fazer-te encontrar o tempo necessário para tudo.

Nos últimos anos, pressentia que a morte se avizinhava, e é natural que, embora contra sua vontade, o pensamento se lhe detivesse a futurar sobre as circunstâncias que porventura a acompanhariam. E ouviu de Jesus (21 de março de 1942):

Vive a vida de perfeito abandono em Deus. Quando à tua morte: dia, hora, minuto, nisso pensa e para ela te prepara Jesus, a SS^a Virgem e S. José. Tu preocupa-te só de amar-Me e de salvar-Me almas.

Que Sór Consolata, por meio do acto incessante de amor virginal, tenha chegado a alto grau na virtude do abandono ao AMOR, sabêmo-lo pelas próprias palavras de Jesus já citadas (8 de outubro de 1935):

Consolata, tenho em ti prazer e consolação porque posso fazer tudo o que quero e porque faço Eu tudo.

Podemos, porém, sabê-lo também dela mesma. Copiaremos aqui alguns pensamentos e propósitos seus que, ao mesmo tempo que confirmam e ilustram ainda mais este ponto importante, põem em relevo a docilidade interior desta alma à acção da graça.

«Esquecer-me, e portanto, nunca pensar nem preocupar-me comigo mesma, e nunca pretender que outros pensem. Oh! Jesus. pensa Ele!

«Morrer e não existir já. Ora, o pensar em mim, o ter um desejo, mesmo bom, uma preocupação, o falar de mim (embora de coisas indiferentes) não é morrer, é conservar a vida para mim mesma; e tudo isto não é confiar em Jesus, é proceder como se Ele não atendesse e não provesse às coisas da Consolata até aos mínimos pormenores».

«Lembrar-me que sou, por misericordiosa eleição divina, vítima de amor. Óra a vítima é um ser separado. Efectivamente Jesus imolou tudo e deixou-me a sua ferida do Lado e o acto incessante de amor, nada mais. A vítima deve estar morta para tudo e para si mesma, e ter uma única ocupação e preocupação: só e sempre amar. Para tudo o mais, aniquilamento e indiferença.

«Jesus, concede-me que viva esta vida de verdadeira vítima de amor, que ame este estado e seja generosa para não tornar a tirar-Te nada: nem um pensamento, nem uma palavra, nem um acto de amor virginal. Jesus, confio em Ti!»

«Na luz divina entrevi que Jesus tinha ânsias de que eu levasse a minha confiança até ao extremo; em suma, queria que lhe abandonasse perdidamente a minha alma, para não pensar eu mais nela. Será possível que um Deus não haja de bastar à Consolata? E que a Consolata não confie em um Deus até abandonar-Lhe perdidamente a própria al-

ma, sem jamais tornar a ela com um pensamento, uma preocupação? . . .»

«Sim, deixá-LO a Ele agir e viver em mim, sem um só pensamento quanto a tempo e a tudo. Nada, nada. Só e sempre cantar que O amo: como se não existisse mais, e, em vez da Consolata, existisse apenas este acto incessante de amor!»

No dia da Festa do Coração de Jesus de 1937, por expressa Vontade de Deus e com o consentimento do P. Espiritual, Sór Consolata ligava-se com voto a esta vida de completo e perfeito abandono.

A fórmula deste voto foi a seguinte:

«Coração de Jesus, por meio do terno Coração da nossa Mãe Divina, faço-Te voto de total abandono a Ti, à tua Vontade, certa de que Tu cuidarás de tudo até aos mínimos pormenores; e prometo-Te, no total aniquilamento de mim mesma (pensamentos, desejos, etc.), atender unicamente a dar-Te o acto incessante de amor virginal, ver-Te e tratar-Te em todas e ter sempre um «sim» para tudo. Jesus, confio em Ti!»

A heróica fidelidade a este voto proporcionou-lhe profunda e inalterável paz de espírito, embora em meio de luta sem trégua.

«Não posso já expressar-me com Jesus — escrevia ela mais tarde — senão pedindo-Lhe se cumpra a sua Santa Vontade. Sinto-me tão indiferente, tão estranha a tudo, que ousou comparar-me a uma criancinha adormecida sobre o Coração Divino. Oh! desde o dia em que me abandonei a Ele, pedindo-lhe quisesse ocupar-se da Consolata toda inteira, gozo duma paz invejável e experimento uma alegria constante.»

«Jesus pensa em tudo, tudo. De modo que não posso já ter sequer um desejo. No presente, a vida de abandono tira-me até a pena causada pelo desân-

mo que me assalta ao ver que não dou nada a Deus, o que se chama nada!»

Em realidade, com o seu acto de amor incessante e virginal, com o «sim» a todos e a tudo, ela dava-Lhe tudo.

Neste perfeito abandono ao Amor, neste anelo incessante pela salvação de todas as almas, Sór Consolata viveu, agiu e morreu.

Já no leito de morte, enquanto o corpo padecia dores e o espírito gemia nas angústias de trevas densas, a vítima generosa não interrompeu nunca, nem ainda então, o seu canto de amor virginal, até que, com o último alento, o seu «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» penetrou e se perpetuou no Céu, em cumprimento do que lhe prometera Jesus (7 de novembro de 1935):

Não. O teu canto de amor não se apagará com a tua morte, mas eternizar-se-á no Céu!



O acto incessante de amor na vida espiritual de Sór Consolata

ACTO DE AMOR E ORAÇÕES VOCAIS

Qual o papel do amor na vida da alma, ficou já dito. Aqui tratamos *ex professo* do acto incessante de amor.

Vamos limitar-nos a poucas e breves considerações à volta de determinados pontos da vida espiritual.

E antes de mais: que dizer do acto incessante de amor em relação com as muitas e variadas orações vocais?

Sór Consolata era alma de oração. Ela própria, nos seus escritos, diz, e torna a dizer de continuo, da necessidade imensa da sua alma de mergulhar, ou antes, de viver mergulhada na oração. A vida dela é exemplo prático de como a alma pode cumprir em toda a extensão o preceito evangélico: **Há que orar sempre, sem nunca desfalecer** (Luc. XVIII, 1). Como, aliás, a sua santidade é prova concreta da onnipotência da oração humilde, confiada e constante. As primeiras sexta-feiras do mês, por exemplo, — em que lhe era concedido passar até oito horas em adoração diante de Jesus Sacramentado solenemente exposto — eram para ela os grandes dias de festa, e vestia-se mesmo de festa. De resto, não tinha sido

o próprio Jesus que lhe dissera (31 de março de 1934): **A oração será a tua fortaleza?**

Era, portanto, afeçoatíssima às práticas de piedade em comum, e isto também por causa da regularidade, observância e bom exemplo. Tinha compreendido muito bem, e gravara-se-lhe fundamente no coração, a advertência que Jesus um dia lhe tinha feito:

Tudo o que te distrai das práticas de piedade — da Santa Missa, da Comunhão, Ofício Divino, meditação — não é bom, não vem de Mim.

Todavia, fora das de comunidade e da Via-Sacra (que ela fazia todas as manhãs chegando entre as primeiras ao Coro, e às vezes também à noite, na cela), não usava outras ou quase. A oração vocal era para o seu espírito quase tormento. A sua alma tinha apenas necessidade de uma coisa: — de amar. E no acto incessante de amor, encontrava ela tudo o que se contém em outras fórmulas de oração. Já o próprio Jesus no Evangelho adverte:

Quando orardes, não sejais prolixos em palavras, como fazem os pagãos, pensando que serão ouvidos se multiplicarem as palavras (Mat. VI, 7).

E Sór Consolata escrevia ao P. Espiritual:

A frase evangélica **Quem come a minha carne permanece em Mim. viverá por Mim** (1) dá-me alegria sem limites, na suave realidade de que eu, com o meu acto de amor, vivo e palpito no Coração Divino e ali viverei eternamente.

«Sinto que vivo n'Ele e que este acto de amor me fixa perenemente n'Ele, pairando acima de tudo o resto: acima de mim mesma e de quanto me rodeia. Mas a alegria que me advém desta intimidade, é-me frequentes vezes disputada pelas orações vocais. Durante elas, a minha pobre alminha vê-se crivada de distrações... Como vê, Padre, o amor tem simplifi-

(1) Jo. VI, 57 e 58.

cado tudo e a alma, embora activíssima (2) no acto incessante de amor, goza dum repouso absoluto».

A experiência pessoal de Sór Consolata é a de todas as almas chegadas a alto grau de amor unitivo. Não é, pois, de admirar fizesse o seguinte propósito:

«Não, não devo interromper o acto de amor para formular orações; Jesus bem sabe já as minhas intenções todas».

Errava ou estava na verdade? Os ensinamentos divinos vêm dizer-nos que seguia o caminho justo.

Um dia (6 de outubro de 1935), talvez com medo de que a aludida incapacidade de formular orações fosse causada pela acídia ou por outra coisa semelhante, lamentava-se junto de Jesus: «Jesus, não sei orar!» E Jesus tranquilizando-a:

Dize-Me lá: que oração mais bela queres tu rezar-Me? JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS: amor e almas! Que queres de mais belo?

Por outra vez a Madre Abadessa, sabedora do excessivo prodigar-se de Sór Consolata no trabalho, com dano da saúde, julgou oportuno dispensá-la de algumas incumbências, dizendo-lhe que assim poderia rezar mais. A boa Religiosa querendo obedecer e, por outro lado, sentindo-se incapaz de rezar mais, no sentido de fazer mais oração vocal, foi aos pés do Divino Mestre dizer: «Jesus, ensina-me a rezar!» E eis a resposta divina (17 de novembro de 1935):

Não sabes rezar? . . . E que oração mais bela e a Mim mais aceite que o acto de amor?

Sabes o que faz Jesus no Tabernáculo? Ama o Eterno Pai e as almas, eis tudo. Não ruído de palavras, nada: silêncio e amor.

E tu fazes o mesmo. Não, querida, não acres-

(2) “A alma só vive real e plenamente a sua vida, quando cumpre as intenções divinas a seu respeito” (*Santo Tomás*, I, 16, 4 e 3).

centes mais orações, não, não, não! Olha para o Tabernáculo, e ama assim.

Referindo-se outrossim às orações vocais, além das da Regra, dizia-lhe ainda Jesus (12 de dezembro de 1935):

Prefiro um acto teu de amor a todas as tuas rezas!

Além disso explicava-lhe — e isto é importante e de grande conforto para quantos hão de seguir Sór Consolata na mesma via — que a invocação em favor das almas, contida na fórmula do acto incessante de amor, estende-se a todas as almas (20 de junho de 1940):

JESUS, MARIA, AMO-VOS; SALVAI ALMAS, compreende tudo: as almas do Purgatório, como as da Igreja militante; a alma inocente e a manchada pela culpa; moribundos, ateus, etc. (3).

ACTO DE AMOR E MEDITAÇÃO

À meditação ou oração mental, entendida como exercício de comunidade, Sór Consolata foi sempre fidelíssima. Mas meditar segundo um método fixo, isso não conseguia, como, aliás, não conseguem outras almas a quem Deus leva mais para a oração de simplicidade.

«As crias das abelhas chamam-se ninfas enquanto não produzem mel — escreve S. Francisco de Sales — e deste momento em diante é que se dizem abelhas. Igualmente, a oração chama-se meditação, enquanto não produz o mel da devoção, e depois disso converte-se em contemplação. A ânsia de al-

(3) Repetimos que o acto incessante de amor não prejudica em nada as orações de regra e as particulares que a alma se sinta inclinada a fazer. A alma não deve antecipar-se à graça, deve seguir a graça. A graça é que há de sugerir às almas a oportunidade de substituir esta ou aquela oração livre pelo acto incessante de amor.

cançar o amor faz-nos meditar, e, uma vez alcançado, o amor faz-nos contemplar» (4).

Ora Sór Consolata tinha chegado precisamente a esta união afectuosa e incessante com Deus, e compreende-se como tudo o que os livros possam dizer a deixasse as mais das vezes indiferente, e até fosse para ela, aqui e além, mais de estorvo que de ajuda.

Ela mesma o atesta:

«. . . O sarmento por si só não dá fruto; unido à vide, sim. Ora, esta união com a vide (Jesus), favorece-me o acto incessante de amor. Jesus já não pede agora de mim prolongadas meditações, leituras, etc., seria para a minha alma perda de tempo. O importante para a minha alma é frutificar muito, e daí amar muito, amar incessantemente».

Nem outra coisa lhe ensinava Jesus. Um dia perguntou-lhe ela o motivo de não conseguir fazer meditação, ou seja, a causa de não encontrar luz, alimento, calor nos belos livros que ouvia ler.

E Jesus explicou-lhe «que nem a todos os organismos fazia bem a mesma comida, que um estômago delicado não poderia digerir bem os alimentos comuns que outro robusto facilmente digere e assimila; a ela tinha Ele assinalado o Evangelho». Na verdade, um é o alimento espiritual de que precisam as almas incipientes, outro o das almas proficientes, e outro, finalmente, o das almas que chegaram já à vida unitiva.

Um dia, na meditação, esforçava-se por concentrar o pensamento nos pontos ouvidos, mas não conseguia. E Jesus deu-lhe a entender: **Não preciso que tu penses, preciso que tu ames.**

Idêntico aviso lhe dava N. Senhora, durante a meditação, num dia da novena da Imaculada (1935):

(4) *Teotimo*, lib. VI, c. 3.

Não precisas de meditar-Me, — já Me conheces. Ama-Me sòmente. ,

Depois duma meditação sobre o fim do homem, Sór Consolata dava tratos ao espírito à procura de como e em que sentido orientar as intenções da sua vida. E acudiu Jesus (setembro de 1935):

És muito pequena para estar a deitar conta às intenções da tua vida, essas contas deito-as Eu, e tu ama-Me continuamente e não interrompas o acto de amor.

Noutra ocasião ainda, e sempre para tranquilizá-la neste ponto de não poder ela meditar, dizia-lhe Jesus (3 de abril de 1936):

Já não é hora de meditar ou de ler, é hora de amar-Me, de ver-Me, de tratar-Me em todas e de sofrer com alegria e com gratidão.

E fosse qual fosse o assunto da meditação, a voz ou a luz divina solicitavam sempre o seu espírito para o exercício do acto incessante de amor.

Um dia (10 de outubro de 1935), não tendo podido ouvir os pontos da meditação, procurou suprir com o Evangelho. Abriu e leu:

Preparai o caminho do Senhor. Todo o vale será cheio, e todo o monte e colina será arrasado, e os caminhos tortuosos hão de endireitar-se, e os escabrosos tornar-se-ão planos (Luc. III, 4-6). Tinha a meditação preparada e feita. — os pontos não podiam ser melhores. Mesmo porque Jesus imediatamente lhe deu a entender:

O acto de amor numa alma faz tudo isto: preenche todas as lacunas e abate toda a soberba.

Aconteceu o mesmo doutra vez (25 de julho de 1936) que os pontos da meditação eram àcerca das palavras do Evangelho: **Vigiai e orai (Mat. XXVI, 41). Jesus disse-lhe:**

Não tenhas medo, estou Eu em ti de vela, oro em ti; tu ama-Me só.

Como se vê, tudo devia levá-la, e tudo a conduzia lá de facto, ao acto incessante de amor. Depois de uma meditação sobre a parábola do filho pródigo, anotava no diário:

«Sim, Jesus deu-me a veste mais bela: o amor. Meteu-me no dedo o anel da fidelidade e calçou-me com as sandálias da confiança. E, a troco disso, o Deus Bom não me pede senão o acto incessante de amor». E depois de uma meditação sobre as palavras de Jesus a S. Pedro: **De maneira que não pudeste velar uma hora coMigo?** (Marc. XIV, 37): «Lembrar esta frase divina, pelo dia adiante, para dar a Jesus horas inteiras de amor». E ainda (20 de agosto de 1936): «Na meditação compreendi que o meu acto de amor é semelhante ao tesoiro escondido no campo, e à pérola descrita na parábola evangélica, e para possuir este tesoiro devo vender tudo. Que me restava ainda por vender? Algumas frases que me escapam no recreio. Propus-me querer ser fiel; quis e mantive o propósito, e encontrei-me, depois da vitória, mais forte no exercício da virtude».

Mas não é que Sór Consolata descuidasse ou não desse a devida importância à meditação, longe disso: só que para ela a meditação, mais que exercício discursivo da mente, era tranquilo repouso do coração no amor: amar, amar incessantemente, removendo todos os obstáculos que se opõem à perfeita continuidade e virgindade de amor.

Queremos crer que tudo isto poderá servir de conforto e de utilidade para as almas: para aquelas que, já àvante na via unitiva, experimentam a mesma dificuldade na multiplicidade das orações vocais e na meditação enquadrada rigidamente dentro dos moldes do método; e finalmente, para todas as almas indistintamente, nos dias em que o espírito, por ari-

dez ou por outro qualquer motivo, não puder fixar-se num tema de reflexão. Que fazer? Espremer o cérebro para ver se dele escorre ao menos um bom pensamento? Seria tempo perdido. Deixar que a mente divague? Não. Mas então? A alma pode sempre amar e todo acto de amor, embora feito a poder de esforço da vontade, tem sempre grande valor de mérito e de santificação (5).

ACTO DE AMOR E LEITURAS ESPIRITUAIS

O que se diz da meditação, pode dizer-se das leituras espirituais em geral, sem, de resto, esquecer que são de grandíssima utilidade para a maior parte das almas.

Fora da leitura de Regra, a qual nunca omitia, Sór Consolata não fazia outras. De ordinário, não sentia necessidade de pedir luz aos livros. Referindo-se aos primeiros anos de vida capuchinha, escreve:

«Nunca li livros ascéticos e não leio livros. Todos os livros que tenho à minha disposição — além das Regras, Constituições e Directório — reduzem-se à **Imitação de Cristo** e ao **Santo Evangelho**. Para a leitura espiritual uso a **História duma Alma** e há-de me servir. para toda a vida!»

Não lhe serviu para toda a vida porque Jesus mandou-lhe depois deixar esse também.

A parte o facto de que Jesus a instruíra directamente, tornaremos a dizer o que já dissemos da meditação: não é finalidade desses livros levar a alma ao amor de Deus e do próximo, e ao espírito de sacrificio? Ora a vida espiritual de Sór Consolata era já praticamente acto de incessante de amor, «sim» a todos, «sim» a tudo. Que coisa de melhor lhe podiam ensinar os livros?

(5) S. Tomás ensina também que a continuidade de amor supre a fraqueza da nossa contemplação" (II-II, 180, 8 ad 1).

«Um livro, — escreve ela — uma página, por bela e santa que seja, faz-me truncar o acto de amor. E Jesus o meu amor quere-o total e ininterrupto.

Mesmo quando a voz divina se calou na sua alma, não mudou de orientação. Uma Irmã emprestara-lhe um livro intitulado: **A sós com Jesus!** Sór Consolata conservou-o em seu poder durante alguns meses, depois devolveu-lho às escondidas para não ter de lhe confessar que não o tinha lido. Eis o motivo que aduz:

«... Um dia, em horas de treva, fui procurar luz no livro **A sós com Jesus!** e o resultado foi que me ví imediatamente envolvida em dúvidas, sem já entender nada. O que me valeu foi o P. Espiritual que, escrevendo-me e depois oralmente, pôs outra vez a barca a singrar. Serviu-me a lição; renuncio ao único livro que me restava, e será o Santo Evangelho, doravante, o único pasto espiritual da Consolata, para todo o resto da vida» (6).

O Santo Evangelho! Este livro não o largou nunca. Nas horas escuras do espírito, recorria a ele e encontrava sempre a luz que precisava.

O Santo Evangelho, — escreve — Jesus faz-me entender óptimamente. Abrindo-o ao acaso, acontece-me com frequência caírem-me os olhos em cima

(6) “Antes de começar os SS. Exercícios (1936) tinha notado na Biblioteca a Vida de S. Gerardo Majella. O desejo de conhecer este Santo, que fez de cada ponto de agulha um acto de amor, levou-me a tomá-lo com o propósito de pedir licença de lê-lo durante aqueles santos dias como leitura espiritual. Mas antes de estar com a Madre, Jesus fez-se sentir com a sua inspiração à minha alma. Porque não ler antes o “seu” livro, o Santo Evangelho? Nas Vidas dos Santos para encontrar palavras de vida eterna é preciso ler capítulos, mas no seu Livro Divino cada palavra seria para mim alimento de vida eterna. Fiz meu o desejo divino e a leitura espiritual fi-la pelo Santo Evangelho e cada frase foi para mim luz e alimento.” (*Do diário*).

das palavras de Santa Isabel: **Bemaventurada tu que creste!** Oh! também a Consolata quer crer, — e tanto — no Deus Bom!»

Sim, crer no Deus Bom dando-Lhe um acto incessante de amor virginal: o Evangelho e Jesus assim-lho faziam entender. «Encontrei no Evangelho tanta luz! — Se alguém ficar em Mim e Eu nele, esse dará muito fruto (7). O meu grande desejo de ser frutuosa está, pois, satisfeito. E não só, mas permanecendo em Jesus com o acto incessante de amor, serão também ouvidas as minhas preces, visto ser palavra evangélica: **Se permanecerdes em Mim, e em vós permanecerem as minhas palavras, pedireis o que quiserdes e ser-vos-á concedido** (8). Meu Deus, ultrapassaste as minhas expectativas! Só me resta observar fielmente os teus mandamentos, para ter a certeza de perseverar no teu amor. E para obter isso: «**JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS**»!

E ainda: «Ecoa em meu espírito aquela palavra de Maria nas bodas de Caná: **Fazei tudo o que Ele vos disser** (9). E como o P. Espiritual me disse para não roubar a Jesus nem um só acto de amor, isso procuro fazer. Está nisto encerrada, d'oravante, toda a minha vida; — a qual, com esta prática, se tornou duma simplicidade maravilhosa. Não mais, nada; não mais, ninguém. Livre o vôo da virgindade de amor» (10).

(7) Jo. XV, 5. (8) Jo. XV, 7. (9) Jo. II, 5.

(10) Eis alguns outros exemplos desta luz e deste alimento espiritual, que ela encontrava no Santo Evangelho, próprio para a sua alma: "Uma frase do Evangelho deu-me tanta confiança! Foi esta: *Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra* (Mat. XXVIII, 18). Ó Jesus meu, disse, usa com a minha alma deste poder, estabelece-me no acto incessante de amor, para não perder um só. Tu podes!" — "*Quem não está coMigo está contra Mim, e quem não junta coMigo, dissipa* (Luc. XI, 23). Quando não estou com Jesus por meio do acto contínuo de amor, estou contra Ele, dissipo". "*Quem quizer vir após Mim,*

Falámos mais em particular do Santo Evangelho, mas era toda a Sagrada Escritura que ela amava e saboreava.

«Sou o que há de mais ignorante, — escreve — e contudo no Ofício Divino recebo com frequência tantas luzes acerca das palavras que profiro, a ponto de as compreender e saborear melhor do que se estivessem escritas em vernáculo».

Também neste ponto se poderiam multiplicar as citações, mas limitâmo-nos a uma só:

«. . . Se actualmente Jesus emudeceu, o Pai que está no Céu não se descuida de prover directamente ao cibato da sua pobre avezinha, e trata-a abundantemente e com trigo escolhido, fazendo-mo encontrar, melhor dando-mo Ele mesmo através da Sagrada Escritura. E nas Matinas, esta noite, fiquei impressionada quando, logo nas primeiras lições, se me depa-rou o «**Quis ergo nos separabit a caritate Dei?**» (11). Não, com o apóstolo repito feliz que criatura alguma poderá doravante separar-me do meu incessante acto de amor».

tome a sua cruz e siga-Me (Mat. XVI, 24). Se não levo a cruz do acto incessante de amor, não vou atrás de Jesus e por isso não posso segui-Lo ao Calvário". — E' supérfluo fazer notar que todas estas interpretações de textos evangélicos não têm valor exegético: simplesmente ela acomodava-os às necessidades do seu espírito.

(11) Quem, pois, nos separará do amor de Cristo? (*Rom.* VIII, 35).

(12) O que se diz da leitura espiritual propriamente dita, aplica-se igualmente à leitura do refectório. Um dia que no refectório se lia a Vida de *Maggy*, impressionou-lhe o espírito esta frase: "Procura uma obra que te absorva completamente". Citando estas palavras no seu caderninho particular, comentava-as assim: "O que deve absorver-me totalmente é um contínuo JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS". E ainda: "Ontem (8 de maio de 1936) a leitura do refectório dizia que o Senhor se compraz nas vítimas completas e perfeitas, e esta manhã a luz divina ilustrou-me, fazendo-me ver que, se a um pêssego magni-

ACTO DE AMOR E EXAME PARTICULAR

Meio indispensável para manter e acrescentar o fervor de espírito é o exame particular da consciência. Dele escrevia Sór Consolata:

«... Tenho de convencer-me duma vez para sempre, que fazer o exame particular sobre outros pontos que não sejam o acto incessante de amor virginal, é para a minha alma perda de tempo e de energias, é desviar-me da estrada que Deus quer que eu percorra. O meu exame particular tem que ser só, e sempre, sobre o incessante acto de amor, na virgindade da mente. Entendi ser melhor empregar todas as energias nisto, e não dispersá-las em tantos propósitos. E, além disso, Jesus jurou-me que, se eu for fiel ao acto incessante de amor, cumprirei todos os meus propósitos».

Como se vê, tinha simplificado, também neste aspecto, a sua vida espiritual. Isto não quer dizer que Sór Consolata não tivesse o apreço conveniente da utilidade do exame particular. Longe disso, ele ocupou na sua vida espiritual lugar de importância primacial. Não o limitava apenas aos minutos determinados pelo horário, mas em certo sentido prolongava-o por todo o dia adiante. Como Jesus lhe tinha ensinado a renovar, a cada hora do dia, o propósito do acto incessante de amor virginal, ela ajuntava rápido exame sobre a hora passada.

Para esse fim, apontava, em caderninhos adrede preparados, que trazia sempre consigo, as eventuais infidelidades: tanto na continuidade como na virgindade do amor; e assim, à noite, no exame de con-

fico lhe corto uma partezinha, já o não posso apresentar numa mesa real. Assim também, se à minha alma tiro qualquer acto de amor com algum pensamento ou palavra, a vítima não ficará já completa nem perfeita, e portanto já se não pode apresentar na mesa do Rei Divino”.

junto de todo o dia, tinha claro e exacto diante de si o estado da sua alma. Pedia perdão, reparava as infidelidades com cruces feitas com a língua na terra, ou com beijos no Crucifixo, e retomava calma e confiante o seu canto de amor.

Não dizemos que tal método convenha a todas as almas e nem talvez à maioria. Mas para Sór Consolata, sedenta de correspondência à graça, era uma necessidade. O exercício do acto incessante de amor virginal requer, efectivamente, da alma, extrema vigilância sobre si mesma. E ela não é possível sem este **controle**, sem este renovar-se constante no fervor com a maior frequência que ser possa.

Por outro lado, o exame particular feito e prosseguido com constância sobre o mesmo ponto, facilitava-lhe aquela prática; e entretanto as divinas promessas — a que já nos referimos — acerca do acto incessante de amor, davam-lhe a certeza de obter, por meio dele, tudo o mais, ou seja, a perfeição de todas as virtudes.

O ACTO DE AMOR E O RETIRO ESPIRITUAL

Os dias de retiro mensal foram sempre para Sór Consolata, dias — chamemos-lhes assim — de reabastecimento espiritual. Fazia-os, por isso, com esculpida fidelidade e summa diligência. Como nas capuchinhas há liberdade para escolher, cada qual por sua conta, o dia que mais lhe convier, ela tinha escolhido a primeira sexta-feira do mês.

Começava a preparar-se de véspera, à noite, na Hora Santa que fazia no Coro das onze à meia-noite. O que escreve: «Nos dias de retiro mensal Jesus alimentava a minha alma, e ensinava-a, com um pensamento que Ele me esculpia no coração», refere-se precisamente a esta Hora que ela passava aos pés do Divino Mestre. Cita também alguns destes pensamentos, por exemplo: **Não vim para ser servido, mas**

para servir (13), ou então: **Jesus aniquilou-se a si mesmo, tomou a forma de servo (14)**. «Quanta luz e propósitos nestas frases!» escreve.

Mas, também aqui, luz e propósitos estavam sempre em relação com a sua particular vocação de amor, isto é, com o acto incessante de amor. No fim do retiro mensal ou no domingo seguinte, — conforme a ordem recebida do P. Espiritual e aprovada por Jesus — enviava ela àquele relação pormenorizada àcerca do estado da sua alma. O leitor poderá fazer ideia desses relatórios pelo seguinte, que é da primeira sexta-feira de setembro de 1942, a quatro anos de distância da morte de Sór Consolata, quando já a sua saúde estava muito abalada.

Reproduzimo-lo só em parte:

«... Aqui me tem, esta noite, a depôr a minha pobre alma aos seus pés e a receber em espírito a absolvição e a bênção paternal para tomar alento para prosseguir **usque ad finem!**

«A sua última foi o meu alimento quotidiano de todo o mês. Obrigada, de coração. Agosto foi, parece-me, mais intenso de amor, embora deva ainda confessar duas horas de perca (15). O esforço incessante por viver o momento presente, ao mesmo passo que me ajuda a fixar a atenção sobre o acto incessante de amor, mantém o meu espírito em paz, libertando-o de toda a preocupação pelo dia de amanhã ou pela acção seguinte. Por duas vezes me demorei em pensamentos inúteis (**num mês!**); cinco vezes em frases inúteis; duas vezes não sofri com alegria. A caridade parece-me bem. Se me escapa o

(13) Cfr. Mat. XX, 28. (14) Cfr. Filipens. II, 7.

(15) O dia de amor incessante, de Sór Consolata, era de 17 horas. Ter perdido duas horas num mês, não é muito e convém ainda notar que estes vazios não eram voluntários, mas causados as mais das vezes por circunstâncias externas de trabalho, etc.

sentimento, etc., peço imediatamente desculpa, sem repreender alguém, uma frase de um pouco de res-olhar a nada, contanto que reine a paz sempre em quem está à minha volta no emprego e em todos os corações.

«Na cozinha continua a luta do aniquilamento, mas agora tudo fica entre Jesus e Consolata: «para dizer-Te que Te amo!» Quanto à Comunidade, esforço-me por pensar que estou já morta, e assim tudo se torna para mim indiferente e fico em paz. Jesus, porém, ajuda-me.

«Nestes dias tenho tanta necessidade de rezar para manter-me lá nas alturas; sinto-me cansada... Obtenha-me um pouco de generosidade que me ajude a vencer a natureza egoísta e a abalançar-me generosamente na via do sacrifício quotidiano. . .».

O ACTO DE AMOR NOS DIVERSOS ESTADOS DE ESPIRITO

Do até agora dito fica bem claro que no acto incessante de amor consistiu verdadeiramente toda a vida de Sór Consolata, como toda a sua vida foi um acto de amor incessante. E foi assim porque ela, seguindo as lições divinas, teve fé no acto de amor e no valor dele.

Primeiro no valor intrínseco: «Não posso comungar continuamente, consoante a necessidade que sinto, mas compreendi praticamente que um acto de amor traz Jesus à alma, ou seja, aumenta-lhe a graça e é como uma Comunhão».

Depois no seu valor para o fim da própria vocação e da própria missão: «A Vontade de Deus, a minha vocação, a prática da santidade é um contínuo «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS». Todo, todo o esforço, energias e actividades da alma empenhadas em não interromper o acto de amor;

nada mais, isto só: porque este é o meu caminho, o caminho que Jesus me assinalou».

A seguir, no seu valor para eliminar na vida espiritual o *turbaris erga plurima* (Luc. X, 41) de tantas pobres Martas. «Espiritualmente Jesus pede-me silêncio absoluto de pensamentos e palavras, e ao coração um incessante «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS». Quanto mais fiel sou a este caminhozinho de amor, mais inundada de alegria e paz verdadeira se sente a minha alma, a tal ponto que nada consegue perturbá-la, nem sequer as contínuas quedas, as quais eu apresento a Jesus e Ele faz-me repará-las com actos de humildade, que, a seu turno, aumentam a paz e alegria do coração».

E ainda no seu valor de vida eterna: «Como deve dar-me alegria e fazer-me activa e vigilante a certeza de que todo acto meu de amor dura para a eternidade!»

E daí uma só, constante e confiada prece:

«Jesus, que eu viva inteiramente escondida em Ti, em total aniquilamento, a fim de que Tu possas fazer de mim, sempre, o que Te aprouver. Permanece Tu só e um incessante «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS»! Que nas dezessete horas do dia eu não perca um só: Jesus Omnipotente, em Ti confio!»

Podemos outrossim acrescentar que o acto de amor foi a sua única arma contra o inimigo. Pois não seria de crer que o maligno deixasse em paz esta valorosa atleta da santidade, e não tentasse tomar vingança do acto incessante de amor.

E houve de facto luta sem trégua, por vezes mesmo às claras, mas de todos os recontros saiu sempre ela vitoriosa mercê do acto de amor. «A arma invencível e sempre triunfante é o acto incessante de amor. (Ele) prepara a alma para a ten-

tação e sustém-na em a mesma tentação, porque o amor é tudo... Não deixar-me, pois, impressionar pelo inimigo; é preciso que o acto de amor domine a luta e não que a luta domine o acto de amor».

E não se julgue que Sór Consolata falasse e agisse assim só nos dias em que caminhava à luz dos divinos atractivos. Não. Quando se viu na necessidade de caminhar na simples via da fé, em meio das trevas do espírito, falou e agiu do mesmo modo. Leia-se:

«Saía eu da sacristia. Eram as nove da noite, e encontrei-me no patamarzinho, perfeitamente às escuras. A escada que tinha de descer era um pouco perigosa, corria o risco de partir a cabeça. Agarrei-me ao corrimão e, seguindo-o, cheguei tranquilamente ao último degrau. E ao descer as escadas pensava que era exactamente assim o que me sucedia com a alma: escuridão perfeita; mas agarrada ao acto incessante de amor, chegarei tranquilamente ao último suspiro. Sim, o acto de amor é realmente tudo: luz, força para prosseguir. Ai! de mim, se a minha alma não tivesse esta âncora de salvação a que amarrar-se em certas horas! Não posso medir o abismo de desespero em que me despenharia!»

Como na aridez, assim em qualquer outro sofrimento. E bem pôde experimentá-lo Sór Consolata, para quem os cimos do amor se não separaram nunca das profundezas da dor. Todavia, pôde atestar: «O acto incessante de amor mantém a minha alma em paz, sempre; creio que tem sobre o sofrimento forte ascendente, ajudando a sofrer com alegria... O acto incessante de amor é mais forte que qualquer dor... Sinto que o acto incessante de amor mantém e manterá a barquinha em calma por entre a perturbação, a tristeza e o tédio».

A continuidade de amor não foi, portanto, congnida por Sór Consolata a preço fácil. E tampouco breve tempo. Mas eis aí o seu mérito: em perse-

verar apesar de tudo, em recomeçar cada dia, em reagir logo após cada infidelidade; e assim anos e anos, numa constância heróica unida à oração humilde, sem descurar meio algum nem deixar passar ocasião de renovar os propósitos. **O preguiçoso quer e não quer** (Prov. XIII, 4). Sór Consolata não foi em verdade alma preguiçosa, nem se iludiu a si mesma com veleidades. Quis sèria e fortemente. A energia de vontade — já o dissemos — foi uma das características mais vincadas do seu espírito. A mesma impetuosidade de carácter, que lhe tinha valido o título de «relâmpago e tempestade», endereçou-a ela, a pontos de a fazer sustentáculo da vontade na boa causa. Os que podiam conhecê-la de perto, ficavam sempre admirados da sua fortaleza e firmeza de vontade no bem. Conseguiu isto sobretudo por meio do acto incessante de amor. A palavra «quero» aparece em todos os seus propósitos e vem sempre a rever profunda sinceridade.

Verifica-se o que acabamos de dizer, com clareza que salta à vista, a cada página dos seus escritos:

«Com a graça divina quero corresponder e deixar que este acto absorva todo o meu dia, do primeiro ao último sinal da cruz; e quero agir em todas as minhas acções, por pequenas que sejam, com tanto e tanto amor!.. Haja tempestades e trovões, ou cáiam raios e coriscos, não interromperei o acto de amor.. Quero, fortissimamente quero um «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» contínuo, e ver-Te e tratar-Te em tudo. Ó Jesus, com o teu auxílio, quero não roubar-Te um só acto de amor, nem um! Sim, Jesus, quero! E este «quero», para que seja fé, submirjo-o e deixo-o no teu Precioso Sangue Divino, para sempre!»

NOS CUMES DO HEROISMO PELO ACTO INCESSANTE DE AMOR

Sempre assim: esforço e boa vontade. Uma vontade de ferro, fortifica-se a cada prova, renúncia ou sacrifício. Sór Consolata aborrecia a mediocridade, desdenhava compromissos, queria as altitudes à custa de heroísmo. E o seu, — permita-se a expressão — foi um heroísmo de jacto continuo. Julgue-o o leitor pelas palavras seguintes que ela escrevia ao P. Espiritual (28 de agosto de 1938) e que poderíamos chamar seu testamento espiritual a todas as almas que queiram segui-la:

«... Padre, actualmente o que sinto em mim — desejo infinito — é viver a **pequeníssima via** (16) a preço de heroísmo. Sinto que se quero, posso: e, portanto, sim, quero com todas as forças e começo! Que quer, meu Padre? Eu sinto imperiosamente o dever de viver em toda a sua plenitude a minha **pequeníssima via**. Queria poder gritar isto, em artigo de morte, às **Piccolissime** (17) de todo o mundo: «Segui-me!» Quero, sim, quero o acto incessante de amor, desde o despertar pela manhã até adormecer à noite, porque Jesus mo pediu e se mo pediu é porque eu lho posso dar, confiando n'Ele só.

«Mas a minha fragilidade é extrema e as tentações não faltam. E' preciso que me erga sòzinha contra todos e prossiga à força de vontade. Não, não quero viver uma existência vil, quero viver heróicamente; quero-o com todas as forças do meu cora-

(16) A saber: o caminho do acto incessante de amor. A origem e o significado desta terminologia serão explicados no Capítulo seguinte.

(17) As almas que entram, na esteira de Sór Consolata, na *pequeníssima via do amor*, chamava-as ela *le Piccolissime*, como quem diz *as mais pequeninas de todas* — (N. do Tr.)

ção e da minha vontade e quero prosseguir até à morte. Jesus, que por meu amor morreu crucificado, merece-o e eu, por seu amor, quero viver assim heróicamente!

«Mas o viver nesta crista altíssima custa à natureza, não dá gosto à natureza. Tenho necessidade das suas orações, Padre, para perseverar. E não tenho paz senão nesta altitude, não tenho alegria nem força senão a sofrer nestes cumes altaneiros. Se vivo nestas alturas onde só está Cristo Crucificado, então tenho necessidade do sacrifício contínuo, como do ar que respiro.

«Tudo isto o vejo, o sinto, o compreendo. E aí está porque não me sinto bem enquanto não viver — despedaçada toda a vileza e mesmo só e contra todos, — o pequenino caminho que agora tanto amo!...

«Ó Padre, reze para que eu realize este sonho divino e meu, senão serei extremamente infeliz!...»

Nestas palavras está Sór Consolata de corpo inteiro, toda: a sua alma e a sua vida.

Um fruto concreto da Divina Mensagem: A Obra das "Piccolissime"

JESUS MANIFESTA A SÓR CONSOLATA A OBRA DAS «PICCOLISSIME»

A Obra das «Piccolissime» representa o fruto concreto da nova manifestação do Coração de Jesus e deve estender-se e perpetuar-se no mundo.

Sabemos já que o acto incessante de amor devia ser para Sór Consolata expressão prática da sua vida de amor, mas não foi dito ainda que devesse transmiti-lo às almas. Se antecedentemente a isso acenámos, e chegámos até a falar de **pequeníssimo caminho do amor (piccolissima via d'amore)** e de **almas pequeninas — Piccolissime —** fazémo-lo apenas por exigências de compilação. Em realidade, até Jesus ter manifestado a Sór Consolata a Obra das «Piccolissime», ela falou só de pequeno caminho e pequenas almas (**piccola via e piccole anime**).

Podemos mesmo afirmar que, percorrendo os seus escritos, não se vê que ela tivesse, nos primeiros tempos, consciência de dever indicar ao mundo um novo caminho espiritual, ou de dever fundar uma nova Obra. O acto incessante de amor, tinha-o ela como meio para realizar a própria missão em favor dos «Irmãos». Foi só com o andar do tempo e gra-

dualmente que se fez luz na sua alma e ela teve a intuição de que outras almas poderiam vir a segui-la e haviam de segui-la de facto.

A primeira alusão divina a este fruto da vocação de amor de Sór Consolata, é de 17 de agosto de 1934. Jesus dizia-lhe: **Quando o teu último «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» for pronunciado, Eu o recolherei, e por meio do escrito da tua vida, transmiti-lo-ei a milhões de almas que, peccadoras, o hão de acolher e te seguirão no simples caminho da confiança e do amor, e hão de, portanto, amar-Me.**

Outra vaga alusão encontrâmo-la em data de 27 de novembro de 1935:

Não tenhas medo: para o dia da tua morte terás chegado ao alto e pronunciado o último acto de amor que Jesus desejou quando te deu a vocação de vítima de amor.

Que esse apostolado houvesse de levar-se a cabo através duma Obra especial, não se diz aqui ainda. Jesus deixará entrever isso mais tarde, a 14 de dezembro de 1935, ao explicar a Sór Consolata o motivo da mudança de Director Espiritual: **Sabes porque quis Eu este trespasse na direcção espiritual? Porque o Padre X fará seus todos os meus desejos e levará a cabo a Obra, tal e qual Eu a quero.**

Referindo estas palavras ao novo P. Espiritual, Sór Consolata confessava «não entender a que Obra Jesus aludisse».

E' um facto que as obras de Deus seguem todas idêntico processo: escondimento na preparação, pequenez e humildade no surgir, depois crescimento seguro e resistência às provas que nunca podem faltar. Assim sucedeu com a Obra das «**Piccolissime**»: não só nasceu no silêncio dum mosteiro e no recôndito duma alma, mas a esta mesma alma permaneceu

oculta, estando já em germe. Não. Só Consolata não caiu na conta do fruto maravilhoso que Jesus queria tirar da sua vocação de amor — a saber, do acto incessante de amor; não conheceu a Obra que alistar-á, por milhões, almas de todo o mundo, se não quando Jesus se dignou falar-lhe acerca da mesma, sem contudo a tirar do seu escondimento, antes, pelo contrário, abismando-a no mais completo aniquilamento.

Antes, porém, de expôr os inícios da Obra, é necessário esclarecer o significado e alcance deste termo. Chamamos-lhe **Obra** porque Jesus assim a chamou e porque de facto o é, mas não no sentido duma Associação qualquer com os respectivos requisitos de registos, diploma, etc. Não, absolutamente não. Explicamo-lo já anteriormente: a Obra é na essência um **caminho espiritual**, aberto, portanto, a todas as almas que se sintam chamadas a abraçá-lo, sem necessidade de formalidades, sem distinção de pessoas.

E todavia é uma Obra por isto: porque as almas que seguem este caminho não vagueiam ao acaso, na incerteza, cada uma por sua conta, mas encontram-se realmente unidas, não só pelo vínculo da mesma vocação de amor, mas ainda por aquilo de que depende a correspondência a tal vocação: o acto incessante de amor. Sem saberem umas das outras, sem se conhecerem, e provavelmente sem jamais virem a encontrar-se cá na terra, as «Piccolissime» constituem verdadeiro corpo moral, e formam na Igreja exército escolhido, compacto e activíssimo para a renovação espiritual do mundo.

Posto isto, eis como nasceu a Obra.

A 4 de julho de 1936, primeiro sábado do mês, durante a meditação, Jesus fazia ouvir a Só Consolata:

ENTRE AS BENJAMINAS DA ACÇÃO CATÓLICA ESTÃO AS MAIS PEQUENINAS; ASSIM TAMBÉM, ENTRE AS ALMAS QUE SEGUEM O CAMINHO DA INFÂNCIA ESPIRITUAL ESTÃO AS «PICCOLISSIME» (AS MAIS PEQUENINAS). TU PERTENCES A ESTAS E A ESTAS PERTENCE-RAO AS ALMAS QUE TE SEGUIREM EM TRIBUTAR-ME O ACTO INCESSANTE DE AMOR.

Jesus é o Verbo Divino pelo qual tudo foi feito (Jo. I, 3); Verbo substancial que cria o que diz: **Ele disse e foi feito** (Salm. 32). Com as supracitadas palavras fundava Ele a **pequeníssima via do amor**, criava no seio da Igreja as **almas mais pequeninas** (piccolissime), e dava vida à Obra que devia agrupá-las.

Poucos dias depois, a 22 de julho, festa de Santa Maria Madalena, Jesus tornava a falar a Sór Consolata das «Piccolissime» nestes termos:

Não é para ti, pois estás para descer à cova, que te mando escrever estas coisas, mas para os teus «Irmãos», e para um sem número de almas pequenissimas que te seguirão em tributar-Me o acto incessante de amor.

Ó Consolata, lembra-te da tua grande paixão: levar as criancinhas a Jesus e Jesus às criancinhas? (1). Pois bem, também desde o céu trarás as criancinhas até Mim, as mais pequeninas (Piccolissime) e dar-Me-ás a elas com o acto incessante de amor. Crês tu nisto?

Ela creu, sim, mas objectou: «Jesus, eu não faço nada!» E Jesus em resposta: **Não importa, faço Eu tudo.**

Antes de acabar aquele dia radioso, enquanto

(1) Era a paixão santa de Pierina Betrone, militante nas fileiras da Acção Católica, como se lê na sua Vida.

Sór Consolata estava ainda sob a impressão do grande dom divino recebido, Jesus acrescentava:

Oh! Não te tinha Eu dito que te faria curvar sob o peso das minhas graças, a ponto de não poderes mais? Ora bem: mantenho simplesmente a minha palavra; tu crê em Mim.

A 27 de julho de 1936, dando conta do sucedido ao P. Espiritual, Sór Consolata escrevia:

«. No diário, a seu tempo, verá as muitas predilecções divinas que o Senhor se digna dispensar-me. Não posso passar em silêncio que no dia de S. M. Madalena tive tanta luz e compreendi que Jesus não esqueceu a minha grande paixão de criança e de rapariga: levar as criancinhas a Jesus. E Jesus mandou-me escrever: **para um número extremamente grande de almas pequeníssimas que me seguirão em dar-Lhe o acto incessante de amor.** Portanto, lá do Paraíso levarei a Jesus as almas **Pequeníssimas (Piccolissime)**. Terei por missão levar os «Irmãos», e por vocação levar as **Piccolissime**, a Jesus... Veja as coisas que Jesus opera! Ao mesmo tempo que faz desaparecer a Consolata no aniquilamento, faz desabrochar todas as flores das passadas renúncias; e enquanto o grão fenece sob terra, Jesus prepara o apostolado fulgurante, belo, maravilhoso!

Oh! eu creio em Jesus, e com a sua graça, quero crer n'Ele até ao último suspiro, embora morra consciente de nada ter feito, — mesmo nada — pelo grande Rei, excepto amá-LO, crer n'Ele e confiar n'Ele!».

. A CONSAGRAÇÃO DA PRIMEIRA «PICCOLISSIMA»

Se o primeiro sábado de julho de 1936 assinala a data em que Jesus desvendou e instituiu o **pequeníssimo caminho de amor** com a Obra que deve reduzi-la à prática em concreto, a Obra mesma só

nasceu oficialmente dois meses depois, na primeira sexta-feira de setembro, com a consagração ao Coração de Jesus da primeira «Piccolissima»: Joana Compaire.

Mas para que não houvesse dúvida acerca do termo «Piccolissime» (as mais pequeninas ou as pequeníssimas), termo que se refere às almas e não à idade — em princípio enganou-se a própria Sór Consolata —, dispôs Deus que a primeira «Piccolissima» tivesse a nada tenra idade de 85 anos, e que não pertencesse ao estado Religioso, embora haja conservado íntegra a pureza virginal. E isto precisamente para demonstrar que o pequenino caminho do amor não é privilégio de determinada classe ou grupo de pessoas, mas dom que o Coração de Jesus faz a todas as almas. Não vamos agora fazer a história desta alma: só diremos por que vias o Coração de Jesus fez chegar até ela o dom de eleição.

Joana Compaire nasceu e viveu em Turim, onde por muitos anos teve um conceituado negócio de calçado. Em 1931, já na idade de 80 anos, trespassou a casa comercial e retirou-se a um pequeno Pensionato das Irmãs Dominicanas, pertíssimo do Mosteiro das Capuchinhas (2). Vivia ali feliz por ter em casa a Jesus Sacramentado, e a vida decorria-lhe toda entregue à oração e às obras de caridade.

Nos começos de outubro de 1934, pregava o Padre X as Quarenta Horas na igreja das Capuchinhas, e Joana foi assistir. No fim do Tríduo, endereçou a dito Padre uma carta cheia de altos pensamentos de espiritualidade e terminava-a assim: «Reze por mim, Padre, que tenho tanta fome de Deus!» O Sacerdote, em resposta, fez-lhe uma visita de cumprimento. Deus dispunha que aquelas duas almas se encontrassem para os seus fins misericordiosos. Aquele santo **conhecimento** não mais se interrompeu, e dentro em

(2) Na rua Chleri, 15.

pouco transformava-se em paternidade e filiação espiritual. Os colóquios não eram frequentes, mas d'elles saía sempre o Padre cada vez mais maravilhado e... humilhado. Tão verdade é que Deus se revela aos pequeninos! Não se falava senão de Deus, porque o espirito de Joana vivia d'Ele e buscava-O na Comunhão quotidiana, que jamais deixou; buscava-O nas visitas frequentes a Jesus Sacramentado, na Capela do Pensionato; buscava-O na oração incessante.

E apesar de tudo isto, sentia que ainda lhe faltava alguma coisa. Sentia que lhe faltava qualquer coisa que intensificasse dia a dia mais a sua vida de amor e de oração; sentia que o seu amor tinha necessidade de ser purificado de certo resíduo de desconfiança, não muita, não, mas suficiente para despontar-lhe as asas e abater-lhe o vôo toda a vez que ela procurava desferi-lo e altear-se para Deus. Sentia que Jesus queria dela alguma coisa mais. Mas que coisa?

Em julho de 1936, como já dissemos, Jesus desvendava a Sór Consolata a Obra das **Piccolissime**, e num colóquio com Joana, aí por fins de agosto, o Padre sentia-se inspirado a confiar-lhe tudo, com obrigação de segredo. O efeito desta revelação foi indescrevível. Ela, imóvel e silenciosa, escutava... parecia absorta. De repente, um como relâmpago de luz acendeu-lhe as pupilas, normalmente já apagadas, mas claríssimas. Abalançou-se com toda a pessoa na direcção do Padre, e exclamou com voz fortemente: «Mas V. R. é Jesus!» Depois inclinou a cabeça e prorrrompeu em pranto, vencida pela comoção, profundamente impressionada pelo fluxo da graça.

Joana Compaire tinha encontrado o seu caminho, e o Coração de Jesus fizera a primeira conquista para as fileiras do exército das **Piccolissime**.

Dias depois, a 31 de agosto de 1936, escrevia ela ao Padre:

«... Devo dizer-lhe, Padre, que encontrei o meu alvéolo na colmeia das **almas pequeníssimas** que, como abelhinhas, zumbem em torno da Cruz de Jesus Cristo, e procuram poisar sobre Ele para libarem ali o néctar da própria vitalidade. A palavra «**Piccolissima**» — **pequeníssima** — tem para mim extraordinária magia. Só o pronunciá-la me desanuvia a alma e faz dela um céu de serenidade, aponta-me novo caminho e é como baluarte inexpugnável contra as vãs e estultas tentações do amor próprio, etc. Será isto fantasia? Parece-me que não, porque jamais poderia crer ser possível encontrar nesta palavra a tranquilidade, a segurança e a liberdade que a minha alma nela encontra. .

Estou a ver se acho meio de ir, antes de domingo, a essa sua igreja, porque preciso tratar certos assuntos com V. R.^a...»

Antes de domingo. . Jesus, o Coração Divino, que decidira dar começo à Obra na Primeira Sexta-Feira do mês, operava na sua alma. O colóquio foi breve:

— Padre, diga-me que devo fazer para entrar nas fileiras das almas «**Pequeníssimas**».. para entrar oficialmente.. Não sei, parece-me que Jesus quer de mim qualquer coisa... não sei explicar-me...

Grande admiração do Sacerdote, que nunca em tal havia pensado e nem sequer lhe passara pela cabeça que a Obra pudesse ter início antes da morte de Sór Consolata. Respondeu-lhe:

— Bem. Façamos assim: amanhã, primeira sexta-feira do mês, irei ao Pensionato, celebrarei lá Missa depois da de Comunidade; da sua parte, assistirá à minha Missa, fará nela a Sagrada Comunhão, e imediatamente a seguir a esta, **consagrar-se-á ao Coração de Jesus por meio de Maria SS^a como Peque-**

níssima alma, prometendo empregar doravante todas as suas energias espirituais no acto incessante de amor e nos outros dois pontos do pequeníssimo caminho do amor. Do altar e no altar eu apresentarei ao Coração de Jesus a sua consagração.

Tudo se fez assim, e, depois de Missa, recitaram juntamente o **Magnificat** em acção de graças.

Tinha nascido oficialmente a **Obra das Almas Pequeníssimas** (Ópera delle **Piccolissime**), prometida por Jesus a Sór Consolata.

SÓR CONSOLATA **E A OBRA DAS «ALMAS PEQUENÍSSIMAS»**

E Sór Consolata? Naquela quinta-feira, à noite, depois do referido colóquio com Joana Compaire, o Padre apressava-se a fazer chegar um breve escrito às mãos da Religiosa, para pô-la ao corrente e recomendar-lhe a coisa às suas orações. E a Religiosa anotava no diário:

«Os dons oferecem-se de véspera. Jesus sabe isso, e portanto, na véspera da primeira sexta-feira de setembro presenteou-me com a primeira **Piccolissima**. Delicadeza divina! Esta primeira **Alma Pequeníssima** colheu-a o Padre e oferecê-la-á amanhã, na Sagrada Comunhão, ao SS^o Coração de Jesus. Ó Jesus, como és bom! Sim, realmente, Jesus, Tu pensas em tudo, cuidas em tudo, e a mim deixas-me apenas um só cuidado: amar-Te! Obrigada, Jesus!»

Daqui é fácil imaginar o fervor em que ela passou o dia. Pela sua parte Jesus não faltou com novas luzes acerca da Obra, tanto mais que, nas primeiras alusões feitas por Ele às «**Piccolissime**», Consolata tinha pensado tratar-se de autênticas **criancinhas** pequeninas, e achou imensa graça quando o Padre lhe fez saber que a primeira **Piccolissima** tinha mais de oitenta anos.

Dizia-lhe, pois, Jesus:

Não serão só aos milhares as Almas Pequeníssimas, serão aos milhões e milhões. A elas pertencerão não só do sexo feminino, mas também homens. Oh! também entre eles há muitas almas pequeníssimas!

E depois da tua morte, as almas pequeníssimas correrão para ti, como outrora ao appareceres tu no Largo de S. Máximo (3) corriam ao teu encontro as criancinhas da Catequese, e as Benjaminas.

Naquela Primeira Sexta-Feira, à noite, escrevia ela no diário:

«O dia de hoje foi todo em favor das almas **Pequeníssimas**. À noite, diante de Jesus Sacramentado solenemente exposto, abracei em pensamento as almas **Pequeníssimas** de todos os séculos e a todas antecipadamente consagrei ao Coração de Jesus, pedindo-lhe as escondesse a todas no mais fundo do Seu Coração e ali as guardasse para que nenhuma venha a perecer. Pedí também que as consumisse nas chamas divinas do mesmo Coração, e lhes concedesse finalmente a todas morrerem de amor por Ele!»

Por seu lado, Jesus acolhia a oração de Sór Consolata e deferia-a:

Sim, Consolata, os corações das almas Pequeníssimas estão destinados a morrer de amor por Mim, a consumirem a vida exclusivamente por Mim. O mundo não Me pode chamar cruel, porque, quantos e quantos morrem consumidos pelo vício, vítimas do mundo! E não é justo que a criatura se consuma pelo seu Criador, Consolata?

(3) A freguesia de S. Máximo, à qual pertencia Pierina Betrone. Fez parte da Associação da Juventude Católica Feminina "*Consolatrix*".

AS ALMAS PEQUENÍSSIMAS E MARIA

Há outro ponto em que se descobre o modo admirável como o Coração de Jesus preparou e dirigiu os acontecimentos até às mínimas circunstâncias. E vamos frisá-lo porque tem sua importância. E' este: a Obra nasceu oficialmente na Primeira Sexta-Feira de setembro, durante a Novena e nas proximidades da festa da Natividade de Nossa Senhora. O significado desta coincidência providencial é óbvio. Obra que o próprio Jesus qualificou de maravilhosa, de tão grande e universal importância para a salvação e santificação das almas, não podia surgir sem vir marcada com o selo e penhor da protecção e auspícios de Aquela cujo Nome juntamente com o de Jesus, constitui a invocação incessante das Almas **Pequeníssimas**; ao mesmo tempo que os dois amores, a Jesus e a Maria, estão unidos no mesmo louvor perene, na mesma prece em favor das almas.

Entrou, portanto, nos desígnios de Deus que a Obra nascesse nesta circunstância de tempo: quando a Igreja se prepara para celebrar o dia em que a mais alta das criaturas aparece pequenina sobre a terra; e não só pequenina na sua humanidade, mas sobretudo em espírito. Tanto mais que só Ela podia, em realidade, fazer-se **pequeníssima**, visto que era grande aos olhos de Deus, ao passo que nós, que contraímos a culpa, por mais que façamos para abair-nos, não chegaremos nunca àquele ínfimo grau, àquela pequenez, àquela nulidade em que na verdade nos encontramos perante Deus.

Podemos ainda ajuntar — e já a isso acenámos — que somente Ela, Maria, foi verdadeira e perfeita alma **Pequeníssima**, mesmo no sentido particular de que tratamos aqui. E a razão é porque só Ela fez realmente da sua vida, do primeiro ao último instante, continuado e perene acto de amor para com Deus

e de caridade para com o próximo, — um «sim» incessante e contínuo à vontade de Deus. Eis porque o Coração de Jesus quis que a Obra nascesse na Primeira Sexta-Feira de setembro, — como flor que desabrocha aos pés da Celeste Menina que havia de ser Mãe de Deus, para receber d'Ela o orvalho do seu primeiro sorriso e o calor da sua primeira Bênção, — penhor de êxito e de perene duração.

Sór Consolata não podia, em seu terníssimo amor à Virgem SS^a, deixar de notar com relevo tal circunstância, e de sentir-se íntima e irresistivelmente movida a consagrar as almas **Pequeníssimas**, ademais de ao Coração de Jesus, também a Nossa Senhora. Escreve ela, com efeito:

« Já que a primeira destas almas se consagrou em o número das **Pequeníssimas** hoje, primeira sexta-feira de setembro, novena da Natividade de Maria SS^a, na terça-feira próxima, 8 de setembro, abraçá-las-ei a todas em espírito — as almas **Pequeníssimas de todos os séculos** —, e a todas depositarei junto ao berço celestial dessa Menina, consagrando-LHAS todas. Oh! sim, Ela há de protegê-las, há de amá-las com predilecção, há de acolhê-las e guardá-las sob o seu manto, sempre, exactamente como faz com Sór Consolata. E as almas **Pequeníssimas** amarão imenso à Virgem Senhora, porque o acto incessante de amor que oferecem a Jesus, é também para Maria Santíssima».

AS «PICCOLISSIME» E SÓR CONSOLATA

Com a consagração das «Piccolissime» ao Coração de Jesus e a Maria SS^a, terminava o encargo particular de Sór Consolata, não dizemos a respeito das «Piccolissime», mas a respeito da Obra: zelar pela sua difusão ou em todo o caso interessar-se pela mesma; e isto para não vir a menos na continuidade

e virgindade de amor, bem como no aniquilamento em que Jesus a queria. Dizia-lhe por isso, depois de ter-lhe desvendado a Obra (31 de julho de 1936):

Ama-Me, dá-Me esse acto incessante de amor, e — Eu to prometo — tu Me darás todos os teus «Irmãos» um a um, e depois as almas Pequeníssimas.

Começada a Obra, como dissemos, novamente Ele intervinha para não se dar o caso de ela se desviar do caminho:

Esquece-te, Consolata, não penses em ti mesma nem no que poderia referir-se à tua vocação especial. Não, o Coração de Jesus serviu-se de ti como de um instrumento, — como tu te serves da vassoura —, mas quem levará a cabo esta Obra maravilhosa das Almas Pequeníssimas será Ele, exclusivamente Ele.

Por conseguinte não penses mais que em dar-Me o acto incessante de amor, no «sim» em tudo e a todas, e em aceitar o sofrimento com gratidão; nada mais; Eu penso e tu esquece-te!

E de novo ainda a 8 de setembro de 1936:

Agora que já as consagraste a Maria no mistério da sua infância, não penses mais nas «Piccolissime», a não ser para rezar por elas todos os dias. Pensa unicamente nos «Irmãos» e nas «Irmãs» que devem tornar a Mim por meio do acto incessante de amor.

Observe-se todavia, ou melhor, recorde-se que se a Sór Consolata não foi concedido ocupar-se directamente da Obra, esta, no entanto, pertence-lhe e é nela que devem fixar-se os olhos das almas **pequeníssimas**, como Jesus lhe predizia em setembro de 1937:

Não interrompas o teu acto de amor; anda para diante no teu caminho, impávida sob os ataques do inimigo. Não temas, avante sempre, o amor tudo vence.

Quero que uma onda de amor suba da terra para

o Céu. Tu deves ser pioneira neste caminho pequeníssimo; um dia hás de servir de modelo.

Assim como agora o mundo olha para S. Teresinha, os milhões de almas pequeníssimas de todo o mundo olharão um dia para ti!

Terminamos com duas promessas consoladoras: uma de Jesus e outra de N. Senhora. No dia 14 de julho de 1936, em momento em que Sór Consolata se sentia sobremaneira humilhada e confundida por tantos dons divinos, dirigindo-se a Jesus, exclamou: «Mas Tu, às «Piccolissime», âma-las até à loucura!» E Jesus: **Sim, são as pupilas dos meus olhos!**

A 8 de dezembro de 1942 consagrava de novo as **Piccolissime** à Virgem Imaculada, a qual, acolhendo gratamente essa doação, dava-lhe a entender:

Sobre todas e sobre cada uma poisarei o meu olhar de predileção, como o poisei sobre ti.

MORTE DA PRIMEIRA «PICCOLÍSSIMA»

Se alguma dúvida pudesse existir ainda sobre a origem divina e a excelência do **pequeníssimo caminho do amor**, o resto da vida de Joana Compaire, e finalmente a sua morte, bastariam para a dissipar.

São admiráveis ascensões na vida do espírito, vôos rápidos e seguros na escalada das alturas da santidade. E essas alturas, já não as teme ela, agora, que à alma, feita pequeníssima, cresceram as asas do amor e da confiança. Incertezas, temores, o vão concentrar-se em si mesma, tudo desapareceu como por encanto. O Artista Divino sabe que o tempo urge, e, com poucos toques leva a cabo a sua obra-prima. E com efeito, quanto caminho andado um mês apenas, depois da sua consagração como **«Piccolissima»!** A 13 de outubro de 1936 escrevia ela ao P. Espiritual:

« Quería dizer-lhe alguma coisa de como passo os meus dias e, até, várias horas das minhas noi-

tes, depois das grandes graças recebidas. Parece-me viver num mundo novo! O dia 4 de setembro passado, com aquele **Magnificat** faz-me derramar lágrimas, mais que antes, mas não são já as de antes. A minha confiança em Deus já se não apoia em outros motivos que não sejam os méritos de N. S. Jesus Cristo. . . E então a Comunhão dos Santos, que Ele me faz conhecer através da eficácia das orações d'elles!... Tudo me transporta e abisma numa confusão de maravilhas, que é a paz profunda da minha vida».

Joana encontrou, portanto, neste novo caminho, a santa liberdade dos filhos de Deus. O amor aliviou-a do peso opressor de si mesma. Agora já se suporta, melhor, já não pensa em si mesma. Tudo se simplificou na sua vida espiritual, tudo adquiriu nova perfeição. Experimentou que o acto incessante de amor contém tudo, dá tudo, e tudo alcança; viu por experiência que ele é pinçaro luminoso e repoiante, e, ao mesmo tempo, ascensor divino para subir mais alto ainda.

Não vamos segui-la pormenorizadamente nestas últimas ascensões; diremos apenas alguma coisa da sua morte. Na Festa da Natividade de N. Senhora, em 1937, a um ano de distância da sua consagração como «Piccolissima», Joana renovou a mesma consagração com a seguinte súplica que era o seu «**Nunc dimittis**»:

«Ó Maria Imaculada, poderosa Advogada minha, eis-me prostrada aos vossos pés para renovar o acto com que me consagrei como alma **Pequeníssima** ao SS^o Coração de Jesus. Para Jesus e para Vós são todos os meus pensamentos e affectos, todo o meu coração e toda a minha vida.

«Neste dia bendito em que a Igreja recorda o Vosso aparecimento entre nós, incorporada, como Jesus, em a nossa natureza, tomai, por favor o peço, sob a Vossa protecção especial a nova Obra das almas

Pequeníssimas de Jesus, concretizada na maravilhosa e miraculosa **laus perennis** infantil, que o Vosso Divino Filho mostrou ser-Lhe agradável e abençoar com as graças mais sublimes do seu Divino Coração.

«Eu confio ao Vosso Imaculado Coração as minhas consolações e as minhas penas, os meus temores e as minhas esperanças, nas divinas expressões do acto incessante de amor.

«Alcançai-me que eu acabe a minha vida como Jesus acabou a sua, dando-a em homenagem à SS^a Trindade e a Vós por todos os séculos dos séculos!»

Em realidade ela sente que o Céu se avizinha. As forças já lhe não permitem sair de casa. Mas não deixa de, cada manhã, descer à Igreja para ouvir Missa e receber a Sagrada Comunhão, e até mesmo, pelo dia adiante, para uma ou outra visita a Jesus Sacramentado.

No seu rosto diáfano, mas quase sem rugas na idade de 87 anos, há uma frescura juvenil! Está consumida pelo amor, mais que pelos anos. A fome de Deus tornou-se para ela torturante. Quando Jesus Eucaristia se encontra exposto, os seus olhos, apagados para tudo o mais, fitam a Hóstia Divina, que ante eles aparece radiosa. E sente, no fundo do coração, vozes misteriosas, como o murmúrio do Esposo que se avizinha. . .

Ela está pronta. Tudo dispôs com minucioso cuidado para bem receber a irmã morte. Até já entregou um bilhete com todos os dados necessários para o registo de defunção no município. As Irmãs Capuchinhas têm preparado o hábito da Ordem, por ela pedido, para a amortalharem. E está pronta a roupa interior toda novinha, que ela quer vestir no leito de morte para as bodas eternas.

A 26 de janeiro de 1938, estando sòzinha na saleta em oração, sente-se investida de extraordinária efusão da graça, a ponto de sentir-se abalada em

todo o seu ser. Uma necessidade irreprimível de bradar a Deus o seu amor, de agradecer-Lhe, de chegar até Ele, de transformar-se n'Ele! . . . E caiu de joelhos, de braços abertos e rosto inundado de lágrimas: «Meu Deus, meu Deus, que é isto?»

Era a chamada para o Céu.

No domingo de Sexagésima, 20 de fevereiro de 1938, ainda desceu à Capela para ouvir a Santa Missa. Foi a última. Quarta-feira, sentindo que se agravava o seu estado, pediu a Extrema-Unção, desejosa de bem receber este Sacramento. Depois, durante três dias e três noites, até à tarde de sábado, foi o calvário na Cruz com Jesus, sofrendo agonias misteriosas, sem um alívio. Mas nem um lamento. E dizia ao P. Espiritual: «Ao meditar a Paixão de N. S. Jesus Cristo, demorava-me sempre de preferência na consideração das agonias de Cristo Agonizante; creio que Ele me faz agora participante delas.» E dirigindo os olhos para o Crucifixo suspenso na parede de frente dela, repetia em indizível transporte: «Amar-Te, seguir-Te, imitar-Te!» O que fora programa de toda a sua vida, continuava a ser programa da sua morte.

Entretanto, lá fora, imperava infrene o carnaval, e da vizinha Praça Vittorio Veneto, subia até ali o rumorejar dos gozos do mundo. O Sacerdote fez-lho notar, recordando-lhe o dito de Jesus: «**Gemereis vós e o mundo gozará** (Jo. XVI, 20). E respondeu ela:

— Oh! como desde este leito de morte se vêem as mentiras do mundo! Não, não daria um só destes instantes de sofrimento por todas as alegrias do mundo!

A quem lhe fazia observar que em breve iria receber o prémio de tantas obras boas, respondia:

— Não, obras não; nada fiz. Mas que tenha amado a Jesus imenso, acima de toda a coisa, isso sim, e é o que me consola.

A sua cabeceira sucediam-se Religiosas de diversas Congregações e até Sacerdotes:

— Veja lá, Joana, quantas almas santas que vêm visitá-la e rezam por si!

— Jesus é fiel — respondeu —; recusei sempre as amizades do mundo, e Ele rodeou-me sempre de amizades santas.

Na sexta-feira à noite, levou-se-lhe solenemente o Sagrado Viático. Ficou contentíssima de receber duas vezes no mesmo dia a Jesus Sacramentado. Quis pôr ao pescoço a sua fita de Filha de Maria, e no momento de receber ao Senhor, com voz clara e forte, pediu perdão de todos os escândalos que havia dado. Responderam-lhe alguns soluços e muitas lágrimas dos circunstantes. Falava de escândalos, ela, cujas virtudes, de ser conhecidas, constituiriam admiração para todo o mundo!

Depois do meio dia de sábado, por volta das 15 horas, os sofrimentos pareciam atingir a máxima intensidade.

— Sofre muito, Joana?

— Sim, nunca pensei que uma criatura pudesse sofrer assim; mas não tenha pena; meu Padre: eu preciso tanto de sofrer!

Pediu um pouco de gelo, mas logo sentiu remorso e dirigiu-se ao Padre para tranquilizar-se. Tinha medo de ter cometido uma imperfeição em pedir aquele pequeno alívio, depois de tanto padecer!.

De improviso, como o físico já não reagia contra o mal, pareceu sentir-se aliviada. Mas não se iludiu.

— São as melhores que precedem a festa! — dizia a quem se congratulava com ela por se sentir melhor.

Estava alegre, nesta última fase. Falava e procedia como se estivesse curada. Por isso, naquela

noite, recitou-se o terço no seu quarto. Ao anunciar-se o quarto mistério glorioso, a Assunção de Nossa Senhora ao Céu, comentou ela:

— Ao Céu, alma e corpo! Que bela e consoladora esta profissão de fé em ponto de morte!

O quinto mistério enunciou-o ela, interrompendo o Sacerdote:

— Se contempla — disse — a. Consolata! (a Senhora da Consolação):

Todo o gozo e glória de Maria SS^a no Céu, encontrava-os ela compendiados neste título. E quantos, quantos ósculos na imagem de Nossa Senhora da Consolação!

— Joana, da sua parte amou sempre muito a Nossa Senhora, e Nossa Senhora agora vem assisti-la.

— Oh! sim!... Como é belo morrer depois de ter amado tanto a Nossa Senhora!

E a seguir, agitando as mãos em sinal de despedida:

— Adeus, terra... até ao Céu, até ao Céu!

Havia na estância uma atmosfera de espiritualidade, que ninguém jamais poderá reproduzir. O Céu parecia estar ali, separado de nós apenas por véu tenuíssimo. Tudo tinha um ar sagrado: o pequeno quarto parecia uma capela e o leito um altar, e sobre o altar a pequeníssima vítima de amor... Mas veio a noite penosa. Por volta das duas pediu a Sagrada Comunhão.

— E' a última! — exclamou.

Como de facto. Conservou até quase ao último instante maravilhosa lucidez de entendimento. Cerca do meio dia pediu para vestir a roupa branca nova.. Era a sua hora. Depois, vestida assim de festa, fez amplo sinal da Cruz e. a espera não foi longa. Ao toque das Ave-Marias, domingo de Quinquagésima — 27 de fevereiro de 1938 —, após brevíssima agonia, a primeira «Piccolissima» reclinava

suavemente a cabeça no Coração de Jesus, para n'Ele fazer sua morada eterna e continuar o canto de amor: JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS!

SÓR CONSOLATA ÀS ALMAS PEQUENÍSSIMAS

Com a morte da primeira «**Piccolíssima**» (4) não foi a menos a Obra nem se apagou o acto incessante de amor fora do Mosteiro das Capuchinhas.

O Coração de Jesus, entretanto, tinha dirigido apelo a outras almas, e as «**Piccolissime**» formavam já pequeno esquadrão (5).

Para estas e para as de todos os tempos, interpretando o desejo das mesmas, o P. Espiritual pediu a Sór Consolata uma carta, na qual expusesse o próprio pensamento acerca do exercício do acto incessante de amor, ajuntando-lhe os conselhos práticos que julgasse úteis.

Reproduzimos a seguir essa carta quase na íntegra, e cada uma das almas **pequeníssimas** pode tê-la como escrita para si. O que nela se diz tem tanto maior valia, por encontrar confirmação prática na vida daquela que, em continuidade e virgindade de amor, dificilmente poderá ser ultrapassada.

(4) Eis o que escrevia Sór Consolata a propósito da primeira "*Piccolissima*": "Não sei... desde que esta querida alma voou ao Céu, uma onda de alegria me invade toda. Alegria intensa e luz, tanta luz! Jesus concedeu à minha alma maior força e graça, maior tenacidade no acto incessante de amor e verdadeiro transporte pela solidão e pelo silêncio. Por isso confio que tudo isto me servirá para sofrer bem e para dar a Jesus os frutos desejados".

(5) Eram cerca de vinte entre Religiosas e membros da Acção Católica. Não faltava sequer uma representação minúscula de "*Piccolissimi*" (*Pequeníssimos*, isto é, de homens pertencentes à Obra).

Muito e muito querida «Piccolissima» do Coração de Jesus.

À noite, ao deitar-te, rezarás ao teu Anjo da Guarda, para que, enquanto dormes, ame ele a Jesus em tua vez, e para que te desperte na manhã seguinte, inspirando-te o acto de amor. Se fores fiel em rezar-lhe assim cada noite, Ele será fiel cada manhã em despertar-te num «JESUS, MARIA, AMOVOS, SALVAI ALMAS».

Começado assim o teu dia, prosseguirás amando até ao teu encontro com Jesus Eucaristia. Não quer isto dizer que devas deixar toda outra oração tua. Não. Continua, sim, todas as tuas práticas de piedade costumadas, mas não acrescentes outras. Deixa que o teu acto de amor absorva todo intervalo de tempo livre, e, depois, se Jesus to inspirar, reza também alguma oração vocal que te dê devoção.

Na Sagrada Comunhão confia-te, abandona-te a Jesus: tu mesma, as tuas preocupações, os teus projectos, desejos e penas, e não penses mais em coisa nenhuma dessas, porque toda a vida duma «Piccolissima» baseia-se na promessa divina: Eu cuidarei de tudo até aos mínimos pormenores; tu pensa só em amar-Me. Copia estas palavras debaixo duma imagem do Sagrado Coração, e procura tê-las sempre presentes: serão de grande auxílio para livrar o teu espírito de toda a preocupação, e verás por experiência como Jesus é fiel em manter esta sua promessa.

Depois de ter-te abandonado toda na Sagrada Comunhão a Jesus, renova-Lhe a tua promessa do acto incessante de amor, do «sim» a tudo o que Ele te pedir pelo dia adiante, e o propósito de vê-lo a Ele, de falar-Lhe, de servi-Lo com amor em todas as criaturas, com as quais tiveres de tratar.

Faze duma vez para sempre a intenção de que todos os teus actos de amor subam ao Céu também como súplica a impetrar a fidelidade em prosseguir

o acto de amor até à Comunhão seguinte e sirvam como reparação de todas as tuas infidelidades.

Sairás da igreja dando começo ao teu acto de amor, o qual continuarás pelo caminho, em casa e no desempenho de todos os teus deveres. Lembra-te que Jesus prometeu que, quando escreves, ou rezas, ou meditas, ou falas por necessidade, o acto de amor continua igualmente.

Enquanto trabalhas procura ter diante, se te é possível, escrito numa imagem ou num cartãozinho: «JÊSUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS!»; servir-te-á de despertador da lembrança.

Entre os obstáculos que impedem dar a Jesus o acto incessante de amor virginal, o próprio Jesus ensina a combater três: pensamentos inúteis, interesse ou preocupação pelo que não tem utilidade ou não é conosco, e discursos ou conversas inúteis.

Pensamentos, preocupações: tudo é inútil, desde o momento que Jesus promete à sua «Piccolissima» pensar Ele em tudo até aos mínimos pormenores. Discursos, conversas inúteis: se falas sem ser a isso obrigada pelo dever, pela caridade, pela boa educação ou conveniência, é tempo perdido, mal gasto, roubado ao Amor. Interessar-se pelo que não é conosco, curiosidades, etc.: arredar tudo, em suma, quanto distrai o espírito da única das coisas a que te votaste: amar a Jesus incessantemente e com amor virginal.

E' preciso, porém, que tu convenhas que para realizar o desejo divino: não perder acto de amor e viver em contínuo acto de amor de uma Comunhão à outra, a tarefa da tua alma, secundada pela graça, será longa e requererá não pouco tempo, esforços generosos e constantes e sobretudo nunca desanimar.

A cada infidelidade mais ou menos voluntária, renova o teu propósito de amor virginal e começa de novo. Se esta infidelidade te fizer sofrer, ofereça-a

a Jesus. . . como acto de amor! Experimentarás e verificarás com quanta ternura Jesus te dará a mão e te levantará depois duma queda, duma infidelidade, como se apressará a pôr-te de novo em pé, para que possas continuar o teu canto de amor.

O que mórmente te ajudará a dar a Jesus o acto incessante de amor, será o renovar o propósito dele, cada hora; em segundo lugar o exame particular sobre ele. Fixa-te bem que, no exame particular sobre o acto incessante de amor, só deves marcar como falta o tempo perdido em conversas inúteis, ou em seguir a fantasia ou em demoras com pensamentos inúteis etc. Repara a falta, fazendo mesmo, podendo ser, uma cruz com a língua na terra, e continua de novo tranquilamente a amar.

Mas o propósito a que deves consagrar todas as tuas energias terá sempre por objecto o acto incessante de amor. Porem não temas, Jesus ajudar-te-á. Ele disse: Não te peço senão isto: um acto incessante de amor. Ama-Me, tenho sede do teu amor. Ama-Me, e serás feliz, e quanto mais amor Me tiveres, mais feliz serás! . . . Ele é fiel.

Coragem! Jesus e Maria te ajudarão. Não tenhas medo nunca, confia e crê no amor d'Ele por ti.

Af.ma

Sór M. Consolata R. C.

AS NÃO «PICCOLÍSSIME»

Sór Consolata falou às «Piccolissime». Nós dirigimo-nos a todos os que, e serão os mais — chegado a este ponto, exclamarão:

«Tudo muito lindo, sublime mesmo. Mas o pior é esse tal acto **incessante** de amor. Isso dá medo!»

A parte a explicação dada a seu tempo, de como deve entender-se a continuidade de amor e de que o que conta para Deus é o esforço, temos de concordar que são relativamente poucas as almas chamadas

a seguir Sór Consolata na **perfeição** da pequeníssima via do amor, isto é, no acto de amor **incessante e virginal**. E' verdade que Jesus predisse a Sór Consolata que elas serão milhões e milhões, mas isso deve entender-se na sucessão do tempo, através dos séculos. As almas **Pequeníssimas** serão sempre, por isso, no seio da Igreja o **pusillus grex**.

Todavia a nova Mensagem do Coração de Jesus dirige-se, sob certos aspectos, a todas as almas e a todas pode fazer grande bem.

Com efeito, a doutrina, nele contida, àcerca do valor do acto de amor como meio de santificação e de apostolado, interessa indistintamente a todas as almas. E por isso estas, se não puderem fazer mesmo o acto **incessante** de amor, poderão sempre valer-se dele para progredir na vida interior, a qual, como foi explicado, é essencialmente vida de amor. Por outras palavras, a algumas almas (às «**Piccolissime**») Sór Consolata diz: «Seguí-me no esforço por transformar a vossa vida num acto de amor **incessante**»; a todas as outras diz: «Valei-vos do meu acto de amor na medida que vos seja possível».

Seja como for, requer-se um meio para evitar ou combater a dissipação, causada, as mais das vezes, por pensamentos, ocupações ou preocupações e palavras inúteis. Cada alma é livre de escolher aquele que mais lhe convier, o que melhor se adapte ao seu espírito. Note-se, por outro lado, que como o amor é a primeira e mais excelente de todas as virtudes, assim também o acto de amor (seja qual for a sua fórmula, contanto que venha do coração) participa desta soberana excelência.

Porquê, pois, não dar a preferência àquele que é o meio mais excelente, mais querido e grato a Jesus, mais proveitoso para a alma? E isto abstraíndo mesmo de que o acto de amor de Sór Consolata, até ainda quanto à fórmula, reveste particular valor,

por vir de Jesus e por unir ao amor a Jesus o amor a Maria e amor às almas.

Este meio do acto de amor está, pois, à disposição, e ao alcance de todas as almas, mesmo que não pertençam ao grupo das «**Pequeníssimas**». Estas poderão servir-se dele à maneira de simples jaculatória, recitando-o amiúde (com o coração, acompanhando com os lábios, vocalmente ou não) frequentemente pelo dia adiante, esforçando-se por valorizar com ele os poucos ou muitos minutos livres do dia, — minutos que de outra forma ficariam perdidos em pensamentos inúteis ou perigosos até. Uma alma, ainda que não conseguisse fazer mais que uma dezena de actos de amor ao dia — o que em verdade não requer excessivo esforço —, quantos actos de amor não lucraria para o seu activo ao fim de um mês, e ao fim de um ano! E o facto é, que, criando o hábito, não lhe será difícil aumentar gradualmente o número, até chegar a adquirir com o tempo certa facilidade no exercício do mesmo, e por conseguinte, união mais contínua com Jesus.

Que fosse esta a intenção do Coração de Jesus ao ditar a Sór Consolata a doutrina do acto de amor, depreende-se claramente do que se lê na Vida da mesma. Precisamente lá se diz que Jesus oferece a prática do acto de amor, ademais de às **almas Pequeníssimas**, também aos pequenos em idade e a todas as pessoas que por enfermidade ou por outro qualquer motivo não podem tributar-Lhe esse acto de amor **incessantemente**, mas só **frequentemente**. Não incessante, relativamente a uma alma em particular, o acto de amor torna-se incessante no conjunto de muitas almas. E é assim que, pouco a pouco, se levantará de todos os cantos da terra uma vaga incessante de amor ascendente, a qual por seu turno se transformará em onda incessante de amor descendente: onda de misericórdia e de perdão.

O ACTO INCESSANTE DE AMOR E A PRÁTICA DAS VIRTUDES

Mais de um leitor estará talvez deseioso de conhecer ainda, até que ponto a vida de amor, realizada através do acto incessante de amor, tenha levado Sór Consolata à prática e à perfeição das virtudes cristãs e religiosas. Desejo legítimo, visto não poder dar-se juízo definitivo àcerca de determinada doutrina, sem primeiro ver-lhe os frutos nos que a seguem. Porém, o assunto previamente fixado ao presente opúsculo — e fizemo-lo notar logo no prefácio — era simplesmente o de expôr a doutrina do acto incessante de amor, deixando para o volume da Vida a matéria das virtudes. Não obstante isso, já mesmo nas presentes páginas se poderá descortinar em Sór Consolata virtude nada comum. Recordemos, por exemplo, o seu esforço heróico por eliminar do seu caminho tudo quanto pudesse ser-lhe impedimento para seguir a Jesus o mais perfeitamente possível

De qualquer modo, o leitor fará bem em ter presente que o acto incessante de amor, sendo embora o primeiro e mais importante ponto do **pequeníssimo caminho do amor**, não se esgota ou fecha em si mesmo, antes se integra, ou melhor, deve praticamente ir desembocar nos outros dois pontos indicados por Jesus a Sór Consolata: **Um «sim» a todos com um sorriso, vendo a Jesus em todos, e tratando a todos como se tratasse com Jesus.** — **Um «sim» a tudo (a tudo o que Jesus pede à alma) com acção de graças.**

Nisto está o fruto prático da vida de amor, a saber, no exercício da caridade perfeita para com o próximo, e no exercício da aceitação perfeita das disposições de Deus a nosso respeito, no espirito de sacrifício e na plena correspondência à graça. E é fácil compreender que uma alma que se mantém he-

ròicamente fiel a estes três pontos, avançará, certa e rápidamente em todas as outras virtudes. E' o que Jesus prometia a Sór Consolata:

(26 de setembro de 1935) **Permanece sempre no teu acto de amor, procura não perder um só que seja, e procura também não perder acto de caridade; colhe com amor as flores da virtude que Eu hei de fazer brotar debaixo dos teus pés, e o fruto que darás será abundante.**

(21 de junho de 1942) **Com o acto incessante de amor chegarás aos almejados cimos do amor; com o «sim» a tudo às culminâncias da dor, e os cimos do amor e as culminâncias da dor gerarão o terceiro apogeu, — o das almas.**

Baste este ligeiro acenar para persuadir cada vez mais o leitor que a via seguida por Sór Consolata — entendida e praticada na íntegra — não se baseia na sensibilidade, mas contém verdadeiro e completo programa de vida espiritual, de altíssima perfeição cristã e religiosa.

*Recapitulando***VOLTAR ÀS ORIGENS**

Não nos toca pronunciar-nos sobre esta Mensagem, da qual somos simples transmissores. Compete à Igreja autenticar-lhe a veracidade, enquanto cada leitor — a par de nós e mais que nós — pode formar conceito do seu valor em função de fim para que foi ditada. Esse fim é fazer voltar o mundo às origens de toda a elevação moral e de todo o bem-estar social: o Evangelho de N. Senhor Jesus Cristo.

O verdadeiro Evangelho, porém, e todo o Evangelho: o Evangelho que ensina a crer não só, mas também a esperar e sobretudo a amar.

Neste sentido, o Evangelho antes de ser livro escrito é palavra viva dos que viram e ouviram o Mestre e escutaram a Sua «mensagem», como diz S. João (I Jo. I, 5; III, 11): mensagem de reconciliação com Deus mediante o sacrifício expiatório de Jesus (ib., II, 2), e portanto, mensagem de graça e de amizade com Ele.

O profeta Jeremias tinha anunciado a obra dos tempos messiânicos com o seguinte apelo à **interioridade** (XXX, 31-33):

Eis virão dias, diz o Senhor,
em que estreitarei com a casa de Israel e com a casa
de Judá nova aliança:

não aliança como a feita com os pais deles
no dia em que os tomei pela mão

para conduzi-los para fora da terra do Egito,
aliança que eles violaram,
e Eu tive que abandoná-los, diz o Senhor.

Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel após aqueles dias, diz o Senhor:

**Eu gravarei a minha lei no seu íntimo
e escrever-lha-ei nos corações e serei o seu Deus e
eles serão o meu povo.**

S. Paulo demonstra ter-se realizado esta profecia por obra de Jesus Cristo (Hebr. VIII, 8-10). O Evangelho, por conseguinte, não aspira a ser apenas lei escrita em papiros e composta de observâncias meramente externas. Quer ser lei que atinge e interessa o nosso íntimo, escrita pelo Espírito Santo, «dedo de Deus», em nossos corações com efusão de vida nova: — vida de graça e de amor, sem a qual — como bem observa S. Agostinho — a própria **letra** do Evangelho mataria.

Esta transmissão de vida nova interessa, com efeito, à inteligência que acolhe a doutrina da Igreja Católica por meio da fé; leva-se a cabo no mais íntimo do espírito humano mediante o uso dos Sacramentos que nos infudem a graça; tem sua divina palpação no coração por meio da **caridade** que estabelece vida de **amizade com Ele** (Jo. XV, 13-15) e assim se verifica em nós a grande palavra dita ao profeta e repetida por S. Paulo:

e serei o seu Deus
e eles serão o meu povo.

O MAL E O REMÉDIO

Estaria muito enganado quem supusesse poder, quanto levamos dito da vida de amor, diminuir, por qualquer modo, a necessidade e importância da acção em todas as suas formas e manifestações externas.

Quem escreve estas linhas não é eremita mas missionário, e de resto, os mesmos eremitas não passam a vida de braços cruzados.

Só queríamos perguntar: porque terá sido que não se conseguiu fazer face à crescente, e depois até desbordante, torrente do mal que ameaçou submergir o mundo? Faltou a acção, porventura? A nós parece-nos que não. Poderão lamentar-se deficiências individuais, mas no conjunto houve acção, e acção multiforme, orgânica, vigorosa. Ou será que ela não foi adequada à necessidade dos tempos? Também isto se não pode afirmar, ao menos quanto ao conjunto das actividades católicas. Mas então?

A deficiência, em nosso parecer, deve buscar-se no seguinte: dum lado, faltou a **chama viva** do semeador: **Sem Mim nada podeis fazer** (Jo. XV, 5); e do outro, faltou o humus apto para receber e fecundar a boa semente. **Quem permanece em Mim e no qual Eu permaneço, dá frutos abundantes** (Jo. XV, 5).

Permanecer em Jesus: eis aquilo de que, sobretudo, precisa a alma, tanto para praticar como para receber o bem e fazê-lo frutificar. Ora, «permanecer» em Jesus não é o simples crer n'Ele, nem mesmo somente o estado de graça. E' viver a vida da graça, fazê-la crescer, aperfeiçoá-la de contínuo em nós (Jo. X, 10): e isto mediante a nossa união com Jesus, de maneira que se possa haurir d'Ele, como o sarmento da cepa, a seiva divina fecundante de todas as virtudes cristãs. O amor, a vida de amor opera tudo isto: **Como o Pai Me amou a Mim, assim Eu vos amo a vós; perseverai no meu amor** (Jo. XV, 9). E o amor torna viva a fé do crente que **por Jesus vai ao Pai**.

Quando nos começos deste tormentoso período da história do mundo, Pio XI dirigiu ao orbe a Encíclica sobre os **Exercícios Espirituais**, e depois Pio XII

aquela que trata do **Corpo Místico** e ainda a que trata da **Sagrada Liturgia**, pode ser que alguns espíritos superficiais não tenham visto o nexó entre esses documentos Pontifícios e as necessidades do mundo cristão, mas tais documentos estavam e estão perfeitamente em consonância com as exigências dos tempos, posto que descobrem a verdadeira causa de todos os males e lhes indicam o remédio em mais intensa vida espiritual das almas.

S. Paulo dizia de si, como que a explicar o ardor do seu infatigável zelo: **Charitas Christi urget nos** (II Cor. V, 14). As mesmas palavras quis S. José Cottolengo fossem gravadas na portazinha de entrada da hoje célebre «Piccola Casa della Divina Provvidenza» que é a maior obra de beneficência que o mundo conhece e constitui esplêndida apologia do Cristianismo — Cristianismo vivido, Cristianismo-Amor: **Charitas Christi**.

Santa Teresinha não nos deixou mais que as poucas páginas da HISTÓRIA DUMA ALMA. Mas essas — escritas com mão febricitante de amor e de dor, por Jesus e pelas almas, — quanto bem não fizeram já! E quanto não farão, por certo até ao fim dos séculos! O mesmo se diga de todas as outras formas de apostolado. Quando a alma vai haurir de Jesus «cheio de graça e de verdade» (Jo. I, 14) a sua força de entusiasmo, e como «lâmpada ardente e luminosa» (Jo. V, 35) faz da sua vida «exemplo de luz», então as obras rendem testemunho à Verdade e comunicam às almas o fogo de que estão animadas e o ardor que as faz vibrar. Ninguém pode dar o que não tem. Pelo contrário: **O que tenho, dou-to: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda** (Act. III, 6).

Eis aí aquilo de que o mundo precisa para levantar-se e retomar o caminho ascensional: almas cheias de Jesus, para poderem dar a Jesus.

O espírito informador da presente **Mensagem** está todo nisto: fazer compreender a necessidade de profunda vida interior, que é essencialmente vida de amor, para santificar-se a si e aos outros.

O NOVO DOM DO CORAÇÃO DE JESUS

Para isso indica Jesus também o meio prático na **pequeníssima via do amor** e correlativa **Obra das Almas Pequeníssimas** (1). É o fruto concreto da **Mensagem** enquanto é transmitida às almas e perpetua no mundo o **acto incessante de amor**. Já dissemos como a doutrina acerca do acto incessante de amor constitui razão de ser da nova manifestação do Coração de Jesus. É, portanto, dom que Jesus faz ao mundo e o seu significado, no momento actual,

(1) Ninguém estranhe esta multiplicidade de caminhos espirituais na ascese cristã. Não se trata, propriamente, dum *novo* caminho, duma *nova* via. O caminho é um só para todos e em todos os tempos: JESUS. — *Ego sum via* (Jo. XIV, 6). Sór Consolata segue S. Teresinha, do mesmo modo que S. Teresinha segue o Evangelho, nem mais nem menos. Só que este Caminho — sempre idêntico, em substância: o amor — ao passar pelos variados campos da mística cristã, pode assumir novos aspectos, novas formas, e, portanto, novos nomes. De modo igual, no seio da Igreja, estão sempre a florescer novas instituições, sem que por isso seja alterada no mais mínimo a sua unidade de doutrina e de estrutura.

Quanto ao denominativo de *pequeníssima via* e de *almas Pequeníssimas*, é de observar que tal denominação vem de Jesus mesmo, o qual, para fazer compreender os seus ensinamentos (Mat. XI, 25; XVIII, 3), ilustra as noções habituais de Sór Consolata — como se poderia notar também a respeito de outras expressões — e explica o sentido superior das palavras usadas pela própria Igreja. Se a Igreja estima coisa santa e proveitosa inscrever os meninos e meninas *mais pequenos* (*pequenísimos e pequeníssimas*) de idade no seu organismo jerárquico, para fins de apostolado, é justo e conveniente que, no organismo da vida sobrenatural, encontrem o seu lugar também as almas mais pequeninas — as *Pequeníssimas*.

não pode escapar a ninguém. O próprio Jesus, depois de ter predito a Sór Consolata o bem imenso que do exercício do acto incessante de amor viria ao mundo, acrescentava: **Era com este fim que te mandava pedir, cada manhã, em atenção aos méritos da minha Paixão dolorosa, o triunfo, no mundo, não só da minha misericórdia, mas também do meu Amor, especialmente nas almas pequeníssimas.**

E o facto é que se a Misericórdia pode perdoar, só o Amor pode renovar o mundo. **Mandas, Senhor, o Teu Espírito e (os seres) são criados e renova a face da terra** (Salm. 103). A Igreja aplica estas palavras à acção do Espírito Santo no mundo, — do Espírito Santo que é Espírito de Amor, e Amor substancial. Novo Pentecostes de amor: eis o que renovará espiritualmente a face da terra. A **Obra das Almas Pequeníssimas** foi querida por Jesus para este fim.

De resto, os que seguiram, nestas páginas, os contínuos apelos de amor feitos por Jesus, as Suas reiteradas atestações de querer, pelo amor, salvar o mundo, as divinas promessas acerca da perene, universal e prodigiosa fecundidade do acto incessante de amor, não podem duvidar de que a **Obra das Almas Pequeníssimas** esteja verdadeiramente destinada, pela Divina Providência e pelo Amor Infinito, a concorrer eficazmente para o renascimento espiritual do mundo.

Uma vez mais, quer Deus confundir, com humildade de meios, o orgulho intelectual que obscureceu tantas inteligências; com a pequenez em espírito, fazer estremecer os fortes da terra, que julgavam poder erigir sobre a tumba do Cristianismo uma civilização paganizante, da lavra deles; com a silenciosa, mas activíssima vida de amor, curar o mundo do pernicioso mal moderno, que é — não digamos a acção — mas o ruído da acção, não vivificada, esta, pelo espírito de Deus.

Entendida assim, a nova **Mensagem** poderia ser chamada arco-iris da paz que as chamas crepitantes do Coração de Jesus projectam sobre este 'pobre mundo. Este, depois de abandonar as fontes de água viva e salutar do Evangelho pelas inquinadas cisternas do mal e do erro, só encontrou morte e ruínas.

Mas Jesus quer salvá-lo, e depois de tê-lo feito parar em tempo oportuno, na pendente perigosa, e de o ter purificado na dor, quer trazê-lo agora a Si no amor: para que também ele experimente o que Sór Consolata experimentou na sua vida inteira, a saber, a verdade das promessas divinas.

Ama-Me e serás feliz, e quanto mais amor Me tiveres mais feliz serás.

Deus é sempre assim que vence: — em Misericórdia Infinita e Infinito Amor!

A TI, SENHOR!

Diante de Ti, Senhor, antes de depôr a pena, o teu servo humilha-se por haver ousado juntar àquela que para si tem ser palavra Tua, o balbuciar da palavra humana, e haver, acaso, por incapacidade e falta de mérito, estragado a Tua obra. Mas Tu, Senhor, és omnipotente, e assim como do nada fazes sair tudo, assim podes fazer servir ao cumprimento dos Teus desígnios as próprias deficiências humanas, para que a Ti só seja dado o louvor, honra e glória.

Mas como vão é todo o trabalho que por Ti não for abençoado, imploro ardentemente essa Bênção. Peço-Ta pelo amor infinito que aos homens consagra — aos homens que são criaturas Tuas, remidos por Ti, e Teus irmãos. Peço-Ta por intercessão d'Aquela em cujo Coração derramaste, em favor de nós todos, a onda salutar que jorrou do Teu Coração transpassado, e ainda pelas orações — seja, a hu-

milde ousadia, gratidão de afecto da alma por Ti escolhida para Mensageira do Teu amor. Porque ela, em resposta ao dom de eleição, sustentada pela Tua graça, soube consumir a vida num acto incessante de amor virginal, em prece ininterrupta pela salvação das almas.

Tu disseste-lhe um dia:

Quando o teu último «JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS» for pronunciado, Eu o acolherei e o transmitirei a milhões de almas, que, pecadoras, o hão de, por sua vez, acolher, e te seguirão no singelo caminho da confiança e do amor; e assim hão de amar-Me... Quero que uma vaga de amor suba da terra ao Céu!

Ora, portanto, que o seu último acto de amor cessou na terra para eternizar-se no Céu, recolhe-o e transmite-o às almas, a todas as almas: às inocentes e às pecadoras, às que andam errantes fora da Igreja e às que gemem fora do redil; e fecunda-o com a tua Bênção, para que ele se perpetue na terra e se forme e engrosse a vaga de amor por Ti desejada. Então os homens, tornando a ser Teus filhos pelo amor, tornarão a ser também irmãos na caridade, e o mundo no Teu Evangelho de amor e caridade — reencontrará finalmente, com a salvação, o caminho da tranquilidade, ora perdida!

JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS!



Apêndice

ALGUNS ESCLARECIMENTOS À CERCA DA OBRA DAS ALMAS PEQUENÍSSIMAS

Em resposta a quesitos que nos têm sido feitos, damos aqui, em forma de perguntas e respostas, alguns esclarecimentos à cerca das ALMAS PEQUENÍSSIMAS e respectiva Obra.

Quem são as ALMAS PEQUENÍSSIMAS?

O apelativo de PEQUENÍSSIMAS não deve entender-se em relação à idade ou ao sexo: refere-se às almas. Por almas PEQUENÍSSIMAS entendemos as que se sentem atraídas a seguir Sór Consolata no PEQUENÍSSIMO CAMINHO DO AMOR, isto é, o do acto incessante de amor.

Como deve entender-se a continuidade do acto de amor?

Deve entender-se tendo em conta o estado, ocupações e capacidade de cada pessoa em particular. Recorde-se além disso o seguinte: Quando se reza, quando se medita, quando se conversa por necessidade, caridade ou conveniência, quando se está ocupado em trabalhos que absorvem a atenção da mente, o acto de amor perante Deus é como se continuasse, contanto que a alma tenha o cuidado de endereçar para Deus, com a intenção, todas as suas acções. Pelo contrário, no resto do tempo, isto é, nos momentos livres do dia, a alma PEQUENÍSSIMA fará todo o ESFORÇO por continuar o seu acto de amor.

Será necessário pronunciar com os lábios o acto de amor?

Não. Basta fazê-lo com o coração. O fim do acto sante de amor, nas intenções de Jesus, é proporcio: almas um meio prático e fácil de conseguirem a intimidade de amor com Ele. Não se trata, portanto, fórmula que se repita mecânicamente, e nem mesm



número de actos o que conta. Trata-se, sim, de um abandono incessante da alma ao amor, duma ininterrompida efusão do amor, dum canto de amor contínuo e silencioso.

Não será pesada ou opressiva ao espírito essa continuidade do amor através duma fórmula fixa e sempre a mesma?

Entendido como se explicou acima, o acto incessante de amor nada tem de pesado ou de opressivo para as almas que sinceramente desejam viver a vida de amor em toda a sua perfeição. Ademais, Jesus, que o pediu, associou-lhe uma espécie de unção particular, bem como dá, à alma PEQUENÍSSIMA, graça especial para lhe ser fiel.

A experiência demonstrou já, que quanto mais fiel lhe for a alma, tanto mais o acto de amor se torna para ela uma como necessidade, de tal maneira que, nele só, encontram plena satisfação as suas santas aspirações de amor e apostolado.

Será possível conseguir a continuidade ABSOLUTA do acto de amor?

Sem privilégio especial de Deus não é possível à criatura humana conseguir a continuidade ABSOLUTA do acto de amor. Pode, porém, a alma, sempre com o auxílio da graça, alcançar certa continuidade MORAL, isto é, tornar o acto de amor moralmente incessante no esforço da vontade, que é o que Jesus só exige.

E será fácil alcançar esta continuidade MORAL?

E' possível, mas não fácil. Requer-se esforço generoso e constante. E essa continuidade, mesmo empregando todo o esforço, não se adquire ordinariamente em tempo breve. Sór Consolata, embora enriquecida de tantos dons sobrenaturais, não a alcançou senão pouco a pouco no espaço de bastantes anos e sempre lhe custou esforço, mesmo nos últimos anos de vida.

Será necessário SENTIR gosto na prática do acto de amor?

Como em todas as práticas da vida espiritual, assim também no exercício do acto incessante de amor não é preciso de modo nenhum que a alma SINTA gosto SENSÍVEL nele. Basta o fervor de vontade, baseado e apoiado pela fé na excelência intrínseca do acto de amor, bem como nos pedidos e promessas de Jesus. Pelo contrário, até costuma

suceder que a alma não encontra nesta prática gosto algum sensível, dispondo-o N. Senhor assim para que o acto de amor seja mais meritório e mais fecundo em bem para as almas.

Em que consiste a perfeição do acto incessante de Amor?

Também nisto, como em todos os exercícios da vida espiritual, a alma pode atingir maior ou menor perfeição. Esta consiste principalmente nas três seguintes exigências da vida de amor: CONTINUIDADE DE AMOR, amando com amor actual o mais continuamente possível (AMARÁS AO SENHOR TEU DEUS COM TODO O TEU CORAÇÃO); — VIRGINDADE DE AMOR, lutando contra os pensamentos, palavras, e interesses ou preocupações inúteis (AMARÁS... COM TODA A TUA MENTE); — INTENSIDADE DE AMOR, fazendo o acto de amor com toda a intensidade possível (AMARÁS... COM TODA A ALMA, COM TODAS AS FORÇAS).

E para as almas não chamadas a ser PICCOLÍSSIME?

O acto de amor, como meio de progredir na vida de amor, oferece-o Jesus indistintamente a todas as almas de boa vontade, não já INCESSANTE mas FREQUENTE. Todo acto de amor é acto de virtude — a primeira e a mais excelente das virtudes —, é mérito, é cooperar na salvação das almas. Não é nem difícil nem custoso para a alma fazer à volta de uma dezena ou duas por dia. Não já incessante relativamente a cada alma, o acto de amor sobe todavia dessa maneira incessantemente ao Céu partindo de muitas almas.

Que formalidades se requerem para entrar para o número das almas PEQUENÍSSIMAS?

Nenhuma formalidade: nem de inscrição, nem de distintivo, nem de outro qualquer género. Não se trata de Associação, de Companhia, de Irmandade ou Confraria, mas dum CAMINHO ESPIRITUAL aberto a todas as almas que se sintam chamadas a abraçá-lo.

Requer-se ao menos uma Consagração especial?

E' natural que a alma que se sente chamada a este caminho, sinta também necessidade de principiá-lo com especial consagração de si mesma ao Amor. Assim succedeu à primeira "PICCOLÍSSIMA" e a outras que já depois

entraram a formar parte do pequeno esquadrão privilegiado.

Como fazer esta consagração?

Não há modalidade nenhuma estabelecida. A exemplo da primeira "PICCOLISSIMA", aconselhamos:

1 — Fixar um dia, preferivelmente um dia de Festa de Nosso Senhor, ou da Virgem SS^a, ou uma Primeira Sexta-Feira do mês.

2 — Preparar-se com uma novena ou tríduo de maior recolhimento e oração.

3 — No dia assim fixado, ouvir a Santa Missa e, no momento da Sagrada Comunhão, pronunciar a própria Consagração como ALMA PEQUENÍSSIMA, confiando-a ao Sagrado Coração por mãos de Maria Imaculada, — terminando tudo com a recitação fervorosa do MAGNIFICAT.

E' necessária fórmula especial de consagração?

Não. A alma é livre de expressar a própria adesão e entrada para o PEQUENÍSSIMO CAMINHÓ DO AMOR, como mais lhe agradar, como lhe ditar o coração.

Mas, não seria interessante sugerir uma fórmula?

Quem quiser pode seguir esta:

CORAÇÃO SS^o DE JESUS, QUE TANTO HAVEIS AMADO OS HOMENS, E DELES OUTRA COISA NÃO PEDIS SENÃO AMOR, EU, MOVIDO (MOVIDA) DO DESEJO DE APAGAR A SEDE ARDENTE DE AMOR EM QUE SE ABRASA O VOSSO CORAÇÃO DIVINO, ME CONSAGRO A VÓS, PELAS MÃOS DE MARIA IMACULADA, COMO *alma pequenissima*, COMPROMETENDO-ME A OFERECER-VOS O ACTO INCESSANTE DE AMOR, A DIZER "SIM" A TODOS COM UM SORRISO E "SIM" A TUDO COM ACÇÃO DE GRAÇAS.

ACOLHEI, BOM JESUS, ESTE MEU ACTO DE CONSAGRAÇÃO, SUBMERGI-O EM VOSSO PRECIOSÍSSIMO SANGUE, DOTAIO DA VOSSA GRAÇA OMNIPOTENTE, PARA QUE EU VOS SEJA FIEL ATÉ À MORTE E O ACTO INCESSANTE DE AMOR, COMEÇADO NA TERRA, POSSA ETERNIZAR-SE NO CÉU. CORAÇÃO DE JESUS, SEDENTO DE AMOR E DE ALMAS, FAZEI DE MIM UMA DAS VOSSAS PEQUENAS VÍTIMAS DE AMOR, PARA QUE POSSA COOPERAR ARDENTEMENTE CONVOSCO E COM A NOSSA MÃE NA SALVAÇÃO DAS ALMAS. ASSIM SEJA.

Esta consagração traz consigo alguma obrigação que ligue a alma sob pena de pecado?

De modo nenhum. Nem pecado mortal, nem pecado venial, nem nada, absolutamente nada. Por conseguinte não cometeria culpa de nenhuma espécie quem voltasse atrás no caminho abraçado, como tão pouco quem desculpasse voluntariamente o exercício do acto incessante de amor. Sòmente se privaria do mérito e do fruto dos actos de amor omitidos.

Como deve proceder a alma que se sente atraída para este caminho?

Deve proceder sem precipitação, calma e reflectidamente, procurando certificar-se de que tal impulso seja realmente fruto da graça de Deus e não proveniente de efêmero entusiasmo. Fará bem, por isso, em pedir luz a Deus, com oração mais assídua, e em exercitar-se por algum tempo, sem compromisso formal, no exercício do acto incessante de amor. E só depois de ter experimentado encontrarem-se bem coração e espírito neste caminho, e que ele lhe aproveita para a vida sobrenatural, é que poderá então fazer a sua Consagração como ALMA PEQUENÍSSIMA.

Quem é a Protetora das almas PEQUENÍSSIMAS?

E' Maria SS^a Menina: tanto porque a Obra nasceu durante a Novena da Natividade de Nossa Senhora, como porque Nossa Senhora foi de facto a primeira e a mais perfeita das "PICCOLÍSSIME": a sua vida, do primeiro ao último instante, foi real e efectivamente um acto incessante de amor e de caridade perfeitíssima, na aceitação contínua da Divina Vontade.



O R A Ç Ã O

PARA OBTER GRAÇAS POR INTERMEDIO DE SÓR CONSOLATA

Ó Jesus, que em Sór Consolata Betrone Vos dignastes eleger uma ardente apóstola do Vosso Divino Coração, para difundir no mundo a Vossa doutrina acerca do ACTO INCESSANTE DE AMOR, e estabelecer na Igreja o PEQUENÍSSIMO CAMINHO DO AMOR, nós Vos suplicamos queirais glorificá-la na terra, como piamente cremos a glorificastes já no Céu, para demonstrardes ao mundo a origem divina e a eficácia deste novo caminho espiritual. Com este fim e por sua intercessão Vos pedimos a graça que tanto ansiamos. . . com firme confiança de sermos ouvidos, se for para bem de nossas almas. Jesus, Maria, amo-Vos, salvai almas!

(ACOMPANHAR O TRÍDUO OU NOVENA DE ORAÇÕES COM A SAGRADA COMUNHÃO).

“JESUS, MARIA, AMO-VOS, SALVAI ALMAS!” (Esta jaculatória foi indulgenciada por Sua Emin.ª o Card. Fossati, Arceb. de Turim com 300 dias de indulgência).

Quem receber graças por intercessão de Sór Consolata Betrone, fará coisa grata se enviar noticia delas ao seguinte endereço: MONASTERO DELLE CAPPUCINE — TESTONA (Turim — Itália); ou ainda aos editores do presente livro: — PAULINOS, Caixa postal 626, Fortaleza (Ceará, Brasil) —, onde também se podem obter estampas (santinhos) de Sór Consolata.



ÍNDICE

| | |
|--|--------|
| APRESENTAÇÃO | pág. 5 |
| I — NA ESTEIRA DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS | |
| Sóror Consolata e a " <i>História Duma Alma</i> " | 9 |
| O Mesmo Espírito | 12 |
| Preferências Divinas | 17 |
| ...E Divinas Complacências | 21 |
| II — VIDA DE AMOR E VIRTUDES CRISTAS | |
| Crer no Amor | 27 |
| Esperar no Amor | 33 |
| Confiar no Amor | 44 |
| Amar o Amor | 61 |
| III — VIDA DE AMOR E PERFEIÇÃO CRISTÃ | |
| Amor e Santidade | 66 |
| Amor e Intimidade com Jesus | 71 |
| Intimidade de Amor em Virgindade de Espírito | 75 |
| O Amor dá tudo a Jesus ... | 88 |
| O Amor tudo recebe de Jesus | 93 |
| Alguns Frutos da Vida de Amor | 99 |
| IV — REALIZAÇÃO PRÁTICA DA VIDA DE AMOR NO ACTO INCESSANTE DE AMOR | |
| Viver num Acto de Perfeito Amor | 105 |
| Conveniência duma Fórmula | 106 |
| A Fórmula do Acto Incessante de Amor | 107 |
| Como há de entender-se o Acto Incessante de Amor | 109 |
| As Divinas Exigências do Acto Incessante de Amor | 111 |
| Fecundidade Espiritual do Acto Incessante de Amor | 118 |

V — PERFEIÇÃO DA VIDA DE AMOR NA
PERFEIÇÃO DO ACTO INCESSANTE
DE AMOR

| | |
|---|-----|
| Premissa | 124 |
| Continuidade de Amor no Acto Incessante de Amor | 126 |
| Virgindade de Amor na Virgindade do Acto de Amor | 134 |
| Intensidade de Amor na Intensidade do Acto de Amor | 139 |
| Amor de Abandono e Acto Incessante de Amor | 143 |

VI — O ACTO INCESSANTE DE AMOR NA
VIDA ESPIRITUAL DE SÓR CONSOLATA

| | |
|---|-----|
| Acto de Amor e Orações Vocais | 151 |
| Acto de Amor e Meditação | 154 |
| Acto de Amor e Leituras Espirituais | 158 |
| Acto de Amor e Exame Particular | 162 |
| Acto de Amor e Retiro Espiritual | 163 |
| O Acto de Amor nos diversos Estados de Espírito | 165 |
| Nos cumes do Heroísmo pelo Acto Incessante de Amor | 169 |

VII — UM FRUTO CONCRETO DA DIVINA
MENSAGEM: A OBRA DAS “PICCOLIS-
SIME”

| | |
|---|-----|
| Jesus manifesta a Sór Consolata a Obra das “ <i>Piccolissime</i> ” | 171 |
| A Consagração da Primeira “ <i>Piccolissima</i> ” .. | 175 |
| Sór Consolata e a Obra das “ <i>almas pequenís- simas</i> ” | 179 |
| As Almas Pequeníssimas e Maria | 181 |
| As “ <i>Piccolissime</i> ” e Sór Consolata | 182 |
| Morte da Primeira “ <i>Piccolissima</i> ” | 184 |
| Sór Consolata às Almas Pequeníssimas | 192 |
| Às não “ <i>Piccolissime</i> ” | 193 |
| O Acto Incessante de Amor e a Prática das Virtudes | 196 |

VIII — R E C A P I T U L A N D O

| | |
|--------------------------------|-----|
| Volta: às Origens | 198 |
| O Mal e o Remédio | 199 |
| O Novo Dom do Coração de Jesus | 202 |
| A Ti, Senhor! | 204 |

A P Ê N D I C E

| | |
|---|-----|
| Esclarecimentos ácerca da Obra das Almas Pequeníssimas | 206 |
| Oração para obter Graças por Intercessão de Sór Consolata Betrone | 211 |

A. M. D. G. V. M.

† Livros Católicos para Download





† Livros Católicos para Download

